
SÉRIE
Clássicos Cristãos
J.R. Miller
Lar
CRISTÃO
Legado Reformado

Lar
CRISTÃO

Lar Cristão

Direitos Autorais © 2022 Legado Reformado.

Título original: *Home Making*

Originally published in English by GraceGems, with all foreign language ministry rights owned by them.

Legado Reformado
www.legadoreformado.com
Produção Editorial:
Editor: Henrique Curcio
Tradução: Henrique Curcio
Revisão: Jacqueline Moura
Revisão: Diego Moura
Capa: Erik Anderson

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo qualquer indicação específica. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer maneira sem permissão por escrito, exceto nos casos de breves citações contidas em artigos ou revistas. Direcione sua solicitação ao editor no seguinte endereço: permissões@legadoreformado.com.

Audiobooks do Legado Reformado

Link do nosso Spotify

https://spoti.fi/3FXSzEH

Link do nosso canal no Youtube

https://www.youtube.com/@legadoreformado6520

Mídias Socias e outros Links

Link do nosso Site:

https://www.legadoreformado.com

Link do nosso Instagram:

https://www.instagram.com/legadoreformado/

Link dos nossos livros na Amazon:

https://amzn.to/3PFIijN

Como ajudar nosso ministério

Nosso foco é glorificar a Deus e abençoar nossos irmãos em Cristo com nossas traduções. Por esse motivo decidimos fazer todo o nosso conteúdo digital de maneira gratuita. **Caso você deseje ajudar o nosso ministério, você poderá:**

1. **Seguir nosso Instagram: www.instagram.com/legadoreformado/**
2. **Comprar uma cópia física;**
3. **Fazer uma doação para o Pix: CNPJ 47.268.109/0001-78**;
4. **Traduzir, Revisar ou Narrar (contato@legadoreformado.com)**
5. **Deixar uma avaliação no site da Amazon, para que outras pessoas possam saber sobre esse conteúdo gratuito**.

Oremos para que Deus possa usar esse conteúdo para edificar a Sua Igreja.

Que Deus o abençoe.

ÍNDICE

A VIDA DE CASADO
O MARIDO CRISTÃO
A ESPOSA CRISTÃ
A PARTE DOS PAIS
A PARTE DAS CRIANÇAS
IRMÃOS E IRMÃS
A VIDA DOMÉSTICA
RELIGIÃO EM CASA
MEMÓRIAS DE CASA
QUEM FOI J. R. MILLER?
OUTROS TÍTULOS PRODUZIDOS POR NÓS

“Com a sabedoria edifica-se a casa, e com a inteligência ela se firma; pelo conhecimento se encherão as câmaras de toda sorte de bens, preciosos e deleitáveis”.

(Provérbios 24:3,4)



A VIDA DE CASADO

Os lares são as fontes da vida divinamente ordenadas. Não é por acaso que as pessoas vivem em famílias, e não sozinhas. A raça humana começou em uma família, e o Éden era um lar. A bênção divina sempre repousou sobre nações e comunidades, exatamente na medida em que aderiram a essa instituição familiar e mantiveram o casamento e o lar puros e sagrados; e a praga e a maldição vieram exatamente na medida em que se afastaram desses modelos divinos, desonrando o casamento e derrubando as paredes sagradas do lar.

Atrás da casa está o casamento. O dia do casamento lança sua sombra no futuro distante. Tal sombra é uma sombra de cura e bênção. Em um conto da vida medieval inglesa, uma donzela ia antes da festa nupcial, pelo caminho da igreja, espalhando flores

em seu caminho. Isso significava que sua vida de casada deveria ser de alegria e prosperidade.

Quase universalmente, as cerimônias e festividades de casamento têm alguma característica de significado semelhante, sugerindo que a ocasião é de alegria. Em alguns países, as flores são usadas nas coroas das noivas. Em alguns, as flores são transformadas em guirlandas para a cintura. Em outros, elas são carregadas na mão ou usadas no cabelo ou no peito. A música que toca é sempre alegre, implicando que a cerimônia é de alegria peculiar. Em alguns lugares, também, sinos de casamento são tocados e seus repiques e melodia são sempre alegres.

Todos esses e outros costumes nupciais indicam que o mundo considera o casamento como o dia culminante da vida, um evento da mais alta felicidade, uma ocasião para as felicitações mais entusiásticas. No entanto, nem sempre essas felizes profecias são cumpridas. Às vezes as flores murcham, a música torna-se discordante e os repiques do casamento desaparecem em apenas uma lembrança de alegria. Não deveria ser assim. Não é assim quando o casamento é verdadeiro e quando a vida conjugal é governada pelo amor. Quando o casamento é verdadeiro, a coroa nupcial permanece fresca e perfumada até que seja colocada sobre o caixão, pelas mãos amorosas de quem sobreviveu para fechar os olhos do outro; e a música nupcial e o repicar dos sinos continuam a ecoar em tons de alegria e paz até silenciar em soluços de tristeza quando os cantores cantam em lamentos e os sinos dobram o número dos anos findos.

O casamento destina-se a trazer alegria. A vida de casado deve ser a vida mais feliz, plena, pura e rica. É o próprio ideal de Deus de completude. Foi quando viu que não era bom que o homem ficasse só, que a mulher foi feita e trazida até ele para suprir o que faltava. A intenção divina, portanto, é que o casamento traga felicidade e aumente a plenitude da vida de ambos, marido e mulher. Em um casamento nenhum dos dois perde, mas ambos ganham.

> *Se, em qualquer caso, deixar de ser uma bênção e de produzir alegria e uma vida mais rica e plena, a culpa não é da própria instituição, mas daqueles que, sob sua sombra, falham em cumprir suas condições.*

As causas do fracasso podem ser anteriores ao altar do casamento, pois muitos estão unidos em matrimônio, mas que nunca deveriam ter entrado em tal união. Muitos que poderiam alcançar a mais elevada felicidade na vida conjugal, falham em fazê-lo porque não aprenderam o segredo de viver felizes juntos. Para evitar o erro anterior, o caráter sagrado e as solenes responsabilidades do casamento devem ser bem compreendidos e ponderados por todos os que desejam entrar nele. O casamento é uma ordenança divina. Fazia parte da intenção original de Deus quando criou o homem. Não é um mero arranjo humano, não é algo que surgiu como uma conveniência ao longo da história dos tempos. Não foi concebido por nenhum legislador terreno. Não é

um costume em que os homens caíram, nos primeiros dias. O selo da intenção e ordenação divina está sobre ele.

Como relacionamento, é o mais próximo e sagrado da terra. A relação entre pais e filhos é muito próxima. As crianças são ensinadas em todas as Escrituras a honrar seus pais, reverenciá-los, apegar-se a eles, iluminar e abençoar suas vidas de todas as maneiras possíveis. No entanto, a relação matrimonial é colocada acima da filial, pois um homem deve deixar seu pai e sua mãe, desistir de seu antigo lar com todos os seus laços sagrados e memórias, e unir-se à sua esposa. Após o casamento, os primeiros e mais elevados deveres do marido são para com a esposa e os da esposa para com o marido. Os dois devem viver um para o outro. Vida é para ser perdida por vida. Qualquer outro interesse passa a ser secundário ao interesse doméstico.

Então a relação matrimonial é indissolúvel. Os dois se tornam um no sentido mais completo e verdadeiro. Cada um está incompleto antes de se casar; o casamento é a união de duas metades, em um todo completo. É o entrelaçamento de duas vidas em uma união tão próxima e real, que não são mais duas, mas uma; tão próximos que nada além da morte ou o único crime de infidelidade ao próprio vínculo matrimonial, pode desuni-los.

O casamento, portanto, não é um contrato anulável por vontade de uma ou de ambas as partes. Pode ser descoberto depois que o casamento foi formado, que as partes se casaram mal. Pode-se encontrar no outro, traços ou hábitos antes insuspeitos, que parecem tornar impossível a felicidade na união; o

marido pode ser cruel e abusivo ou a esposa mal-humorada, extravagante ou um fardo. No entanto, as Escrituras são muito explícitas em seus ensinamentos, que o laço, uma vez formado, é indissolúvel. Há um crime, um tipo de pecado, disse o puro e santo Jesus, que, se cometido por qualquer um, deixa o culpado como morto, e o outro livre. Mas, além disso, o ensino de Cristo não reconhece nenhuma outra separação legal do vínculo matrimonial.

Quando duas pessoas estão no altar do casamento e de mãos dadas prometem diante de Deus e na presença de testemunhas humanas tomar um ao outro como esposa e marido, manter e cuidar um do outro; somente a morte, então, pode soltar suas mãos. Cada um visa, de maneira sagrada, a felicidade e o bem maior do outro até o fim da vida.

Em vista da sacralidade e indissolubilidade dessa relação, e dos muitos interesses ternos e de longo alcance inerentes a ela, é de extrema importância dizer que o maior cuidado deve ser tomado antes do casamento, para garantir que a união seja verdadeira, para que as duas vidas se misturem docemente e que para que cada um seja capaz de fazer a outra parte, imensuravelmente feliz. No entanto, por mais óbvio que seja o fato, não obstante, é profundamente importante que ele seja considerado. Se houvesse uma premeditação mais sábia e honesta com relação ao casamento, haveria menos pensamentos posteriores de arrependimento e lamentação.

O casamento não é o alívio para todos os males da vida. Por si só, não conduz invariável e necessariamente a tudo o que é nobre

e belo na vida. Embora suas possibilidades de felicidade e bênção sejam tão grandes, suas possibilidades de fracasso não devem ser ignoradas. Somente uma vida conjugal verdadeira e sábia, apenas a mais verdadeira e sábia, alcançará as bênçãos da relação matrimonial ideal.

A primeira lição a ser aprendida e praticada é a paciência amorosa. Requer algum tempo para trazer quaisquer duas vidas em perfeito uníssono, de modo que elas se misturem em cada acorde e tom. Não importa o quão íntimas as relações possam ter sido antes, nenhum dos dois sabe muito sobre a vida real do outro, até que todas as paredes de separação e todos os véus mais finos sejam removidos.

Noivas e noivos se veem com bastante frequência antes do casamento, mas é duvidoso que, via de regra, eles realmente saibam muito sobre a vida interior um do outro. Mesmo sem nenhuma intenção de esconder seu verdadeiro eu, é somente após o casamento que o relacionamento deles se torna completo. Existem graças de caráter e disposição que são descobertas pela primeira vez; e também há falhas, peculiaridades de hábito, de gosto, de temperamento, nunca suspeitadas antes, que então se revelam.

Mas suponha que depois de casados os perigos da vida conjugal foram encontrados. Alguns ficam desapontados e desencorajados pela descoberta desses pontos de incompatibilidade, essas possibilidades de discórdia, concluindo imediatamente que seu casamento foi um erro e deve

necessariamente ser um fracasso. Seu lindo sonho é destruído e eles não fazem nenhum esforço para construí-lo novamente.

Mas realmente tudo o que é necessário é paciência sábia e amorosa. Não há motivo para desânimo, muito menos para desespero. É perfeitamente possível, apesar da descoberta desses pontos de atrito e incompatibilidade, alcançar o mais alto ideal da vida conjugal. É como o encontro de dois rios. A princípio, há confusão, excitação, comoção e aparente conflito e contenda à medida que os dois fluem juntos; e parece que eles nunca se misturarão; mas em pouco tempo eles se unem em uma ampla corrente pacífica, rolando em majestade e força, sem um traço de conflito.

Assim, quando duas vidas independentes, com diversos hábitos, gostos e peculiaridades se encontram pela primeira vez para serem unidas em uma, há embaraço, há perplexidade, há aparente conflito e há o choque em muitos pontos. Às vezes pode parecer que eles nunca poderiam se misturar em uma só correnteza, pois eles pensam que conflito deve continuar irremediavelmente para sempre; mas com amorosa paciência os dois se fundirão e se unirão no devido tempo em uma vida mais nobre, mais forte, mais plena, mais profunda, mais rica e seguirão em calma e paz.

A harmonia perfeita não pode ser forçada em um dia, na verdade não pode ser forçada de forma alguma, mas deve vir através da gentileza e talvez somente depois de muitos dias. Deve haver uma adaptação mútua e deve haver tempo para isso. O

dever presente é o amor altruísta. Cada um deve esquecer de si mesmo, e dedicar-se ao interesse do outro. Cada um deve culpar a si mesmo e não ao outro, quando algo dá errado. Deve haver a tolerância maior e mais gentil.

A impaciência pode destruir tudo. Uma palavra afiada pode retardar o processo de união de almas por meses. Deve haver determinação da parte de ambos para tornar o casamento feliz e vencer tudo o que estiver no caminho. Então as próprias diferenças entre as duas vidas se tornarão seus pontos de união mais próximos. Quando tiverem passado pelo processo de fusão, embora possa ser doloroso e perigoso no momento, o resultado será uma vida conjugal de profunda paz, alegria serena e afeição inseparável.

Outro segredo da felicidade na vida de casado é a cortesia. Por que lei da natureza ou da vida é que, depois que os sinos do casamento cessam e eles se estabelecem em suas próprias casas, tantos maridos e esposas abandonam as encantadoras pequenas amenidades e refinamentos de maneiras um para com o outro? Por que abandonam tão invariavelmente e deliciosamente aquilo que caracterizou sua interação antes do casamento? Não há mais necessidade dessas civilidades? Eles estão tão seguros agora do amor um do outro que não precisam expressá-lo, seja em palavras ou atos afetuosos? O amor conjugal é uma planta tão forte, vigorosa e auto-suficiente que nunca precisa de sol, chuva ou orvalho? A polidez que é tão necessária na nossa interação com o mundo exterior, não seria necessária quando estamos sozinhos

com aqueles que mais amamos? Os corações domésticos são constituídos de maneira tão peculiar que não sofrem ou se ofendem por coisas que nunca seriam perdoadas em nós, se feitas na sociedade comum? Não temos a obrigação de ser respeitosos e honrar nossos amigos mais queridos? Por acaso, não deveríamos ter tal civilidade também em nossas casas?

Pelo contrário, não há lugar no mundo onde as comodidades da cortesia devam ser mantidas com tanto cuidado como no lar. Não há corações que anseiam tanto por expressões de afeto, como os corações dos quais temos mais certeza. Não há amor que precise tanto de seu pão diário, como o amor que é mais forte e mais santo. Não há lugar onde a grosseria ou a incivilidade sejam tão imperdoáveis, como dentro de nossas próprias portas e para com aqueles que mais amamos! Quanto mais terno e verdadeiro o amor, mais ele anseia por mil pequenas atenções e gentilezas que tanto satisfazem o coração!

Os presentes caros no Natal e no aniversário são apenas zombarias, se os dias intermediários estiverem vazios de expressões afetuosas. Joias e sedas nunca vão compensar a falta de calor e ternura. Entre marido e mulher deve ser mantida, sem interrupção ou pausa, a mais perfeita cortesia, a mais gentil atenção, a mais altruísta amabilidade e a maior afeição!

Coleridge diz: “A felicidade da vida é composta de frações mínimas, é composta das pequenas caridades logo esquecidas, de um beijo ou um sorriso, de um olhar gentil, de um elogio sincero e dos incontáveis pensamentos agradáveis e sentimentos

amorosos”. Isso pode parecer insignificante, e a omissão deles pode ser considerada indigna de consideração; mas eles são o pão diário do amor, e os corações ficam famintos quando tais coisas são omitidas. A princípio, pode ser apenas descuido de um marido ocupado ou de uma esposa cansada o motivo da falha nessas pequenas e doces cortesias, e pode parecer pouco importante, mas no final o resultado pode ser um afastamento cada vez maior de duas vidas que poderiam ter sido para sempre muito felizes se tivessem mantido seu amor inicial, e se tivessem nutrido e acalentado tal amor.

Outro elemento importante na vida de casado é a unidade de interesse. Existe o perigo de que as vidas conjugais se desviem, porque seus interesses quase sempre são diferentes. O marido está imerso nos negócios, em sua profissão, no intenso trabalho diário; a esposa tem seus afazeres domésticos, sua vida social, seus amigos e amizades, seus filhos; e os dois acabam não se tocando em nenhum ponto. A menos que se tome cuidado, essa separação de deveres e compromissos levará a uma separação real no coração e na vida. Para evitar isso, cada um deve manter um interesse constante e amoroso em tudo o que o outro faz. O marido deve ouvir todas as noites a história da vida doméstica do dia; seus incidentes, seus prazeres, suas perplexidades, suas provações, as palavras e ações dos filhos, o que os vizinhos que apareceram disseram, as notícias que foram divulgadas. O marido deve ter entusiasmo e simpatia em tudo o que lhe é dito. Nada que

diga respeito à esposa de seu coração deve ser pequeno demais, mesmo para o gigantesco intelecto do maior dos maridos.

Na biografia pessoal, poucas coisas são mais encantadoras e fascinantes do que os vislumbres das casas de alguns dos maiores homens da terra. Tais homens, deixando de lado os cuidados e as honras do mundo, entraram em suas próprias portas para brincar com o crianças, para ouvir sua tagarelice e conversar com interesse amoroso sobre todos os eventos e incidentes da história doméstica do dia.

Da mesma forma, toda esposa sábia e sincera desejará manter um interesse em todos os assuntos de seu marido. Ela vai querer saber de cada fardo, cada luta, cada plano e sobre cada nova ambição. Ela desejará saber qual empreendimento deu certo e o que falhou, e manter-se totalmente familiarizada e em plena sintonia com toda a vida pessoal diária dele.

Nenhum casamento é completo se não unir e mesclar as vidas conjugais em todos os pontos. Isso só pode ser garantido tornando todos os interesses comuns a ambos. Deixe os dois corações pulsarem com a mesma alegria e compartilhar cada pontada de tristeza. Deixe que os mesmos fardos recaiam sobre os ombros de ambos. Que toda a vida seja em comum.

Em outro sentido ainda, suas vidas devem se misturar. Devem ler e estudar juntos, tendo a mesma linha de pensamento, ajudando-se mutuamente a uma cultura mental superior. Eles devem adorar juntos, orar lado a lado, comungar sobre os temas mais sagrados da vida e da esperança, e juntos levar aos pés de

Deus o fardo de seus corações por seus filhos e por cada coisa necessária. Por que eles não deveriam conversar sobre suas provações pessoais, suas tentações peculiares, suas enfermidades, e ajudar uns aos outros pela simpatia, pela palavra corajosa e pela intercessão, para serem vitoriosos na vida? Assim, eles deveriam viver uma vida, por assim dizer, e não duas. Todo plano e esperança de cada um deve abraçar o outro. No momento em que um homem começa a deixar sua esposa fora de qualquer parte de sua vida, ou quando ela tem planos, esperanças, prazeres, amizades ou experiências das quais ela o exclui; há perigo no lar. Eles não devem ter segredos que guardem um do outro. Eles não devem ter companheiros ou amigos àqueles que eles têm em comum. Assim, suas duas vidas devem se fundir em uma só; sem pensamento, sem desejo, sem sentimento, sem alegria ou tristeza, sem prazer ou dor, não compartilhados.

No santuário interior desta vida conjugal, nenhum terceiro deve ser admitido. Em sua derivação, a palavra “casa” contém a ideia de reclusão. Ela isola seus habitantes de todas as outras formas de vida do mundo ao seu redor. Li sobre uma jovem esposa que preparou um quartinho em sua casa no qual ninguém, exceto ela e seu marido, jamais poderia entrar. Esse pequeno relato carrega uma grande verdade. Mesmo no santuário da vida doméstica, deve haver um “santo dos santos”, aberto apenas para marido e mulher, no qual nenhum outro olho jamais perscrutará, no qual nenhuma outra voz jamais será ouvida. Nenhum estranho deve se intrometer nesta vida santa, nenhum amigo íntimo deve

ouvir confidências deste santuário interior. Nenhuma janela ou porta deve ser aberta nele, e nenhum relatório deve ser feito sobre o que acontece lá dentro. A vida mesclada que eles estão vivendo deve ser entre eles e Deus somente.

Outra regra para a vida conjugal é vigiar contra todo começo de mal-entendido ou alienação. Nos destroços de muitos lares, ainda persiste a lembrança de meses ou anos de uma vida conjugal muito terna. A alienação fatal que dividiu o lar e escandalizou o mundo, começou em uma pequena diferença, que uma palavra sábia e paciente poderia ter curado. Mas a palavra não foi dita e uma palavra impaciente e imprudente foi dita em seu lugar. Por causa disso, uma brecha trivial permaneceu aberta e se alargou até que os dois corações que haviam sido unidos como um, foram separados para sempre.

Raramente as desavenças são obra de um dia ou causadas por uma ofensa; elas são desenvolvidas ao longo do tempo. É contra o início das alienações, portanto, que a vigilância sagrada deve ser mantida. Uma palavra precipitada foi dita? Lembre-se instantaneamente e peça perdão. Existe um mal-entendido? Não importa de quem seja a falha, não permita que tal mal-entendido permaneça uma hora sequer! A vida doméstica está perdendo um pouco de seu calor? Não pergunte pela causa, nem onde está a culpa, mas apresse-se em recuperar o antigo fervor a qualquer custo. Nunca permita que uma segunda palavra seja dita em uma briga. Nunca deixe o sol se pôr sobre um pensamento ou

sentimento de raiva; entre dois corações que foram unidos como um.

> *O orgulho não deve ter lugar na vida conjugal. Nunca deve haver qualquer cálculo sobre a quem cabe fazer o pedido de desculpas ou ceder primeiro ao outro. O verdadeiro amor não busca o que é seu; deleita-se em ser o primeiro a perdoar e ceder. Não há lição que maridos e esposas precisem aprender mais do que instantaneamente e sempre buscar perdão um do outro sempre que estiverem conscientes de terem causado dor ou cometido algum erro. O orgulho que nunca dirá: "Eu errei; perdoe-me", não está pronto para a vida de casado!*

Para coroar tudo, a presença de Cristo deve ser buscada na festa do casamento, e sua bênção em todos os dias da vida conjugal. Uma senhora estava imprimindo em um quadro-negro um texto para sua filhinha. O texto era: "Veio ao mundo para salvar os pecadores." Assim que ela terminou, a criança entrou na sala e começou a soletrar as palavras.

Logo ela exclamou: "Oh, mamãe, você deixou Jesus de fora!" É verdade que ela havia omitido o nome sagrado ao transcrever o verso. É uma triste omissão quando, ao estabelecer seu lar, qualquer marido e mulher deixam Jesus de fora. Nenhuma outra omissão que eles pudessem fazer causaria uma falta tão grande

na casa, como essa. Sem sua presença para abençoar o casamento, as felicitações e votos de felicidades dos amigos serão apenas palavras vazias. Sem sua bênção na vida conjugal, dia a dia, mesmo a mais plena e rica ternura de verdadeira afeição deixará de dar tudo o que é necessário para satisfazer os corações famintos. Sem a bênção divina, toda a beleza, a alegria, o tesouro que a terra pode dar a um lar não trará a paz que não pode ser quebrada a qualquer momento.

Certamente há responsabilidades muito grandes, interesses preciosos demais para se aventurar na vida de casado sem Cristo. As lições são muito difíceis de aprender para serem aprendidas sem um Mestre divino. As cargas são muito pesadas para serem suportadas sem um poderoso Ajudador. Os perigos do caminho são muitos para serem percorridos sem um Guia infalível. Os deveres são muito delicados, e as consequências do fracasso neles são muito abrangentes e terríveis, para serem assumidos sem sabedoria e ajuda de cima!



O MARIDO CRISTÃO

Cada membro da família tem uma parte na vida familiar, e a mais plena felicidade e bem-aventurança do lar só pode ser alcançada quando a parte de cada um é fielmente cumprida. Se algum membro da família falha no amor ou no dever, a falha afeta toda a vida da família; assim como uma voz discordante em uma companhia de cantores estraga a música.

O marido tem uma parte só dele, que nenhum outro pode exercer. Como a Palavra de Deus define seus deveres? O que está envolvido em sua parte na relação matrimonial? O que ele deve a sua esposa? Uma palavra exemplifica tudo. O amor. “Maridos, amai vossa mulher” é o comando com toda a autoridade divina. Este conselho é curto, mas torna-se extremamente longo quando é totalmente compreendido, aceito e observado.

Quais são algumas das coisas incluídas no amor do marido?

Uma é o carinho e consideração afetuosa. Quando um homem oferece sua mão em casamento a uma mulher, ele diz por seu ato que seu coração a escolheu entre todas as mulheres e que ele tem por ela uma afeição mais profunda do que por qualquer outra. No altar do casamento, ele promete solenemente a ela a continuação desse amor até a morte. Quando a beleza desaparecer de seu rosto e o brilho de seus olhos; quando a velhice trouxer rugas, ou quando a doença ou a tristeza deixarem suas marcas; o amor do marido fiel deve permanecer profundo e verdadeiro como sempre. Seu coração ainda estará direcionado para encontrar seu verdadeiro deleite nela.

Mas a Palavra implica mais do que mera afeição emocional. As Escrituras dão a medida do amor que os maridos devem ter por suas esposas. “Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5:25). O verdadeiro marido que realiza tudo o que envolve este mandamento divino, deixa seu egoísmo morrer no altar do casamento. Ele não pensa mais em seu próprio conforto, mas no de sua esposa. Ele nega a si mesmo para que possa trazer novos prazeres e confortos para ela. Ele considera nenhum sacrifício muito grande a ser feito, se apenas tal sacrifício trouxer benefícios para ela.

A esposa cede tudo ao marido, entrega-se no sentido mais amplo. Ela será fiel na santa confiança depositada em suas mãos. Ele apreciará a felicidade dela como uma joia preciosa, suportando todas as coisas por causa dela. Ele vai buscar o bem maior dela, ajudando ela a construir em si a mais nobre feminilidade. Por acaso, tal homem não é digno de receber sob sua guarda tudo o que o amor dela deposita a seus pés?

Todo marido deve entender que quando uma mulher, a mulher de sua livre e deliberada escolha, coloca a mão na dele e assim se torna sua esposa, ela entregou sua vida, com todas as suas esperanças e medos, todas as suas possibilidades de alegria ou tristeza, toda a sua capacidade de desenvolvimento, todos os seus ternos e sagrados interesses, e colocou-os em suas mãos. Ele está então sob a mais solene obrigação de fazer tudo ao seu alcance para tornar a vida dela feliz, nobre e abençoada. Para fazer isso, ele deve estar pronto para fazer qualquer sacrifício pessoal. Nada menos pode ser implícito em amar como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela.

Este amor implica a máxima gentileza no modo de lidar. Alguém pode ser muito fiel e verdadeiro e ainda não ter aquela afeição na fala e no ato que tem tanto poder de satisfazer o coração. As Escrituras advertem os maridos a amarem suas esposas e a não serem amargos contra elas. O ensinamento é que toda amargura deve ser suprimida nas próprias obras do coração e transformada em doçura.

Todos os maridos são inocentes a esse respeito? Não há ninguém que fale palavras afiadas que ferem? Nenhum homem que realmente ama sua esposa, intencionalmente causaria dor a ela! O problema é que os homens muitas vezes caem em hábitos descuidados em casa, que não exercem na sociedade. Eles se orgulham de sua consideração e espírito sensível em público, mas em casa com muita frequência são rudes, descuidados no falar e descuidados com suas palavras e ações. Esquecem-se de que suas esposas são mulheres de espírito gentil, que se magoam facilmente. Um homem pensa que, porque uma mulher é sua esposa, ela deve saber que ele a ama mesmo que seja rude com ela, que ela deve suportar qualquer coisa que ele diga ou faça, mesmo que seja algo que magoaria ou ofenderia gravemente qualquer outra mulher.

Nunca houve uma premissa mais falsa do que esta! Por ela ser sua esposa, ele deve a ela a maior cortesia que pode pagar. Não há outro de cujos sentimentos ele deva ser mais cuidadoso e a quem ele deva sofrer mais por ter ferido do que sua própria esposa. Mas não basta que os homens não sejam amargos contra as esposas deles. É um passo na direção certa quando, em vez de amargura, suas palavras, atos e comportamento inteiro são caracterizados por gentileza e afeição.

No entanto, também existem homens que não falam palavras amargas, mas poucas palavras gentis e ternas saem de seus lábios. O antigo calor do marido recém-casado desapareceu e o discurso tornou-se frio e profissional. A mera ausência de uma

falha ou vício não é necessariamente uma virtude. O silêncio é sem dúvida melhor do que a amargura, e a frieza melhor do que a grosseria. Um jardim sem ervas daninhas, embora sem plantas ou flores, é melhor do que um canteiro de ervas daninhas; mas um jardim bonito e perfumado com flores é ainda melhor.

Embora a gentileza deva sempre marcar a atitude do marido em relação à esposa, há ocasiões que exigem considerações peculiares e expressões de simpatia. Às vezes ela está muito cansada. As preocupações do dia têm sido extraordinariamente difíceis e as coisas não têm corrido bem em casa. Seus nervos trêmulos foram extremamente sobrecarregados. Uma criança ficou doente ou por alguma desobediência tal criança quase partiu seu coração. Qual é a parte do marido nessas horas? Certamente, se ele é capaz de ternura, ele deverá demonstrar nesse momento. Ele procurará aliviar o fardo, aquietar o coração trêmulo e comunicar força e paz. Toda esposa deve ter certeza de que seu marido a entenderá, que ele a tratará com muita gentileza, que dará sua própria força para protegê-la, que compartilhará sua própria vida para edificar a dela. Ela nunca deveria duvidar de que ele simpatizaria com ela, seja o que for, que a tente. Ela nunca deveria ter medo de repulsa ou frieza quando foge para ele em busca de abrigo. O que Cristo é para Seu povo em seu cansaço, tristeza e dor, todo marido em sua própria medida deve ser para sua própria esposa!

O espírito de amor exige que o marido honre a esposa. Ele a honrava antes que ela fosse sua esposa. Ele viu nela seu ideal de

tudo que era nobre, amável e majestoso. Ele mostrou a ela todas as marcas de honra de que sua alma era capaz. Agora que ele a elevou ao trono de seu coração, ele a honrará menos? Não menos, mas cada vez mais, se ele for um verdadeiro marido e um homem viril. Ele tomou ela agora na relação mais próxima e sagrada na terra. Ele ligou a vida dela à dele, de modo que doravante qualquer coisa que afete um, afetará a ambos. Se um é exaltado, o outro é exaltado; se um é desonrado, o outro também é desonrado. Definitivamente, há mais motivos para ele honrá-la agora do que havia antes dela ter se tornado sua esposa.

As maneiras pelas quais ele deve mostrar sua honra são incontáveis. Ele fará isso suprindo as necessidades dela em uma escala tão generosa quanto sua posição e seus meios justificarem. Ele fará isso fazendo dela a participante de toda a sua vida. Ele irá aconselhar-se com ela sobre seus negócios, aconselhá-la sobre cada novo plano e falar a ela todos os pontos e os resultados de seus empreendimentos. Uma esposa para ele não é uma criança. Quando ele a escolheu para ser sua esposa, ele acreditou que ela era digna.

Mas mesmo que ela não seja qualificada para ajudá-lo em seus planos de negócios, ela o ama e está profundamente interessada em tudo o que ele está fazendo. Ela fica feliz por estar em todos os seus conselhos e, assim, elevada ao lado dele no trabalho de sua vida; e ele também se torna mais forte para o dever enérgico e para a realização heroica, por sua simpatia calorosa e pela inspiração de seu encorajamento alegre. Quer o dia traga derrota

ou vitória, fracasso ou sucesso, ele deve compartilhar tudo com ela à noite. Se o dia foi próspero, ela tem o direito de compartilhar a gratificação; se foi adverso, ela desejará ajudar o marido a carregar seu fardo e sussurrar uma nova palavra de coragem em seu coração. Um homem não apenas falha em dar a devida honra à sua esposa quando a exclui, mas também quando se priva daquela inspiração e ajuda que toda verdadeira esposa é capaz de ministrar ao marido.

Muitas vezes é a própria ternura de sua consideração por sua esposa, que o leva a afastar dela coisas que lhe causariam angústia ou ansiedade mental. Ele não supõe que ela poderia ajudá-lo a resolver as questões desconcertantes ou a suportar os pesados fardos. O altruísmo afetuoso no marido, exerce um esforço para protegê-la de uma ansiedade profunda e cargas pesadas. Mas não há dúvida de que, em circunstâncias comuns, tal curso é errado e imprudente. É roubar da esposa o privilégio amoroso de compartilhar toda a vida do marido.

Quando um homem toma uma mulher para ser sua esposa, ele liga a vida dela à sua, no mais íntimo de todos os relacionamentos terrenos. O que quer que diga respeito a ele também diz respeito a ela. Ele não tem interesses que não sejam também interessantes para ela. Ele deve, portanto, torná-la participante de toda a sua vida. Ela deveria saber de todos os seus sucessos e triunfos, e ter permissão para se alegrar com ele em sua alegria. Se as provações vierem, ela também deve saber delas, para que possa simpatizar com ele, encorajá-lo e ajudá-lo em suas lutas e ficar perto dele

quando as sombras repousarem sobre ele. Eles uniram suas vidas, “para o bem ou para o mal”, e devem compartilhar as dores, assim como os prazeres que vêm para qualquer um deles. Uma verdadeira esposa não é uma criança; ela é mulher e deve ser tratada como mulher.

Um homem comete uma profunda injustiça com a mulher que escolheu para ser sua esposa, quando pensa que ela é muito frágil e delicada para suportar com ele as tempestades que sopram sobre ele; ou que ela é muito inexperiente na vida para racionalizar com ele os problemas que lhe causam pensamentos sérios e solenes. Ela pode não ter toda a sabedoria prática dele com relação aos assuntos do mundo, mas pode oferecer muitas sugestões que serão mais valiosas para ele do que o conselho de muitos homens astutos do mundo. Há muitos homens cujo sucesso teria sido maior, ou cujo o fracasso não teria ocorrido, se eles tivessem apenas procurado ou aceitado os conselhos e as ajudas de suas esposas. Mesmo que uma esposa não possa dar nenhuma ajuda prática real, seu marido ficará dez vezes mais forte em seu próprio coração, por sua solidariedade fortalecedora e bravo ânimo, enquanto ele carrega seu fardo ou trava sua batalha.

Nem é preciso dizer, além disso, que um marido deve honrar sua esposa sendo digno dela. O amor tem sido a inspiração que elevou muitos homens de um lugar humilde para alturas elevadas de valor ou poder. Muitos jovens de origem humilde almejaram donzelas muito acima em posição social. Tais jovens, incitados por

essa afeição ardente, tornaram-se dignos delas e depois as conquistaram como noiva.

Todo marido sincero deve procurar ser digno da esposa que já conquistou. Por ela, ele deve buscar as realizações mais nobres e se esforçar para alcançar as mais altas alturas de caráter. Para ela, ele deve ser o ideal de tudo o que é viril, e deve procurar tornar-se cada dia mais digno da homenagem que ela lhe presta. Todas as possibilidades em sua alma devem ser desenvolvidas. Todo poder e energia latentes de sua vida devem ser trazidos à tona. Sua mão deve ser treinada sob a inspiração do amor para fazer seu trabalho mais habilidoso. Toda falha em seu caráter deve ser conquistada, todo mau hábito erradicado, e toda beleza oculta da alma deve explodir em flor perfumada, por causa dela. Ela olha para ele como seu ideal de masculinidade, e ele deve cuidar para que o ideal não seja prejudicado. Que ele nunca caia por qualquer ato indigno de sua parte, do alto pedestal em seu coração ao qual ela o elevou.

No espírito desse amor, todo marido deve ser um homem generoso. Ele nunca deve ser um tirano, bancando o déspota mesquinho em sua casa. Um homem viril tem um espírito generoso que se mostra em toda a sua vida, mas em nenhum lugar tão ricamente quanto dentro de suas própria casa. Há esposas cujas naturezas não florescem em sua melhor beleza, porque a atmosfera em que vivem é fria. Uma senhora que está sempre procurando por coisas bonitas e reunindo-as ao seu redor, trouxe da encosta da montanha um torrão de musgo. Ela o colocou em sua sala de estar e, depois de um tempo, no calor genial,

brotou do seio do musgo uma multidão de doces e delicadas flores primaveris. As sementes há muito jaziam no musgo, mas no ar frio da montanha elas nunca ganharam vida. Existem esposas nobres em lares humildes e lares nobres, que são exatamente como este musgo. Em suas naturezas existem as células de muitas excelências e as possibilidades de resultados ricos, mas mesmo assim, nela, nenhuma dessas qualidades e poderes mais ricos se manifestam. Trazer um novo calor para o lar atrairá essas células latentes de beleza guardada. O marido que deseja que a natureza de sua esposa desabroche em melhores possibilidades de caráter, influência e poder, deve criar uma atmosfera de verão para sua casa durante todo o ano.

Um marido que é generoso dentro de casa não será fechado e mesquinho do lado de fora. O coração que está sempre aberto em casa, não pode ser mantido fechado neste mundo de sofrimento. O lar próspero de um homem generoso envia muitas bênçãos e conforto para ajudar muitas vidas em dificuldades. Todo homem generoso e de grande coração espalha muito conforto entre os necessitados e sofredores, enquanto peregrina por este mundo.

Não há nada perdido por tal dispersão. Nenhuma bênção mais rica pode vir sobre um lar, do que as bênçãos daqueles que foram ajudados, que foram alimentados em suas portas, abrigados sob seu teto, ou inspirados por sua alegria e interesse bondoso. Não há memorial que qualquer homem possa fazer para si mesmo neste mundo tão duradouro e tão satisfatório quanto aquele que uma vida de altruísmo e benevolência constrói.

Todo marido de uma esposa cristã deve andar com ela em comum amor por Cristo. Há alguns maridos, no entanto, que falham nisso. Eles amam suas esposas com muita sinceridade e fazem sacrifícios por elas. Eles as protegem cuidadosamente das explosões cruéis da vida. Eles as abençoam com toda ternura e carinho. Eles as honram muito, trazendo muitas realizações nobres para depositar a seus pés, e dando-lhes honra e respeito. Eles fazem tudo o que o amor pode sugerir para tornar sua felicidade terrena plena e completa. Eles compartilham todos os fardos e caminham ao lado delas em todas as provações. Mas quando esses maridos chegam à questão da piedade pessoal e das realidades eternas, eles recuam e as deixam seguir em frente, sozinhas. Enquanto a esposa segue para o santuário para adorar, o marido espera do lado de fora. No exato ponto em que o interesse dele pela vida dela deveria ser mais profundo, ele falha completamente.

Certamente, é um grande erro deixar a esposa caminhar sozinha por este mundo, sem receber simpatia, companheirismo e apoio daquele que é seu amigo mais querido. Como pode o marido ficar de fora da parte mais sagrada de sua vida? Sem um marido cristão, ela ficará em silêncio sobre as experiências de sua alma em suas lutas espirituais, aspirações, anseios e esperanças. Ela arcará sozinha com a responsabilidade da devota criação e educação dos filhos. Sozinha, ela se curvará perante Deus em oração.

Não pode ser certo que um marido deixe sua esposa viver uma parte tão grande de sua vida sem sua companhia e simpatia. Seu amor deve procurar entrar com ela em toda experiência sagrada. De nenhuma outra maneira ele poderia dar a ela tanta alegria, como tomando seu lugar ao lado dela como um co-herdeiro da mesma graça. Isso aliviaria cada fardo, já que ele agora o dividiria com ela. Isso traria um novo brilho ao seu rosto, uma nova paz ao seu coração, um novo entusiasmo para toda a vida dela.

Isso tornaria seu casamento mais perfeito e uniria seus corações em uma união mais íntima; pois somente aqueles que percebem toda a doçura da vida conjugal, que são um em todos os pontos e em todos os sentimentos, propósitos e esperanças e cujas almas se fundem em sua parte espiritual superior bem como em sua natureza e experiências inferiores são realmente felizes. A esposa apresentaria ao próprio marido fontes de bênção e força que ele nunca conheceu antes; pois a religião de Cristo é uma realidade e põe a alma em comunicação com Deus e com fontes infinitas de conforto, ajuda e bênção. Ao compartilhar sua vida de fé, oração e devoção a Cristo, ele descobriria sua própria vida ligada ao céu!

Unidos, então, na terra em uma fé comum em Cristo, seu amor mútuo se misturando e combinando no amor de Deus, eles serão unidos também no céu em comunhão eterna! Por que os corações deveriam passar anos na terra crescendo em um, unindo vida a vida, unindo alma com alma, para uma união que não deve ir além

do vale das sombras? Por que tal união não será tecida por toda a eternidade?



A ESPOSA CRISTÃ

É uma grande honra para uma mulher ser escolhida entre todas as mulheres, para ser a esposa de um homem piedoso e verdadeiro. Ela é elevada para ser uma rainha coroada. O amor viril de seu marido colocado a seus pés, exalta-a ao trono de sua vida. Grande poder é colocado em suas mãos. Destinos sagrados são depositados em sua guarda. Ela usará sua coroa benevolentemente? Ela preencherá seu reino com beleza e bênção? Ou ela falhará em sua santa confiança? Apenas sua vida de casada pode ser a resposta.

Uma mulher pode fazer uma pausa antes de dar a mão em casamento e indagar se ele é digno, a quem ela é solicitada a se render tanto; se ele pode trazer verdadeira felicidade para a vida dela; se ele pode satisfazer os desejos de sua natureza por amor e

companheirismo; se ele é digno de ser elevado ao lugar mais alto em seu coração e honrado como um marido deve ser honrado. Ela deve fazer essas perguntas para seu próprio bem; caso contrário o sonho pode desaparecer com a coroa de flores e ela pode aprender, tarde demais, que aquele por quem ela deixou tudo e a quem ela deu tudo, não é digno de confiança sagrada e não tem poder para encher sua vida de felicidade, para despertar as cordas de seu coração ou para tocar as profundezas de sua alma.

Mas a questão deve ser virada e feita do outro lado. Ela pode ser uma verdadeira esposa para aquele que pede sua mão? Ela é digna do amor que é colocado a seus pés? Ela pode ser uma bênção para a vida daquele que a elevou ao trono de seu coração? Ele encontrará nela toda a terna beleza, todas as ricas qualidades da natureza, toda a profunda simpatia e companheirismo, todo o amor forte e edificante, todas as fontes de alegria e ajuda, que ele busca? Existe algum futuro possível para ele, que ela não poderia compartilhar? Existem necessidades em sua alma, ou fomes, que ela não pode responder? Existem acordes na vida dele que os dedos dela não conseguem despertar?

Certamente é apropriado que ela questione sua própria alma por ele, enquanto ela pede que ele questione sua alma por ela. A esposa tem uma parte na canção do amor conjugal, pois o casamento deve ser uma canção em harmonia. Ela tem em suas mãos no dia do casamento, interesses preciosos, destinos sagrados e responsabilidades sagradas, que, se reveladas à sua vista de uma só vez, podem assustar o coração mais corajoso. Sua

oportunidade é aquela que o anjo mais sublime pode cobiçar. Não apenas a felicidade de uma vida viril, mas todo o futuro de caráter, influência e crescimento depende dela.

Qual é o verdadeiro ideal de uma esposa piedosa? Não é algo elevado acima das experiências comuns da vida, não é um anjo etéreo alimentando-se de ambrosia e movendo-se nos reinos da imaginação. Em algumas cidades europeias vendem aos turistas modelos de suas catedrais feitas de alabastro, mais branco que a neve. Mas tão delicados são esses santuários de alabastro que devem ser mantidos sob coberturas de vidro ou serão sujos pela poeira; e tão frágeis que devem ser protegidos de todo toque grosseiro, para que suas lindas colunas não sejam quebradas. Eles são muito graciosos e bonitos, mas não servem a nenhum propósito elevado. Nenhum adorador pode entrar em suas portas. Nenhuma melodia sobe ao céu de seus corredores. Portanto, existem ideais de feminilidade que são muito adoráveis, cheios de encantos graciosos, agradáveis, atraentes, mas que são delicados e frágeis demais para este nosso mundo cansativo e varrido por tempestades.

Eles aparecem bem aos olhos, mas de que serviriam eles na vida que a verdadeira mulher de nossos dias tem que viver? Um sopro de ar terrestre os mancharia! Um dia de experiência real nas duras labutas da vida despedaçaria sua frágil beleza em fragmentos! É melhor buscarmos ideais que não sejam maculados por um toque grosseiro, nem soprados por uma brisa forte, e que se tornem mais belos à medida que se movem pelos caminhos de

sacrifício e labuta da vida. A verdadeira esposa não precisa ser um mero sonho de poeta, nem somente uma imagem de um artista, nem uma dama etérea, fina demais para ser usada; mas deve ser uma mulher saudável, forte, prática, trabalhadora, com uma mão para os deveres comuns da vida, mas coroada com aquela beleza que um propósito elevado e nobre dá a uma alma.

Um dos primeiros elementos essenciais em uma esposa é a fidelidade, no sentido mais amplo. O coração de seu marido confia nela com segurança. A confiança perfeita é a base de toda verdadeira afeição. Uma sombra de dúvida destrói a paz da vida conjugal. Uma verdadeira esposa, por seu caráter e por sua conduta, mostra-se digna da confiança de seu marido. Ele confia no afeto dela; ele sabe que o coração dela é inalteravelmente fiel a ele. Ele confia na administração dela; ele confia a ela o cuidado de sua casa. Ele sabe que ela é fiel a todos os seus interesses, que ela é prudente e sábia, não esbanjadora nem extravagante. É uma das coisas essenciais em uma verdadeira esposa, que seu marido seja capaz de deixar em suas mãos a administração de todos os assuntos domésticos e saber que eles estão seguros. O desperdício e a extravagância da esposa destruíram a felicidade em muitos lares. Por outro lado, muitos homens devem sua prosperidade à prudência de sua esposa e à sua sábia administração dos assuntos domésticos.

Toda verdadeira esposa faz dos interesses de seu marido, seus próprios interesses. Enquanto ele vive para ela, carregando sua imagem em seu coração e trabalhando por ela todos os dias, ela

pensa apenas no que lhe fará bem. Quando os fardos o pressionam, ela tenta aliviá-los pela simpatia, pela alegria e pela inspiração do amor. Ela entra com gosto e entusiasmo em todos os seus planos. Ela nunca é um peso para arrastá-lo para baixo; ela é a força em seu coração para ajudá-lo a fazer coisas cada vez mais nobres e melhores.

Nem todas as esposas são bênçãos para seus maridos. A mulher às vezes é comparada à videira, enquanto o homem é o forte carvalho ao qual ela se agarra. Mas existem diferentes tipos de videiras. Algumas videiras envolvem um manto de beleza e uma coroa de glória na árvore, cobrindo-a nos dias de verão com folhas verdes e no outono pendurando entre seus galhos ricos, cachos roxos de frutas. Outras videiras enroscam-se nela, para minar sua própria vida e destruir seu vigor, até que ela se levante, decadente e sem graça, despojada de seu esplendor, adequada apenas para o fogo!

Uma verdadeira esposa torna a vida de um homem mais nobre, mais forte, mais grandiosa, pela onipotência de seu amor, elevando todas as forças da masculinidade até o céu. Enquanto ela se apega a ele com santa confiança e amorosa dependência, ela revela nele tudo o que há de mais nobre e rico em seu ser. Ela o inspira com coragem e seriedade. Ela embeleza sua vida. Ela suaviza tudo o que é rude e duro em seus hábitos ou em seu espírito. Ela o veste com as graças mais suaves da masculinidade refinada e culta. Enquanto ela cede a ele e nunca desconsidera seu desejo mais leve, ela é realmente sua rainha, governando toda

a sua vida e levando-o para frente e para cima em todos os caminhos adequados.

Mas também há esposas como as videiras que se agarram apenas à praga. Sua dependência é um desamparo fraco e indolente. Elas se inclinam, mas não transmitem força. Elas se apegam, mas minam a vida. Elas não estendem a mão para ajudar. Recostam-se em sofás ou passeiam pelas ruas; sonham com romances sentimentais. Elas fofocam nas salas de estar. Elas são totalmente inúteis, e sendo inúteis, elas se tornam fardos até para o amor mais viril e terno. Em vez de tornar a vida de um homem mais forte, mais feliz, mais rica, elas absorvem sua força, prejudicam sua utilidade, impedem seu sucesso e o levam a ser um fracasso entre os homens.

Para elas, o resultado também é miséria. A dependência é bela quando não se torna fraqueza e ineficiência. A verdadeira esposa se apega e se inclina, mas ela também ajuda e auxilia. Seu marido sente a poderosa inspiração de seu amor em toda a sua vida. A labuta é mais fácil, os fardos são mais leves, as batalhas são menos ferozes, por causa do rosto que espera no silêncio do lar, por causa do coração que bate com simpatia amorosa seja qual for a experiência, por causa da voz que fala suas palavras de ânimo e encorajamento quando o trabalho do dia é feito. Nenhuma esposa sabe o quanto pode fazer para tornar seu marido honrado entre os homens, e sua vida um poder e um sucesso, por sua fidelidade leal, pela inspiração ativa de sua própria doce vida!

A boa esposa é uma boa dona de casa. Sei bem como essa observação parecerá pouco romântica para aqueles cujos sonhos de vida conjugal são tecidos com as fantasias do sentimentalismo juvenil. Mas esses frágeis sonhos de sentimentalismo não durarão muito em meio às duras realidades da vida, e então aquilo que se revelará um dos mais raros elementos de felicidade e bênção no lar será a diligência da dona de casa.

Quando os jovens se casam, raramente se preocupam com muitos pensamentos sobre os detalhes das tarefas domésticas. Seus sonhos estão acima de todas essas questões comuns. A mera menção de coisas como cozinhar, assar, varrer, tirar o pó, consertar, passar a ferro, é evitada. Nunca passa pela cabeça desses felizes amantes, que fará toda a diferença no mundo em sua vida doméstica, se o pão é doce ou azedo; se a aveia está bem cozida ou tostada; se as refeições são pontuais ou tardias. O mero pensamento de que tais assuntos comuns poderiam afetar o tom de sua vida conjugal parece uma profanação.

É uma pena desperdiçar sonhos tão requintados; mas a verdade é que eles não duram muito mais do que o eco das núpcias, ou a fragrância das rosas nupciais! Os recém-casados não ficam muito tempo dentro de suas próprias portas, antes de descobrirem que algo mais do que sentimentalismo terno é necessário para tornar sua vida doméstica um sucesso. Eles descem das nuvens quando a rotina diária começa e tocam o solo comum sobre o qual pisam os pés de outros mortais. Então eles

descobrem que são dependentes, assim como as pessoas comuns, de alguns deveres bastante comuns.

Uma das primeiras coisas que descobrem é a íntima relação entre a cozinha e a felicidade conjugal. Esse amor pode cumprir suas deliciosas profecias e realizar seus esplêndidos sonhos. Por isso, deve haver no novo lar alguns elementos muito práticos. O palácio que se erguerá no ar, elevando suas torres, exibindo suas maravilhas arquitetônicas, exibindo seus esplendores à luz do sol para a admiração do mundo, deve ter seu fundamento na terra comum, repousando sobre planos, duros e honestos.

Rocha! O amor pode construir seu palácio de sentimentos nobres e afeições ternas e doces romances, elevando-se até as próprias nuvens, e neste esplêndido lar duas almas podem habitar no gozo das mais altas possibilidades da vida conjugal; mas este palácio também deve ficar no chão, tendo pedras não poéticas e não sentimentais como sua fundação. Essa fundação é uma boa administração. Em outras palavras, bons cafés da manhã, jantares e ceias, uma casa bem cuidada, ordem, sistema, prontidão, pontualidade, bom humor. A felicidade na vida conjugal depende de coisas tão comuns como essas!

O amor é muito paciente, muito bondoso, muito gentil; e onde há amor, sem dúvida, o alimento mais simples é o maná; e os arredores mais simples são encantadores. Eu sei que o sábio disse: “Melhor é um jantar de ervas, com amor, do que um bom jantar de rosbife, com ódio!” Mas as ervas como uma dieta constante irão enfraquecer o sabor, mesmo que o amor esteja sempre presente

para temperá-las. Nestes dias de civilização avançada, é possível ter tanto o boi quanto o amor. Os maridos não são anjos neste estado mundano e, não sendo assim, precisam de uma base substancial de boa administração doméstica para a realização de seus sonhos de uma vida familiar feliz!

Certamente houve casos em que o amor muito terno perdeu sua ternura quando a causa estava na desordem e na má administração da dona de casa. Não há dúvida de que muitas alienações de coração começam na mesa onde as refeições são negligenciadas e a comida é mal preparada ou servida. A má arrumação logo expulsará o último vestígio de romance de qualquer casa! A ilusão que o amor tece sobre uma noiva idolatrada logo desaparecerá se ela se mostrar preguiçosa ou incompetente em sua administração doméstica. A esposa que manterá intacto o encanto do amor precoce ao longo dos anos e em cuja casa os sonhos do dia do casamento se tornarão realidade, deve ser uma boa dona de casa!

Em uma de suas epístolas, Paulo dá o conselho de que as jovens esposas devem ser “trabalhadoras em casa”, significando que o lar é a esfera da esposa, e que ela deve encontrar seu trabalho principal lá. Há uma glória em todas as instituições de caridade cristãs que as mulheres cristãs, especialmente nestes últimos dias, estão fundando e conduzindo com tanto entusiasmo e com notável e abundante sucesso. A mulher é dotada de dons de simpatia, de gentileza, de força inspiradora, que a ajusta

peculiarmente para ser a mensageira da misericórdia de Cristo para a angústia, tristeza e dor humanas.

Há a mais ampla oportunidade no serviço mais adequado para cada mulher cujo coração Deus tocou para ser um “anjo” ministrador para aqueles que precisam de simpatia ou ajuda. Há muitas que são livres para servir em instituições públicas de caridade, cuidando dos pobres, dos doentes, dos órfãos e dos idosos. Existem poucas mulheres que não podem fazer um pouco em uma ou mais dessas organizações de beneficência cristã.

Mas deve ser entendido que, para toda esposa, o primeiro dever é fazer e manter sua própria casa. Seu primeiro e melhor trabalho deve ser feito lá, e até que seja bem-feito ela não tem o direito de sair para assumir outros deveres. Ela deve ser uma “trabalhadora em casa!” Ela deve considerar sua casa como o único lugar na terra, pelo qual ela é a única responsável e que ela deve cultivar bem para Deus, mesmo que ela nunca faça nada fora. Para ela, o negócio do Pai não é frequentar sociedades benevolentes, reuniões missionárias, reuniões de mães, convenções bíblicas, ou mesmo ensinar uma classe de escola dominical, até que ela tenha “construído” seu próprio lar.

Houve esposas que, em seu zelo pela obra de Cristo lá fora, negligenciaram a obra de Cristo dentro de suas próprias portas! Elas tiveram olhos e corações para a necessidade humana e a tristeza humana nos vastos campos distantes, mas nem olhos nem coração para o trabalho de amor perto de seus próprios pés. O resultado foi que, enquanto faziam o trabalho angelical nas vielas

e ruas, os anjos lamentavam seus deveres negligenciados dentro das sagradas paredes de seus próprios lares! Enquanto elas conquistavam um lugar no coração do pobre, do doente ou do órfão, elas estavam perdendo seu lugar de direito no coração de sua própria família. Que seja lembrado que a obra de Cristo no lar é a primeira que Ele dá a toda esposa, e que nenhuma quantidade de atividades consagradas em outras esferas expiará a negligência ou falha no lar.

A boa esposa é generosa e calorosa. Ela não é gananciosa e egoísta. Em seu desejo de economizar e aumentar suas provisões, ela não se esquece daqueles que sofrem ou estão na pobreza. Enquanto ela dedica seus pensamentos mais sábios e sinceros e seu melhor e mais habilidoso trabalho para sua própria casa, seu coração não esfria para com aqueles de fora que precisam de simpatia. Não consigo conceber a verdadeira feminilidade amadurecida em uma riqueza, sem as qualidades de gentileza e altruísmo. Uma mulher cujo coração não é tocado pela visão da tristeza e cujas mãos não se estendem para ajudar os que estão em seu poder ajudar, carece de um dos elementos que revela a glória da feminilidade.

Este não é o lugar para falar da mulher como um anjo ministrador. Se fosse, seria fácil encher muitas páginas com os registros brilhantes dos atos mais sagrados de auto sacrifício. Estou falando agora, entretanto, da mulher como esposa; e por isso, falarei como ela pode exercer em sua própria casa, em sua própria porta e em conexão com seus deveres de dona de casa,

tais misericórdias. Mas mesmo nessa esfera limitada, suas oportunidades não são pequenas.

É em sua própria casa que esse calor de coração e essa abertura de mão são mostrados pela primeira vez. É como esposa e mãe que sua gentileza realiza seu ministério mais sagrado. Sua mão enxuga as lágrimas quando há tristeza. Na doença, ela é a enfermeira carinhosa. Ela carrega em seu coração todo fardo que pesa sobre seu marido. Não importa como o mundo lide com ele durante o dia, quando ele entra em sua própria porta, ele encontra a atmosfera fragrante do amor. Outros amigos podem abandoná-lo, mas ela se apega a ele com fidelidade inalterável. Quando a escuridão desce e a adversidade cai sobre ele, seus olhos fiéis olham sempre para ela como uma estrela de esperança brilhando na escuridão. Quando o coração dele é esmagado, sob o sorriso dela, ele se reúne novamente em força, como uma flor acalentada pelo vento ao sol. “Você não pode imaginar”, escreveu *De Tocqueville* sobre sua esposa, “o que ela é quando enfrentamos grandes provações. Normalmente tão gentil, ela então se torna forte e enérgica. Ela me observa sem que eu saiba; ela amolece, acalma e fortalece-me nas dificuldades que me distraem, mas deixa-a serena.”

Os homens geralmente não veem o “anjo” na mulher simples e laboriosa que caminha silenciosamente ao lado deles, até que chegue o dia da provação; então na escuridão, a glória brilha. Um anjo ministrou a nosso Senhor quando no Getsêmani ele lutou com sua grande e amarga tristeza. Que bênção para o poderoso

Sofredor foi o deslizar suave para o seu lado daquela presença gentil, o toque daquela mão reconfortante e apoiadora colocada sobre ele, o conforto daquela voz gentil emocionada com simpatia ao transmitir sua mensagem fortalecedora de amor! Por acaso, foi uma mera coincidência que apenas naquele momento e naquele lugar, o mensageiro radiante veio? Não, é sempre assim. Os anjos escolhem essas ocasiões para visitar os homens.

Assim é nas horas sombrias da vida de um homem, quando os fardos o pressionam, quando as tristezas pesam como montanhas sobre sua alma, quando as adversidades o deixam esmagado e quebrado, ou quando ele está em meio a lutas ferozes que testam a força de cada fibra de sua masculinidade. Somente nesses momentos, que todo o esplendor e glória do amor forte de uma verdadeira esposa brilham diante de seus olhos! Só então ele reconhece nela, “o anjo” misericordioso de Deus!

Na doença, quão atenciosa, quão habilidosa, quão gentil é a enfermeira, a verdadeira esposa! Na luta contra a tentação, adversidade ou dificuldade, que inspiradora ela é! No infortúnio ou no desastre, que elevado heroísmo ela exibe e que coragem sua bravura acende no coração de seu marido! Em vez de ser esmagada pela perda inesperada, ela se eleva em toda a sua grandeza de alma. Em vez de chorar, lamentando e se desesperando, e assim aumentando dez vezes o fardo do infortúnio, ela aceita alegremente as circunstâncias alteradas e se torna uma ministra de esperança e força. Ela se afasta do luxo e

da facilidade, para um lar mais simples, uma vida mais singela, um ambiente mais humilde, sem um murmúrio!

É nessas circunstâncias e experiências que o heroísmo da alma da mulher se manifesta. Muitos homens são conduzidos vitoriosamente através do infortúnio e são capazes de se levantar novamente, por causa da forte simpatia inspiradora e da ajuda esquecida de sua esposa! E muitos homens falham em uma luta feroz e não se levantam novamente da derrota do infortúnio, porque a esposa ao seu lado se mostra desigual em sua oportunidade.

Mas o ministério de misericórdia de uma esposa, se extende fora de suas próprias portas. Todo verdadeiro lar é uma influência de bênção na comunidade onde se encontra. Suas luzes brilham. Suas canções ressoam. Seu espírito expira. Os vizinhos sabem se o lar é hospitaleiro ou inóspito, quente ou frio, convidativo ou repulsivo. Alguns lares não abençoam vidas fora de seu próprio círculo; outros estão perpetuamente derramando doçura e fragrância. O lar cristão ideal é uma bênção de longo alcance. Ele coloca suas lâmpadas nas janelas e, embora não deem menos luz e alegria aos que estão dentro, derramam um pouco de luz sobre a escuridão externa, o que pode iluminar algum caminho escuro e trazer um pouco de alegria ao coração de algum pobre andante. Suas portas estão sempre abertas com boas-vindas a todos que vêm em busca de abrigo na tempestade, simpatia na tristeza, ou ajuda na provação. É um hotel, como aqueles refúgios abençoados nos Alpes, onde o cansado, o resfriado ou o desmaiado sempre

têm a certeza de refrigério, calor e amizade gentil. Tal lugar é um ministério gentil de misericórdia. É um lugar onde aquele que está com problemas pode sempre ir confiante de simpatia e conforto. É um lugar onde os jovens gostam de ir, porque sabem que são bem-vindos e porque ali encontram inspiração e ajuda.

E essa atmosfera de casa acolhedora, é a esposa quem faz; na verdade, é o seu próprio espírito enchendo a casa e derramando-se como luz e como fragrância. Uma verdadeira esposa é universalmente amada. Ela é reconhecida como um dos “anjos” de Deus espalhando bênçãos até onde sua mão alcança. Seus vizinhos são todos abençoados por suas ministrações. Quando a doença ou a tristeza atingem qualquer outro lar, algum símbolo de simpatia sai de sua mão para o lar sombrio. Para os velhos ela é gentil e paciente. Para os jovens ela é estimulante e útil. Para os pobres ela é a mão de Deus estendida. Para o sofredor ela traz força. Para a tristeza ela é uma consoladora. Não há problemas por perto, pois seu rosto logo aparece na porta e sua mão logo traz a bênção necessária!

Alguma esposa, já cansada, com as mãos ocupadas com os cuidados e deveres multiplicados de sua vida doméstica, pode alegar que não tem forças para gastar em simpatia e ajuda aos outros. Mas é realmente maravilhoso como esses fardos adicionais parecem leves, quando assumidos com amor. Sempre os deveres que desempenhamos por amor a Cristo e aos seus sofredores, tornam-se fáceis e agradáveis à medida que os assumimos. A

bênção do céu repousa sempre sobre o lar daquela que vive para fazer o bem.

Quase nenhuma palavra foi dita até agora sobre a relação pessoal de uma esposa com seu marido e os deveres que surgem dessa relação. Estes são múltiplos e, no entanto, são tão sagrados e delicados, que parece difícil falar ou escrever sobre eles. Alguns dos mais importantes desses deveres pertencentes à parte da esposa podem ser meramente mencionados. Uma verdadeira esposa dá ao marido toda a confiança. Ela não esconde nada dele. Ela não dá nenhuma promessa de segredo que selará seus lábios na presença dele. Ela não ouve palavras de admiração dos outros, que ela não possa repetir para ele. Ela expressa a ele cada sentimento, cada esperança, cada desejo e anseio, cada alegria ou dor.

Então, enquanto ela expressa toda a confiança em seu ouvido, ela tem o maior cuidado de não falar em nenhum outro ouvido qualquer palavra sobre a sagrada vida interior de sua casa. Existem pequenos atritos ou queixas na vida de casado? O marido tem defeitos que a incomodam ou lhe causam dor? Ele falha neste dever ou naquele? Surgem diferenças que ameaçam a paz do lar? No sentimento de decepção e dor, sofrendo com a sensação de injúria, uma esposa pode ser fortemente tentada a buscar simpatia contando suas provações a alguns amigos íntimos. Nada poderia ser mais fatal para seus interesses mais verdadeiros e para a esperança de restaurar a felicidade e a paz em seu lar. Queixas reclamadas de fora, permanecem feridas não cicatrizadas. A

esposa sábia compartilhará seu segredo de infelicidade com ninguém além de seu Mestre, enquanto ela se esforça de todas as maneiras para remover as causas da discórdia ou problema.

O amor vê muito em uma esposa que outros olhos não veem. Ele lança um véu sobre suas manchas; transfigura até mesmo seus traços mais simples. Um dos problemas de sua vida de casada é manter esse encanto para os olhos do marido enquanto ela viver; parecer adorável para ele mesmo quando a cor tiver desaparecido de suas bochechas e quando a música tiver saído de sua voz. Isso não é impossível; é apenas o que é feito em todo verdadeiro lar. Mas isso não pode ser feito pelas artes da costureira, do chapeleiro ou do cabeleireiro; somente as arte do amor podem fazer tal coisa! A esposa que sempre guarda no coração do marido o lugar que ocupou no dia do casamento nunca deixará de se esforçar para ser adorável. Ela será tão cuidadosa com suas palavras e atos e toda a sua atitude em relação a ele, como era antes do casamento. Ela cultivará em sua própria vida tudo o que for belo, tudo o que for verdadeiro e tudo o que for gracioso. Ela evitará escrupulosamente tudo o que for ofensivo ou pouco feminino.

Ela cuidará bem de sua aparência pessoal; nenhuma mulher pode ser descuidada em seu vestido, desleixada e desarrumada, e manter por muito tempo seu lugar no trono da vida de seu marido. Ela cuidará bem de sua vida interior. Ela deve ter várias atratividades. Ela deve ser revestida de beleza espiritual. Seu marido deve ver sua beleza sempre nova com o passar dos anos. Como os encantos da beleza física podem desaparecer nas labutas

e vicissitudes da vida, deve haver cada vez mais beleza da alma para brilhar e para substituir as atrações perdidas. Já foi dito que “a esposa deve sempre deixar algo para ser revelado apenas ao marido, algum charme modesto, alguma graça secreta, reservada apenas para seu deleite e inspiração, como aquelas flores que dão sua doçura apenas para a mão que as colhe com amor.”

Ela deveria sempre se importar mais em agradá-lo do que agradar qualquer outra pessoa no mundo. Ela deveria valorizar mais um elogio de seus lábios, do que o elogio de qualquer outro lábio humano. Portanto, ela deve reservar para ele os mais doces encantos; ela deve procurar trazer sempre a ele alguma nova surpresa de beleza; ela deve planejar prazeres e delícias para ele.

Em vez de não se importar com a aparência dela, ou se ela é agradável ou não quando ninguém além do marido está presente, ela deve sempre estar no seu melhor para ele! Em vez de ser alegre e amável quando há companhia, e depois recair na languidez e no silêncio quando a companhia se vai, ela deve procurar sempre ser a mais brilhante e amável quando apenas ele e ela se sentam juntos no silêncio do lar. Tanto o marido quanto a esposa devem sempre trazer suas melhores coisas um para o outro!

Mais uma vez, deixe-me dizer que nenhuma esposa pode superestimar a influência que ela exerce sobre o marido, ou a medida em que seu caráter, sua carreira e seu próprio destino são colocados em suas mãos para serem moldados. O domínio que ela exerce sobre ele é o domínio do amor, e tal domínio é poderoso e

irresistível. Se ela mantiver seu poder, se ela mantiver seu lugar como rainha da vida dele, ela pode fazer com ele o que quiser! Mesmo inconscientemente para si mesma, sem pensar em sua responsabilidade, ela exercerá sobre ele uma influência que contribuirá muito para conquistar ou arruinar todo o seu futuro! Se ela própria não tiver uma concepção elevada da vida, se for vaidosa e frívola, ela apenas esfriará seu ardor, enfraquecerá sua resolução e o afastará de qualquer esforço sério.

Mas se ela tiver em sua alma nobres qualidades femininas, se tiver pensamentos verdadeiros sobre a vida, se tiver propósito, força de caráter e fidelidade aos princípios, ela será para ele uma inspiração infalível para tudo o que é nobre, viril e cristão! As altas concepções da vida em sua mente elevarão as concepções dele. Seu propósito firme e forte, colocará vigor e determinação em cada decisão e ato dele. Sua pureza de alma, irá limpar e refinar seu espírito. Seu caloroso interesse em todos os assuntos dele e seu sábio conselho em todos os pontos o tornarão forte para todos os deveres e valente em todas as lutas. Seu cuidado doméstico, se tornará um importante elemento de sucesso em sua vida empresarial. Sua vida brilhante, ordeira e feliz será uma fonte perpétua de alegria e paz, e um incentivo para uma vida mais nobre. Sua fidelidade inabalável, sua terna afeição, sua simpatia feminina, sua beleza de alma, farão dela para ele um “anjo” de Deus; protegendo, guardando, mantendo, guiando e abençoando-o! Na medida em que realizar esse elevado ideal de esposa, ela cumprirá sua missão e colherá a rica colheita de suas esperanças.

Tal é a “sorte da mulher” que recai sobre toda esposa. É solene o suficiente para torná-la muito pensativa e muito séria. Como ela pode ter certeza de que sua influência sobre o marido será para o bem, que ele será um homem melhor, mais bem-sucedido em sua carreira e mais feliz porque ela é sua esposa? Não por qualquer mera postura moral de modo a parecer ter propósito elevado e pensamentos sábios de vida; não por qualquer resolução fraca para ajudá-lo e ser uma inspiração edificante para ele; não por pregação perpétua e palestras sobre os deveres de um marido e sobre o caráter viril! Ela só pode fazer isso estando nas profundezas de sua alma, em cada pensamento e impulso de seu coração e em cada fibra de sua natureza; ela só pode fazer isso quando se torna uma mulher verdadeira e nobre. Ela o fará não gostar do que ela diz que ele deveria ser, mas do que ela mesma é!

Então tudo se resume a uma questão de caráter. Ela só pode ser uma boa esposa sendo uma boa mulher. E ela só pode ser uma boa mulher no verdadeiro sentido, sendo uma mulher cristã. Em nenhum outro lugar, senão em Cristo, ela pode encontrar a sabedoria e a força de que necessita para enfrentar as solenes responsabilidades do casamento. Somente em Cristo ela pode encontrar aquela rica beleza de alma, aquela joia de caráter, que a tornará adorável aos olhos de seu marido, quando a flor da juventude se for, quando o brilho desaparecer de seus olhos e as rosas tiverem desaparecido. Somente Cristo pode ensiná-la a viver para ser abençoada e ser uma bênção em sua vida de casada!

Nada neste mundo é mais triste do que comparar os primeiros sonhos de amor, o que o amor deveria ser, com a história tão frequente vista nos enterros. O que resultou dos sonhos? Qual foi o resultado da aventura do amor?

Por que tantas decepções tristes? Por que tantas coroas de noiva caem no pó? Não há possibilidade de realizar esses belos sonhos, de manter essas flores lindas e perfumadas por todos os anos? Sim, mas somente em Cristo! A jovem donzela vai sorrindo e cantando para o altar do casamento. Ela sabe que se Cristo não estiver com ela, ela é como um cordeiro indo para o sacrifício? Deixe-a ficar no portão até que ela tenha ligado sua vida a Cristo, que é o Primeiro e o Último. O amor humano é muito precioso, mas não é suficiente para satisfazer um coração. Haverá provações, haverá perplexidades, haverá cruzes e decepções, haverá solidão e tristezas. Então ninguém além de Cristo será suficiente! Sem Ele, o caminho será sombrio. Mas com Sua bênção e presença, as flores que hoje murcham florescerão novamente amanhã! E os sonhos do amor precoce se transformarão em um palácio de paz e alegria para o consolo, o conforto e o abrigo da velhice.



A PARTE DOS PAIS

Deus nos constituiu de tal maneira que, ao amar e cuidar de nossos próprios filhos, as melhores e mais ricas coisas de nossa natureza são extraídas. Muitas das lições mais profundas e valiosas, já aprendidas, são lidas novamente nas páginas do desenvolvimento da vida infantil. Entendemos melhor os sentimentos e afeições de Deus para conosco, quando nos inclinamos sobre nosso próprio filho e vemos em nossa paternidade humana uma imagem fraca da Paternidade divina. Então, no cultivo do caráter, não há influência mais poderosa do que aquela que nos toca quando nossos filhos são colocados em nossos braços. O desamparo de um filho apela a todos os princípios de nobreza em nossos corações. Sua “inocência” exerce sobre nós um poder purificador. O pensamento de nossa

responsabilidade por eles exalta todas as faculdades de nossa alma. No próprio cuidado que exigem, eles trazem bênçãos para nós. Quando chega a velhice, muito solitário é o lar que não tem filho nem filha para retornar com ministérios agradecidos, para trazer consolo e conforto aos anos de declínio!

É um novo casamento quando o primogênito chega em uma casa. Ele une as vidas conjugais em uma proximidade que eles nunca conheceram antes. Ele toca as cordas de seus corações, que até agora permaneceram em silêncio. Chama poderes, que nunca foram exercidos antes. Belezas de caráter até então escondidas, aparecem. A menina risonha e desatenta de um ano atrás se transforma em uma mulher pensativa! O jovem descuidado e inquieto salta para a força viril e para a firmeza de caráter, quando olha para o rosto de seu próprio filho e o toma em seu seio. Novos objetivos surgem diante dos jovens pais; novos impulsos começam a surgir em seus corações.

A vida assume de uma vez, um significado novo e mais profundo. O vislumbre que eles têm nesse mistério solene, os deixa sóbrios. A colocação em suas mãos de uma nova e sagrada responsabilidade, uma vida imortal, a ser guiada e treinada por eles, traz-lhes um senso de responsabilidade que os torna pensativos. O eu não é mais o centro. Há um novo objeto para viver por um objeto grande o suficiente, para preencher toda a sua vida e absorver seus poderes mais elevados! É somente quando os filhos chegam, que a vida se torna real e os pais começam a aprender a viver.

Falamos sobre treinar nossos filhos, mas são eles que nos treinam primeiro, ensinando-nos muitas lições sagradas, despertando em nós muitos dons e possibilidades adormecidos, chamando muitas graças ocultas e disciplinando nossos poderes rebeldes em um caráter forte e harmonioso.

Nossas casas seriam muito frias e tristes, sem as crianças. Às vezes nos cansamos de seu barulho. Eles certamente nos trazem muito cuidado e preocupação. Eles nos custam muito trabalho. Quando são muito jovens, eles interrompem nosso descanso muitas noites, com suas cólicas e dores; e quando envelhecem, quase quebram nossos corações muitas vezes com sua rebeldia! Depois que eles vierem até nós, podemos nos despedir de viver para nós mesmos e para a comodidade pessoal, se pretendemos cumprir o dever fiel como pais.

Há alguns que, portanto, consideram a vinda de crianças como um infortúnio. Eles falam sobre eles levianamente como “responsabilidades”. Eles os consideram um obstáculo ao seu prazer pessoal. Eles não veem nenhuma bênção neles. Mas é um egoísmo frio que olha para as crianças dessa maneira. Em vez de serem obstáculos para uma vida verdadeira e nobre, eles são uma ajuda! Eles trazem bênçãos do céu quando chegam, e enquanto permanecem, são bênçãos perpétuas.

Quando as crianças vierem, o que faremos com elas? Que deveres devemos a elas? Como podemos cumprir nossa

responsabilidade? Qual é a parte dos pais na construção do lar e da vida doméstica? É impossível exagerar a importância dessas questões.

É uma grande coisa tomar essas vidas jovens e ternas, ricas com tantas possibilidades de beleza, de alegria, de poder, todas as quais podem ser destruídas, e tornar-se responsável por sua formação e treinamento, e pela edificação de seu caráter. Isso é o que deve ser pensado na construção de uma casa. Deve ser um lar no qual os filhos crescerão para uma vida verdadeira e nobre, uma vida para Deus e voltada para o céu.

Sobre os pais recai a responsabilidade principal. Eles são os construtores da casa. Deles, a criança recebe seu caráter, seja bom ou mau. Será exatamente o que eles fizerem. Se a criança for feliz, foi por causa que seus pais foram os autores da felicidade; se for infeliz, a culpa será deles, também. Seu tom, sua atmosfera, seu espírito, sua influência; tudo isso será obtido dos pais. Eles têm a construção do lar em suas próprias mãos e Deus os considera responsáveis por isso.

Esta responsabilidade recai sobre ambos os pais. Existem alguns pais que parecem esquecer que qualquer parte do fardo e dever de fazer a vida doméstica pertence a eles. Eles deixam tudo para as mães. Eles vêm e vão, como se fossem apenas pensionistas em sua própria casa, sem nenhum interesse ativo no bem-estar de seus filhos! Eles alegam as exigências dos negócios como desculpa para sua negligência. Mas onde está o negócio que é tão importante para justificar a evasão de um homem dos

deveres sagrados que ele deve à sua própria família? Não pode haver nenhum outro trabalho neste mundo que um homem possa fazer, que o desculpe no tribunal de julgamento eterno de Deus por ter negligenciado o cuidado de sua própria casa e o treinamento de seus próprios filhos! Nenhum sucesso em qualquer trabalho do mundo pode expiar o fracasso no lar. Nenhum acúmulo de tesouros deste mundo pode compensar pela perda dessas joias incomparáveis, seus próprios filhos!

Na parábola do profeta, ele disse ao rei: “Como seu servo estava ocupado aqui e ali; ele se foi!” Não pode ser este o único apelo que alguns pais terão a oferecer, quando estiverem diante de Deus sem seus filhos: “Como eu estava ocupado aqui e ali, eles se foram!” Os homens estão ocupados com seus assuntos mundanos, ocupados pressionando seus planos e ambições para a realização, ocupados juntando dinheiro para acumular uma fortuna, ocupados perseguindo as honras do mundo e construindo um nome, ocupados na busca de conhecimento; e enquanto eles estão ocupados, suas crianças crescem, e quando se voltam para ver se estão indo bem, já se foram!

Em seguida, eles tentam sinceramente recuperá-los, mas seus esforços mais intensos não valem de nada. É tarde demais para fazer esse trabalho abençoado por eles e por suas vidas, o que poderia facilmente ter sido feito nos seus tenros anos. O livro de *Geikie*, intitulado “*Life*”, abre com estas palavras: “Algumas coisas Deus dá com frequência e outras ele dá apenas uma vez. As estações retornam repetidamente, e as flores mudam com os

meses, mas a juventude só é dada uma vez.” A infância com suas oportunidades, vem apenas uma vez. O que quer que seja feito para carimbá-la com beleza, deve ser feito rapidamente!

Não importa quão capaz, quão sábia, quão dedicada a mãe seja; o fato de ela fazer bem a sua parte não isenta o pai em nenhum grau de sua parcela de responsabilidade. As funções parentais não podem ser transferidas. A fidelidade de ninguém pode desculpar ou expiar a infidelidade do outro. Além disso, é uma coisa errada e pouco masculina para um homem forte e capaz, que afirma ser o vaso mais forte, procurar transferir para a mulher, a quem ele chama de vaso mais fraco, deveres e responsabilidades que claramente pertencem a ele.

Em certo sentido, a mãe é a verdadeira dona de casa. É em suas mãos que a tenra vida da criança é depositada para suas primeiras impressões. Em toda a sua educação e cultura, ela tem o papel principal. Seu espírito faz a atmosfera da casa. No entanto, de ponta a ponta das Escrituras, a lei de Deus faz do pai o chefe da família e delega a ele a responsabilidade pela edificação de sua casa, o treinamento de seus filhos, o cuidado de todos os filhos e pelos interesses sagrados de sua família.

Os pais devem despertar para o fato de que eles têm algo a fazer na vida de seus próprios lares, além de fornecer comida e roupas e pagar impostos e contas. Eles devem a seus lares as melhores influências de suas vidas. Quaisquer que sejam os outros deveres que os oprimam, devem ser rapidamente alterados ou descartados. Os pais devem sempre buscar tempo para planejar o

bem de sua própria família. O próprio centro da vida de todo homem deve ser seu lar. Em vez de ser para ele uma mera pensão onde ele come e dorme, e de onde parte todas as manhãs para o seu mundo; o lar deveria ser o lugar onde seu coração está ancorado, onde suas esperanças se concentram, para onde seus pensamentos se voltam mil vezes por dia, para o qual ele labuta e luta, e para o qual ele traz sempre as melhores coisas de sua vida. Ele deve perceber que é responsável pelo caráter e pela influência de sua vida doméstica, e que se ele deixar de ser o que deveria ser, a culpa recairá sobre as cabeças dos pais.

Sócrates costumava dizer que se perguntava como homens que eram tão cuidadosos com o treinamento de um *cavalo*, poderiam ser tão indiferentes à educação de seus próprios filhos. No entanto, mesmo nestes dias atuais, encontram-se homens que professam ser seguidores de Cristo, que dão infinitamente mais atenção e esforços à criação do gado, ao cultivo das colheitas, à construção de negócios, do que ao treinamento de seus filhos!

Algo deve ser excluído de toda vida séria e ocupada. Ninguém pode fazer tudo o que vem à sua mão. Será um erro fatal se algum pai permitir que seus deveres para com o lar sejam excluídos. Eles deveriam ter o primeiro lugar. Qualquer outra coisa deveria ser negligenciada, e não seus filhos. Mesmo o trabalho religioso no reino de Cristo em geral não deve interferir com o trabalho no reino de Cristo em seu lar. Nenhum homem é obrigado a manter as vinhas de outros homens tão fielmente, que ele não possa manter as suas próprias. O fato de um homem ser um pastor devoto, ou

um oficial diligente da igreja, ou um fiel professor de escola dominical, não expiará o fato de que ele é um pai infiel!

As definições são importantes. Ajudará muito a resolver o problema da vida doméstica, definir precisamente o objetivo de um lar e o que se pretende realizar para aqueles que crescerão nele. Quando os meninos devem ser treinados para serem soldados, uma academia militar é o que é necessário. Se vão servir na marinha, são enviados para a escola naval. Se uma jovem deseja estudar arte, ela não vai para uma faculdade de música, mas para uma escola de arte. Se ela deseja estudar a ciência da medicina, ela entra não em uma escola teológica, mas em uma escola médica. O curso de estudo, a instrução, o tom e o espírito dessas escolas são adaptados para produzir o fim desejado. Se soubermos com certeza o que um lar deve fazer pelas crianças que são criadas nele, poderemos dizer melhor qual deve ser o treinamento, a instrução e as influências.

Qual é, então, o OBJETIVO de uma casa? Qual é a sua missão? O que O LAR foi projetado para realizar? Que tipo de resultados se espera que produza? Conhecemos o projeto de uma oficina de ferreiro; artigos e implementos de ferro são forjados e moldados lá. Sabemos para que serve o pátio de um marmorista; formas de graça e beleza são esculpidas no bloco de mármore. Sabemos para que serve uma fábrica têxtil; suas lançadeiras tecem os tecidos que homens e mulheres devem vestir. Quando um artista monta um estúdio, sabemos que tipo de trabalho ele espera fazer; na tela ou no mármore, ele fixará as belas criações de seu gênio e as

enviará para inspirar beleza aos outros. Em todo tipo de loja, fábrica ou moinho que os homens constroem, eles têm algum projeto definido a realizar, alguns resultados específicos a serem alcançados. Quais são, então, os resultados que as casas devem produzir? Que formas e tecidos de beleza, espera-se que os lares produzam?

Quando começamos a pensar nessas questões, logo dizemos: “Um lar é um lugar para dormir e fazer as refeições. É um lugar para descansar quando se está cansado, para ficar e ser cuidado quando se está doente; um lugar para embalar os bebês e deixar as crianças brincarem; um lugar para receber os amigos e guardar os tesouros que se junta.”

Isso é tudo? Alguém perguntou a uma jovem que acabara de concluir sua educação, qual era seu objetivo na vida agora, e ela respondeu: “Respirar”. Sua resposta pode ter sido dada em tom de brincadeira, mas há muitos que não têm um objetivo maior na vida. Infelizmente, o objetivo que a maioria dos pais tem para sua casa é ter uma casa tão boa e vistosa quanto puderem pagar, mobiliada em um estilo tão rico quanto seus recursos permitirem, e então viver nela o mais confortavelmente possível, sem muito esforço ou abnegação.

Mas a verdadeira ideia de um lar cristão é que é um lugar de crescimento espiritual. É um lugar para os próprios pais crescerem, crescerem em beleza de caráter, crescerem em refinamento espiritual, em conhecimento, em força, em sabedoria, em paciência, gentileza, bondade e todas as graças e virtudes cristãs.

É um lugar para as crianças crescerem, para crescerem em vigor físico e saúde e para serem treinadas em tudo o que as tornem homens e mulheres verdadeiros e nobres. Ou seja, assim como o estúdio do artista é construído e mobiliado com o propósito definido de preparar e enviar formas de beleza; um verdadeiro lar é construído e toda a sua vida ordenada, com o propósito definido de treinar, construir e fazer com que nossas vidas sejam moldadas em simetria semelhante à de Cristo; cheias de aspirações elevadas, governadas por princípios de retidão e honra, e preparadas para assumir os deveres e lutas da vida com sabedoria e força espiritual.

Se este for o verdadeiro objetivo e desígnio na criação de um lar, surge a pergunta: Que tipo de cultura doméstica e educação doméstica produzirão esses resultados? Que influências moldarão melhor a infância em masculinidade forte, nobre e feminilidade adorável e majestosa? O ferreiro fornece à sua oficina os utensílios e as ferramentas que melhor se adaptam ao trabalho que pretende realizar. O jardineiro prepara a sua terra, semeia as suas sementes, rega as suas plantas, regula a temperatura e proporciona-lhe as condições adequadas para favorecer o crescimento das suas flores. Que tipo de implementos precisamos para treinar vidas tenras? Quais são as condições que melhor promoverão o crescimento das almas humanas? Que tipo de vida doméstica devemos tentar ter se quisermos desenvolver um caráter nobre em nossos filhos?

Por um lado, a própria casa em que moramos, com seus arredores e adornos, é importante. Cada influência doméstica, mesmo a menor, atua no coração da criança e então reaparece quando ela se torna adulta. Os lares são as verdadeiras escolas nas quais homens e mulheres são treinados, e os pais e mães são os verdadeiros professores e construtores da vida! A canção do poeta que encanta o mundo é apenas a doçura do amor de uma mãe fluindo ritmicamente através da alma de seu filho. As coisas adoráveis que os homens fazem em seus dias de força, são apenas as reproduções em formas incorporadas dos pensamentos adoráveis que foram sussurrados em seus corações na tenra juventude. A imagem do artista é apenas um toque da beleza de uma mão trabalhada na tela. Não há nada nas influências e nos arredores do lar da tenra infância que sejam de pouca importância, que não deixam seu toque de beleza ou estrago na vida.

Até mesmo o cenário em que uma criança é criada tem muito a ver com o tom e a tonalidade de seu futuro caráter. Coisas belas espalhadas diante dos olhos da infância, imprimem-se no coração sensível. As montanhas, o mar, os belos vales, as paisagens pitorescas, as florestas, as flores, todas essas coisas têm sua influência na formação da vida. Ainda maior é a influência da própria casa, na qual uma criança é criada. Este assunto ainda não recebeu a atenção que merece.

Conforme as pessoas avançam em civilização e refinamento, elas constroem casas melhores. Nas grandes cidades, as classes criminosas e degradadas vivem em miseráveis casebres. Um dos

primeiros passos em qualquer esforço sábio para elevar os elementos inferiores e perversos da sociedade deve ser proporcionar as crianças melhores moradias. Quando uma família inteira está amontoada em um quarto, nem a saúde física nem a moral são possíveis. Em um apartamento miserável e imundo em um beco escuro e miserável, é impossível para as crianças crescerem em pureza e refinamento. Uma das coisas que a verdadeira filantropia deve fazer é elaborar algum plano pelo qual melhores lares possam ser fornecidos aos pobres. Até que isso seja feito, as manchas leprosas em nossas grandes cidades não poderão ser curadas.

Onde quer que uma criança cresça, ela carrega em seu caráter as impressões sutis do lar em que vive. A casa em si, sua forma e aparência, seu arranjo e decoração interior, seus móveis, seus arredores externos, paredes de tijolos e ruas pavimentadas ou grama verde e flores, sua visão, no majestoso mar, nas grandes montanhas, nos trechos estéreis ou na paisagem pitoresca; estes têm sua influência sobre o caráter e ajudam a determinar sua configuração final. Na escolha e preparação de uma casa, este fato não deve ser negligenciado.

O poder educador da beleza não deve ser esquecido. O ambiente deve ser alegre e atraente. A própria casa, seja grande ou pequena, deve ser limpa e de bom gosto. Seus ornamentos e decorações devem ser simples, porém castos e agradáveis à vista. Os aposentos em que nossos filhos vão dormir, brincar e viver, devem ser claros e bonitos. Se pudermos dispor de apenas dois

cômodos para nossa casa, devemos colocar neles tanto poder educativo quanto possível. As crianças gostam de pinturas, e as pinturas de uma casa, se forem puras e boas, exercem uma influência maravilhosa no refinamento de suas vidas. Nestes tempos de arte barata, em que gravuras podem ser compradas a um preço tão baixo, dificilmente haverá alguém que não tenha nas paredes de sua casa alguns pedaços brilhantes de beleza que servirão de inspiração para seus filhos.

Cada lar pode, pelo menos, tornar-se brilhante, limpo, agradável e bonito, mesmo que esteja despojado de ornamentos e decoração. É quase impossível para uma criança crescer com encanto de caráter, gentileza de disposição e pureza de coração em meio a cenas de desleixo, desordem, repulsa e imundície. Mas um lar limpo, com adornos simples e de bom gosto e ambiente agradável, é uma influência de valor incalculável na educação dos filhos.

Mas a casa não é tudo. Quatro paredes não fazem uma casa, por mais que possam ser construídas em mármore e adornadas com as decorações mais caras. Uma família pode ser criada em um palácio repleto das mais belas obras de arte e, no entanto, as influências podem não gerar lembranças que abençoam. A própria vida doméstica é mais importante do que a casa e seus adornos. Por vida doméstica entende-se todas as interações dos membros da família. É uma arte feliz viver juntos em terno amor. Deve começar com os próprios pais. A menos que a união deles seja amorosa e verdadeira, será impossível para eles tornarem sua vida

familiar assim. Eles dão a tônica da música. Se sua interação for marcada por brigas e contendas, eles devem esperar que seus filhos os imitem. Se a gentileza e a afeição caracterizam a atitude de um para com o outro, o mesmo espírito reinará na vida familiar. Pelo bem de seus filhos, se não por outro motivo, os pais devem cultivar suas próprias vidas e treinar-se para viver juntos da maneira mais cristã. Eles aprenderão muito em breve que boas regras e conselhos sábios de seus lábios valem pouco, a menos que suas próprias vidas deem exemplo e ilustração das coisas assim elogiadas.

Entramos em algumas casas e elas estão cheias de doçura , como os campos de flores de verão estão cheios de fragrância. Tudo é ordem, beleza, gentileza e paz. Em contrapartida, as vezes entramos em outros lares, onde encontramos desacordo, egoísmo, aspereza e desordem. Essa diferença não é acidental. São influências em ação em cada lar, que produzem exatamente o resultado que vemos em cada um. Existem diferentes tipos de conchas no mar. Algumas delas são muito grosseiras, feias e sem graça; outros são muito adoráveis, como o molusco. Mas cada concha corresponde exatamente à natureza da criatura que nela vive. Cada criaturinha constrói uma casa igual a ela; na verdade, ela constrói sua própria vida nela. Da mesma forma, cada casa recebe a cor e o tom de seus criadores.

Uma pessoa refinada coloca refinamento em uma casa, mesmo que seja apenas um quarto simples sem ornamentos de luxos; uma pessoa grosseira torna a casa grosseira, embora seja

um palácio cheio de todas as elegâncias que a riqueza pode comprar. Nenhuma vida doméstica pode ser melhor do que a vida daqueles que a fazem. O espírito dos pais é como uma atmosfera, que permeia por toda a casa.

O que deveria ser esse “espírito doméstico”?

Em primeiro lugar, eu nomearia a lei do altruísmo como um de seus elementos essenciais. Onde prevalece o egoísmo, não pode haver verdadeira felicidade no lar. Na verdade não existe amor profundo, verdadeiro e santo, onde o egoísmo impera. À medida que o amor cresce, o egoísmo morre no coração. O amor está sempre pronto a negar-se, a doar-se, a sacrificar-se, na medida da sua sinceridade e intensidade. O amor perfeito é o perfeito esquecimento de si mesmo. Portanto, onde há amor no lar, o altruísmo é a lei. Cada um se esquece de si mesmo e vive para os outros. Mas quando há egoísmo, a alegria é frustrada. Uma alma egoísta destruirá a doçura da vida de qualquer lar. É como um canteiro de ervas daninhas feias no meio de um jardim de flores.

Foi o egoísmo que destruiu o primeiro lar e arruinou toda a beleza do Paraíso; e tem arruinado coisas adoráveis nos lares da terra, desde então. Precisamos nos proteger contra esse espírito. Combater o egoísmo, por parte dos pais é, portanto, um dever e uma necessidade essencial. O egoísmo neles espalhará o mesmo espírito infeliz por toda a vida familiar. Eles devem ser, não em aparência, mas internamente, o que eles querem que seus filhos sejam. As lições que eles ensinam, eles devem viver.

Outro elemento essencial da verdadeira vida doméstica é a afeição; não apenas amor, mas o cultivo do amor na vida diária da família, a expressão do amor em palavras e atos. Este lembrete não é totalmente desnecessário. Existem lares onde o amor é tão profundo e verdadeiro que os membros da família morreriam uns pelos outros. Lares que quando pesar ou a dor chega a um deles, os corações de todos os outros dão suas mais calorosas expressões de afeto. Não há dúvida quanto à realidade e força do apego que une a família. No entanto, em sua comunhão comum, há uma grande falta daquelas exibições de sentimentos bondosos que são o mais doce desabrochar do amor.

Marido e mulher passam semanas sem uma dessas expressões carinhosas que têm tanto poder de aquecer o coração. As refeições são feitas às pressas e em silêncio sombrio, como se a companhia que cerca a mesa não tivesse nada em comum, e tivesse sido reunida apenas por acaso. As cortesias mais simples, que mesmo estranhos educados nunca deixam de estender uns aos outros, são totalmente omitidas na comunhão doméstica. Más maneiras, que não seriam toleradas nem por um momento nas associações comuns da sociedade, muitas vezes são permitidas a encontrar seu caminho neste círculo mais sagrado!

Isso não deveria ser assim. O amor do coração deve fluir em palavras e ações. Existem casas em que a própria atmosfera, quando alguém entra pela porta, parece carregada de fragrância. A conversa é brilhante, alegre e cortês. O calor do amor se faz sentir em influência contínua. Nenhum tom alto e áspero é ouvido.

Uma deliciosa consideração permeia toda a vida familiar. Todos estão atentos aos sentimentos dos outros. Há um respeito nas maneiras e nos comportamentos, que é mostrado até mesmo para com os mais jovens. Sem quaisquer extravagâncias repugnantes de expressão que marcam o companheirismo de algumas famílias, há aqui uma bondade genuína de maneiras que é muito charmosa, até mesmo para o visitante casual, e que para os corações da família tem um calor maravilhoso e um poder satisfatório. Todas as amenidades e cortesias da verdadeira polidez são cuidadosamente observadas; tocadas também por uma ternura que mostra que elas vêm do coração.

Este é o verdadeiro espírito do lar. Precisa de cultivo. Mesmo os melhores de nós corremos o risco de nos tornarmos descuidados em nossa própria vida familiar. Nossa própria familiaridade com nossos companheiros de casa pode nos tornar esquecidos, e quando nos tornamos esquecidos e deixamos de lado as pequenas ternuras de nossa comunhão doméstica, logo o próprio amor começará a decair; e qual pode ser o fim da frieza e desolação, ninguém pode prever.

A vida doméstica também deve ser brilhante e cheia de sol. A cortesia do verdadeiro lar não é rígida e formal, mas sincera, simples e natural. As crianças precisam de uma atmosfera de alegria. A lei não deve fazer suas restrições pendurarem como correntes sobre elas. Severidade e frieza não devem ter lugar na vida doméstica ou no governo familiar. Nenhuma criança pode crescer em seu desenvolvimento mais rico em um lar que é

sombrio e infeliz. As plantas não precisam mais do sol e do ar do que as crianças precisam de alegria e felicidade. A infelicidade os atrofia, de modo que suas mais doces graças nunca brotam.

Pais sábios farão com que seu lar possua as condições essenciais para a felicidade. Eles simpatizarão com seus filhos e tomarão cuidado para nunca se afastarem deles em espírito, embora carreguem as responsabilidades mais pesadas entre os homens. O pai mais ocupado deve encontrar pelo menos alguns momentos todos os dias para brincar com seus filhos. Um homem, que é muito imponente e sério, que não possa brincar com seu bebê ou ajudá-lo em seus esportes e jogos, não apenas carece de um dos melhores elementos da verdadeira grandeza, mas falha em um de seus deveres para com seus filhos. Pois este é um dos pontos em que a mãe não deve ser deixada sozinha. Ela está com seus filhos o dia todo e carrega o fardo de seu entretenimento por longas horas sem descanso ou pausa. Certamente, pelo pouco tempo que o pai está em casa, ele deve aliviá-la. Além disso, ele deve isso a seus filhos, pois um de seus direitos inalienáveis sob seu teto é receber a felicidade de suas mãos. De nenhuma outra maneira ele pode se consagrar em seus corações, como dando-lhes diariamente alguns preciosos momentos de alegria associados a ele, que o tornarão querido para sempre. Nenhum pai pode permitir que seus filhos cresçam sem se envolver nas memórias de sua juventude dourada.

Um homem certa vez escreveu: “A herança mais rica que os pais podem deixar é uma infância feliz, com lembranças ternas de

pai e mãe. Isso iluminará os próximos dias; quando as crianças tiverem saído do abrigo, será uma salvaguarda em tempos de tentação e uma ajuda consciente em meio às duras realidades da vida".

O que quer que os pais possam fazer por seus filhos, eles devem pelo menos torná-los alegres e ternos. Suas jovens vidas são tão delicadas que a aspereza pode manchar sua beleza para sempre, e tão sensíveis que toda influência que incide sobre eles deixa seu rastro, que cresce no caráter, seja como uma graça ou como uma mancha. Uma infância feliz armazena a luz do sol nas câmaras do coração que ilumina a vida até o fim. Uma infância infeliz pode encher as fontes da vida com amargura, a ponto de entristecer todos os anos posteriores.

Algo deve ser dito sobre o treinamento das crianças. Deve-se ter em mente que o objetivo do lar é edificar a masculinidade e a feminilidade. Este trabalho de treinamento pertence aos pais e não pode ser transferido. É um dever muito delicado e responsável, do qual uma alma pensativa se afastaria com temor e tremor, se não fosse pela certeza da ajuda divina. No entanto, existem muitos pais que não param para pensar na responsabilidade que lhes é imposta quando uma criança pequena entra em sua casa.

Olhe por um momento. O que é tão fraco, tão indefeso e tão dependente, como um bebê recém-nascido? No entanto, olhe para frente e veja que extensão de vida está diante desta frágil criança, estendendo-se para toda a eternidade. Pense nos poderes contidos nesta forma indefesa e qual pode ser o resultado possível. Quem

pode dizer que habilidade pode estar inconsciente ainda nestes dedinhos, que eloquência ou canção nestes pequenos lábios, que faculdades intelectuais neste cérebro, que poder de amor ou simpatia neste coração? Os pais devem pegar esse bebê e amamentá-lo até a idade adulta, para extrair esses poderes adormecidos e ensiná-lo a usá-los. Isto é, Deus quer que homens e mulheres sejam treinados para uma grande missão no mundo, e ele coloca nas mãos de um jovem pai e mãe um bebezinho, e pede que cuidem dele e o treinem até que ele esteja pronto para sua missão; ou pelo menos ter a responsabilidade exclusiva de seus primeiros anos, quando as primeiras impressões devem ser feitas, o que moldará toda a sua carreira.

Quando olhamos para uma criancinha e nos lembramos de tudo isso; que dignidade envolve o trabalho de cuidar dela! Deus dá aos anjos alguma obra maior do que esta?

As mulheres suspiram pela fama. Elas seriam escultoras e esculpiriam na pedra fria formas de beleza para encher o mundo de admiração por sua habilidade. Ou seriam poetas, para escrever canções para emocionar uma nação e serem cantadas em todo o mundo. Mas existe uma obra em mármore tão grande quanto a de ter uma vida imortal em suas mãos para moldar seu destino? A escrita de qualquer poema em linhas musicais é um trabalho tão nobre quanto o treinamento dos poderes de uma alma humana em harmonia? No entanto, há mulheres que consideram os deveres e cuidados da maternidade como tarefas muito obscuras e comuns para suas mãos. Assim, quando chega um bebê, contrata-se uma

babá que, por uma remuneração semanal, concorda em tomar conta do bebê, para que a mãe fique livre de tais problemas e labutas, para se dedicar às coisas mais nobres e dignas que ela encontra para fazer.

Por acaso, a seguinte acusação que farei é muito forte? “Uma mãe contratará uma babá que se compromete a aliviá-la da responsabilidade de seu filho, e entregará a esta mera mercenária, este estranho celestial; entregará a ela o trabalho de maternidade que Deus lhe confiou. A mãe pode até cuidar do corpo da criança, mas qualquer um serve, para cuidar da alma. Assim, o pequenino é deixado nas mãos desta mercenária, colocado sob sua influência constante, submetido à impressão sutil de seu espírito, para atrair para seu ser interior a vida, seja o que for, desta alma inculta. Ele desperta seus primeiros pensamentos, desperta suas primeiras emoções, traz a delicada ação dos motivos para influenciar a vontade, geralmente em tais mãos. Uma força composta de intimidação e suborno, desejo básico, cuida dela, brinca com ela, vive com ela; e assim a jovem mãe fica livre para vestir e dirigir, para visitar e receber, para desfrutar de bailes e óperas, trocando sua maternidade por uma vida imortal de procurações futuras! Existe alguma imperícia no dever, como esta? Nossas mulheres lotam as igrejas para obter a inspiração da religião para seus deveres diários, e então se mostram desprezíveis para a primeira de todas as fidelidades, a mais solene de todas as responsabilidades. Ouvimos jovens mães elegantes se gabarem de que não estão presas a seus berçários, mas são livres para manter

a velha vida alegre; como se não houvesse vergonha para a alma dela".

Oh, que Deus dê a cada mãe uma visão da glória e esplendor do trabalho que lhe é dado quando um bebê é colocado em seu seio para ser amamentado e treinado! Ela poderia ter apenas um vislumbre do futuro dessa vida enquanto ela alcança a eternidade. Se ela pudesse entender sua própria responsabilidade pessoal pelo treinamento desta criança, pelo desenvolvimento de sua vida e por seu destino, ela veria que em todo o mundo de Deus, não há outro trabalho tão nobre e digno dos melhores poderes dela.

Este não é o lugar para apresentar teorias de governo familiar. Estou tentando apenas definir a parte dos pais na construção do lar. No que diz respeito aos filhos, a parte deles é educá-los para a vida, mandá-los para fora de casa prontos para qualquer dever ou missão que Deus tenha preparado para eles. Apenas uma coisa pode ser dita: O que quer que seja feito em termos de governo, ensino ou treinamento, as teorias não são tão importantes quanto a vida dos pais. Eles podem ensinar as coisas mais bonitas; mas se a criança não vê essas coisas na vida dos pais, ela não as considerará importantes o suficiente para serem adotadas em sua própria vida.

Citando aqui as palavras de outro: "Você não pode dar a seu filho o que não possui e dificilmente pode deixar de dar a seu filho o que possui. Se você é um covarde, não pode torná-lo corajoso; se ele se tornar corajoso, será apesar de você. Se você é um enganador, você não pode torná-lo verdadeiro; se você é egoísta,

você não pode torná-lo generoso; se você é obstinado, você não pode fazê-lo ceder; se você é apaixonado, você não pode torná-lo temperado e contido. A vida dos pais flui para a vida da criança. Impressionamos nossos filhos menos com o que lhes ensinamos do que com o que somos. Você está sentado diante da câmera; se você não gosta da foto a culpa é sua. Um ato egoísta, um engano social, fará mais para estragar, do que cem homilias podem fazer".

O que queremos fazer com nossos filhos não é apenas controlá-los e mantê-los em ordem, mas implantar princípios verdadeiros no fundo de seus corações que regerão toda a sua vida; moldar seu caráter de dentro para a beleza cristã e torná-los homens e mulheres nobres e fortes para a batalha da vida e para o dever. Eles devem ser treinados em vez de governados. O crescimento do caráter; não apenas o bom comportamento, é o objetivo de todo governo e ensino no lar. Portanto, a influência do lar é muito mais importante do que as leis do lar; e a vida dos pais é mais importante do que seus ensinamentos.

Quando uma criancinha no seio de uma mãe é amada, cuidada, acariciada, mantida perto de seu coração, orada, conversada por dias, semanas, meses, anos, não é mera fantasia dizer que a vida da mãe realmente passou para a alma da criança. O que ela se torna é determinado pelo que a mãe é. Os primeiros anos determinam qual será seu caráter.

Ó mães de crianças pequenas, seu trabalho é santíssimo. Você está moldando os destinos das almas imortais! Os poderes contidos nos pequeninos que você acalmou para dormir em seus

seios na noite passada, são poderes que existirão para sempre. Você os está preparando para seu destino imortal. Seja fiel. Assuma seu fardo sagrado com reverência. Certifique-se de que seu coração é puro e que sua vida é doce e limpa. A fábula persa diz que o pedaço de barro era perfumado porque estava sobre uma rosa. Deixe sua vida ser como a rosa, e então seu filho, quando estiver em seu peito, absorverá a fragrância. Se não houver doçura na rosa, a argila não será perfumada.

A história está cheia de ilustrações do poder da influência dos pais. Eles iluminam ou escurecem a vida da criança até o fim. É uma bênção que torna cada dia melhor e mais feliz ou é uma maldição que deixa ferrugem e tristeza a cada hora. Milhares foram salvos de se afastarem pelas memórias sagradas de lares felizes e piedosos; ou, quando se afastaram, foram atraídos pelo mesmo encanto de poder. Não há correntes tão fortes quanto as cordas que um verdadeiro lar lança sobre o coração!

John Randolph disse: “Eu teria sido ateu, se não fosse por uma lembrança, e essa era a lembrança da época em que minha falecida mãe costumava pegar minhas mãozinhas nas dela e, fazendo-me curvar em seus joelhos, me ensinou a orar.” Por acaso, não vale a pena os pais procurarem ter uma influência tão permanente, forte e abençoada sobre a vida de seus filhos?

Igualmente abrangente e poderosa é a má influência, se os pais forem profanos. Quando o sol da manhã nasce, a sombra do vulcão *Etna* se projeta por toda a linda ilha da *Sicília*, repousando sobre jardins e campos e nas casas das pessoas; uma sombra

sempre sombria, uma sombra de um perigo sempre iminente. Da mesma forma, ao longo da vida de uma criança até o fim, paira a sombra de uma influência paterna ímpia. Que pai deseja projetar tal melancolia fatal, sobre os anos futuros da criança que ele tanto ama?

Quando penso na santidade e na responsabilidade dos pais, não vejo como um pai e uma mãe podem olhar para o filhinho que lhes foi dado e considerar seu dever para com ele e não serem conduzidos a Deus pelo próprio peso do fardo que repousa sobre eles, para clamar a Ele por ajuda e sabedoria. Quando um homem ímpio se inclina sobre o berço de seu primogênito, quando ele começa a perceber que aqui está uma alma que ele deve treinar, ensinar, modelar e guiar através deste mundo para o tribunal de julgamento de Deus; como ele pode não ir a Deus em busca de ajuda? Que ele, ao se inclinar sobre o berço de seu filho para beijar seu rosto, pergunte a si mesmo: “Sou fiel a meu filho, enquanto excluo Deus de minha própria vida? Sou capaz de cumprir esta solene responsabilidade de paternidade sozinho, em minha fraqueza humana sem ajuda divina? Não sei como um pai pode responder honestamente a essas perguntas ao olhar para seu filho inocente e indefeso; dado a ele para abrigar, manter e guiar, e não cair instantaneamente de joelhos e se entregar a Deus. Prefiro ver meus próprios filhinhos na sepultura amanhã, e perder de minha vida doravante todo o amor deles, e ir de braços vazios e coração soluçante por este mundo para o fim da vida, do que tentar treiná-los, ensiná-los e conduzi-los sem a ajuda de Deus.

“É melhor estar no mar sem limites, sem conhecimento das estrelas acima ou das correntes abaixo; melhor estar na floresta inexplorada sem caminho ou bússola; melhor estar no deserto sem trilhas, sem marco em todo o horizonte, nada além de areia ardente sob pé e céu de bronze sobre a cabeça, do que estar neste mar, neste deserto, neste deserto de nossa vida, com um destino humano confiado aos seus cuidados e nenhum guia de Deus para conduzi-lo a ele e ao porto desejado! Mas com a presença, ajuda e orientação de Deus, mesmo esta grande obra não o esmagará nem o deixará com medo”.

Há uma imagem antiga que representa uma mulher que adormeceu, em grande cansaço, enquanto trabalhava para cumprir seus deveres domésticos, e os anjos vieram e terminaram suavemente sua tarefa enquanto ela dormia. Que os pais sejam fiéis; que façam o seu melhor. A obra pode parecer grande demais para eles, e eles podem desmaiar sob seus fardos e parecer fracassar. Mas o que eles não podem fazer, os anjos virão e terminarão enquanto eles dormem. Noite após noite, eles virão e corrigirão os erros do dia e, se necessário, farão todo o trabalho pobre e defeituoso novamente. Então, finalmente, quando os pais dormirem na morte, abandonando suas mãos o trabalho sagrado

que estavam fazendo por seus filhos, novamente os anjos de Deus virão, assumirão o trabalho inacabado e o levarão à perfeição!



A PARTE DAS CRIANÇAS

“O que eu não daria”, disse *Charles Lamb*, “para chamar minha querida mãe de volta à terra por um único dia, para pedir-lhe perdão, de joelhos, por todos aqueles atos pelos quais entristeci seu espírito gentil!”

Muitos outros corações sensíveis sentiram a mesma dor quando estavam ao lado do túmulo de um pai e suspiraram da mesma maneira por uma oportunidade de expressar sua penitência e seus gritos de perdão no ouvido morto. Mas o amor filial floresce tarde demais, quando espera até que o ouvido dos pais esteja além do alcance do clamor humano. O tempo do filho demonstrar seu carinho e gratidão é ao longo dos anos, enquanto o pai e a mãe vão vivendo e trilhando seus caminhos na terra. Se ele então espalhar espinhos para os pés deles, de que adianta ele

trazer flores para o enterro deles? Se ele os desonra pela desobediência, pela crueldade, pela conduta indigna, pelo pecado, de que adianta ele erguer o caro monumento sobre seus túmulos, cortando no mármore branco seus louvores às virtudes e fidelidades deles?

O lugar para as flores é ao longo dos caminhos difíceis de labuta, cuidado e carga. O melhor monumento a ser erguido para a afeição grata é uma vida nobre e bela, uma alegria para o coração e uma honra aos olhos da afetuosa esperança paterna e materna. A bondade para com os vivos é melhor do que lágrimas amargas de penitência pelos mortos.

A dívida dos filhos para com um verdadeiro lar cristão é algo que nunca pode ser pago em excesso ou quitado. Começa a contar do primeiro momento de sua existência e acumula-se com o passar dos dias e dos anos. Os pais passam pelos anos da infância desamparada com suas solicitudes, suas noites interrompidas e dias cansativos, suas considerações insondáveis e sacrifícios altruístas, suas cuidadosas ternuras e vigilâncias pacientes. Há os anos de treinamento e ensino, quando os poderes corporais estão sendo desenvolvidos, os pés ensinados a andar, as mãos a manusear, a língua a falar; quando as faculdades mentais estão sendo desenvolvidas e quando todas as funções da vida estão sendo treinadas para seus diversos usos. Há momentos de doença em que a lâmpada nunca se apaga no quarto à noite, e os observadores pálidos e cansados não aceitam alívio até que o perigo tenha passado. São longos anos de ansiedades, de orações,

de lágrimas, de esperanças, de desilusões, de sacrifícios, de dores e labutas. O melhor que uma criança pode fazer pelos verdadeiros pais cristãos nunca os recompensará pelo que fizeram por ela.

A questão, portanto, é: “Qual é a parte dos filhos na vida doméstica?” Eles têm um lugar na alegria do lar. Triste é a vida doméstica, onde nenhuma criança está presente; muito solitário e desolado é o lar, onde eles vêm e ficam por um tempo e depois vão embora. Inconscientemente, as crianças têm uma parte sagrada na vida doméstica desde a mais tenra infância. Então, ao longo de seus anos, enquanto permanecem sob o teto da velha casa e depois de deixarem seu abrigo para estabelecer seus próprios lares, eles têm deveres a cumprir e obrigações a prestar àqueles que os deram à luz e cuidaram de seus anos indefesos.

As pequenas rodas de um relógio não parecem ser importantes, mas se uma delas estiver quebrada, ou se entortar, ou se falhar em desempenhar sua parte, todas as rodas serão interrompidas em seu movimento, e o relógio não funcionará. Se a roda menor der errado, se mover muito rápido ou muito devagar, os ponteiros do mostrador também vão mal. Não há parte do delicado mecanismo do relógio tão pequena que não faça diferença em como ele cumpre seu dever.

Quando a pergunta é feita: “Que parte têm os filhos na construção da vida doméstica?”, alguém pode responder: “As crianças não podem fazer nada, pelo menos enquanto são pequenas, para ajudar a tornar o lar o que deveria ser. Elas não podem ajudar a ganhar dinheiro para comprar pão. Elas não

podem fazer o trabalho. Quando crescem, podem ser úteis, mas quando são crianças, tudo o que podem fazer é ser embalados e acariciados enquanto bebês e, quando crescem, vão para a escola, comem, brincam e usam roupas. Elas não podem ajudar de forma alguma; são apenas fardos".

Mas espere um minuto. Afinal, os filhos não são tão inúteis assim. Eles são como as pequenas rodas do relógio. Eles podem não parecer grandes o suficiente para serem úteis, mas não há uma criança em qualquer verdadeiro lar cristão tão pequena que não tenha influência. Não há sequer um bebê que não afete inconscientemente toda a vida familiar com sua vinda. De fato, todo bebê é um imperador, com coroa e cetro, e de seu trono no seio da mãe governa toda a casa. O pai, em seu trabalho no mundo agitado, tem um coração mais leve e caloroso, porque está pensando no bebê em casa. A mãe realiza todo o seu trabalho com mais facilidade, porque seu bebê está dormindo no berço ou brincando no chão ao lado dela. Os meninos e meninas estão mais gentis, quietos e atenciosos desde que o bebê chegou. Ninguém pode dizer que qualquer criança é pequena demais para participar da vida doméstica. É claro que o papel do bebê é feito inconscientemente e não deve ser considerado responsável, assim como os filhos que cresceram. Este capítulo não é dirigido a bebês, mas àqueles que têm idade suficiente para saber o que devem fazer.

Aqui está a questão sobre a qual toda criança, morando na casa dos pais, deve pensar muito: "Qual é a minha parte em fazer

desta casa o que deveria ser?”

Você sabe como deve ser um verdadeiro lar cristão. Deve ser um lugar onde o amor governe. Deve ser belo, luminoso, alegre, cheio de ternura e afeição; um lugar onde todos se tornem cada dia mais felizes e santos. Nunca deve haver discórdia, disputas, palavras raivosas ou sentimentos amargos. A vida doméstica deve ser uma canção harmoniosa sem uma nota dissonante. O lar, por mais humilde, simples e pequeno que seja, deve ser o lugar mais querido do mundo para cada membro da família. Deve ser um lugar tão feliz e tão cheio de vida, que não importa onde alguém possa vagar depois de anos, em qualquer um dos confins da terra, seu lar ainda deve manter seus cordões invisíveis de influência sobre ele e deve sempre permanecer irresistível em seu coração. Deveria ser o único ponto em toda o mundo, para o qual ele se voltaria primeiro, quando estivesse com problemas ou em perigo. Deve ser seu refúgio, em todas as provações e tristezas.

Para tornar um lar tão poderoso, ele deve ser feliz nos dias da infância e juventude. A infância e a juventude têm alguma responsabilidade na realização desse ideal de lar? É totalmente e apenas o trabalho dos pais? No que diz respeito à infância, certamente não há responsabilidade. O pai e a mãe devem fazer tudo, e o pequenino é apenas uma planta tenra e adorável crescendo no jardim que as mãos dos pais cuidam. Mas com os anos de consciência vem a responsabilidade, e então toda criança ajuda a fazer ou estragar a bem-aventurança e a alegria do lar.

Como deve ser a vida da criança, que cumpri perfeitamente sua parte no lar? Temos um modelo. Era uma vez um lar na terra onde vivia uma Criança, cuja vida era imaculada e irrepreensível, e que percebeu tudo o que era belo, terno e verdadeiro na vida infantil. Se soubéssemos como Jesus viveu quando criança naquele lar de Nazaré, isso ajudaria outras crianças a viver corretamente. Sabemos que Ele ajudou a tornar o lar mais feliz. Ele nunca causou a seus pais uma ansiedade, uma pontada, um momento de vergonha. Ele nunca falhou em um dever. Sabemos que Ele desempenhou bem sua parte na construção daquele lar, e se tivéssemos apenas um livro de memórias de Seus anos de infância contando-nos o que Ele fez, qualquer outra criança poderia estudá-lo, para imitar Seu exemplo.

Não temos esse livro de memórias, mas temos um único vislumbre de sua vida doméstica que revela muito. Nós o vemos aos doze anos de idade. Ele está no templo em Jerusalém. Ele se perdeu de seus pais na grande caravana que voltava da Páscoa e, quando eles o encontram novamente, somos informados em uma breve frase de que ele desceu com eles para Nazaré e estava sujeito a eles. Então, por mais dezoito anos, ele permaneceu naquela casa. A partir daquele ponto, não temos mais nenhuma palavra sobre Ele; não temos outro vislumbre d’Ele ou de sua casa; a Escritura é silenciosa a respeito d’Ele todos esses anos. Temos apenas esta frase sobre a maneira como Ele viveu naquela casa: “Então foi com eles para Nazaré e era-lhes obediente” (Lc 2:51).

No entanto, esse vislumbre realmente revela toda a história daqueles anos. Ele estava sujeito a seus pais.

Lembre-se de quem era esta Criança. Foi no Seu nascimento que os anjos cantaram: “Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem” (Lc 2:14). Ele era o eterno Filho de Deus. Ele havia feito todos os mundos. Ele havia adornado os céus. A Ele todas as hostes da glória obedeciam. No entanto, Ele se humilhou, velou sua glória e habitou em um humilde lar na terra por trinta anos. Ele se submeteu aos pais terrenos e os obedeceu. Depois Ele mesmo trabalhou com as próprias mãos para ajudar no sustento da casa. Nenhum detalhe é dado, mas podemos facilmente preencher a imagem por nós mesmos. Vemos, por trinta anos, desde a infância até a idade adulta, esta criança sagrada exibindo para com seus pais o mais perfeito dever, obediência, honra e utilidade. Ele os obedeceu, não por constrangimento, mas alegremente, todos esses anos. Ele fez bem a sua parte na construção daquele lar.

Seu exemplo é a resposta à pergunta deste capítulo. O grande dever da infância na vida doméstica é obedecer. Ele estava sujeito a eles. Embora Ele fosse o Filho de Deus, Ele obedeceu aos pais humanos. Ele fez a vontade deles, e não a d’Ele. Ele havia entrado nos negócios de Seu Pai celestial. No templo, Ele disse: “Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?” (Lc 2:49). No entanto, imediatamente após dizer isso, Ele voltou para sua própria casa para assumir e manter por mais dezoito anos o lugar de uma criança. Portanto, concluímos que a vontade do Pai para

Ele, durante todos esses anos, era a sujeição a seus pais terrenos. Essa foi a obra que lhe foi dada para fazer naquele tempo. Ele veio à terra em uma grande missão, a maior já empreendida ou realizada no universo; mas o lugar em que Ele foi preparado para essa missão não foi em nenhuma das melhores escolas do mundo, mas em um lar humilde; não aos pés de rabinos e filósofos, mas com sua própria mãe como professora. Que honra esse fato coloca sobre o lar! Que grande dignidade esse fato coloca sobre a maternidade!

Acredito que nenhum argumento depois desse, seria necessário para provar aos filhos o dever e a dignidade da obediência aos pais. Ocupamos nosso lugar no passado na história do mundo; estamos sob o Sinai coberto de nuvens e coberto de fogo, e em meio a seu trovão terrível, ouvimos a voz de Deus proclamar: “Honre seu pai e sua mãe!” Mas mesmo todas essas cenas de majestade, a voz de Jeová, a montanha em chamas, a nuvem e o trovão, não deram a esse comando autoridade sagrada, importância solene, como quando Jesus, o Filho de Deus, por trinta anos em um lar humilde na terra, submeteu-se a pais humanos e obedeceu a seus comandos.

Por acaso, alguma vez surgiu alguma dúvida quanto à autoridade desta palavra divina no Decálogo? Esta imagem de Jesus obedecendo naquele lar galileu é uma resposta suficiente.

Alguma vez surge o pensamento: “Por acaso, é certo ceder aos meus pais, não ter vontade própria, cumprir suas ordens em todas as coisas?” Eis Jesus até os trinta anos de idade, cedendo ao

domínio de seus pais humanos, perguntando-lhes continuamente o que eles queriam que Ele fizesse, referindo-lhes todas as perguntas. Onde aprenderemos a masculinidade, senão na vida e no exemplo de Jesus? *Thomas Hughes* diz, ao falar da masculinidade e da coragem como um de seus elementos: “A tenacidade da vontade está na raiz de toda coragem, mas a coragem só pode se elevar à verdadeira masculinidade quando a vontade é rendida; e quanto mais absoluta a rendição da vontade, mais perfeito será o temperamento de nossa coragem e a força de nossa masculinidade”. Não há nada mais masculino em toda a vida de Cristo do que sua silenciosa sujeição a seus pais naquela cabana em Nazaré, embora consciente de sua origem e natureza divinas e de sua gloriosa missão. Não há nada mais viril visto nesta terra do que um homem no auge de sua força e poder mostrando deferência e amor a um pai humilde e rendendo obediência e honra, como se fosse uma criança.

Algum espírito maligno sugere que tal sujeição aos pais o mantém para baixo, coloca correntes em sua liberdade, o mantém sob controle e o impede de ascender à grandeza e nobreza de caráter? Por acaso, esse foi o efeito causado pela submissão de Jesus aos seus pais? Os trinta anos de submissão em sua casa, agrilhoaram sua masculinidade? Sua sujeição quebrou seu poder, reprimiu a aspiração gloriosa de sua alma, impediu o desenvolvimento de sua vida e fez de sua carreira um fracasso no final? Sabemos que não! Houve uma preparação para a sua missão que, como homem, não poderia ter obtido de outra forma, senão

pela disciplina que obteve em sua própria casa. Nenhum poder humano jamais foi limitado, atrofiado ou reprimido, por ter assumido o lugar da sujeição em casa. Ao contrário, a vida sempre será mais ou menos um fracasso, quando, em seus primeiros anos não aprende a se submeter e ser governado. Ninguém está apto para governar os outros, se primeiro não aprendeu a obedecer.

Alguém pode dizer novamente: “Meus pais são pessoas muito simples. Eles nunca conheceram muito do mundo. Eles perderam as oportunidades que estou desfrutando e, portanto, eles não têm inteligência, sabedoria ou educação suficiente para dirigir minha vida”.

Temos apenas que lembrar novamente quem era Jesus. Já houve algum pai humano neste mundo que fosse realmente digno ou capaz, nesse sentido, de ser seu professor, de guiar e controlar sua vida? Já houve, em algum lar da terra, tamanha distância entre pais e filhos como naquele lar de Nazaré? No entanto, este Filho de Deus, com toda a Sua sabedoria, Seu conhecimento, Sua grandeza de caráter, não hesitou em submeter-se ao treinamento daquela mãe e daquele pai camponês. Será que alguma outra criança, em vista desse modelo de vida infantil em casa, afirmará que é muito avançada, muito superior em conhecimento e cultura, muito sábia e inteligente, para submeter-se aos pais que Deus lhe deu? Se Cristo pode ser ensinado e treinado por seus humildes pais para sua gloriosa missão, onde está o verdadeiro pai cristão que não é digno de ser o guia e professor de seu próprio filho?

Esta, então, é a parte de cada criança na vida familiar. Esta é a maneira pela qual as crianças podem fazer o máximo para tornar o lar verdadeiro e feliz. É papel dos pais guiar, treinar, ensinar e moldar o caráter dos filhos. Deus os considera responsáveis por isso. Eles devem se qualificar para fazê-lo. Cabe aos filhos aceitar essa orientação, sendo ensinados, treinados e moldados pelas mãos dos pais. Quando ambos fizerem fielmente sua parte, a vida doméstica será uma doce canção de amor. Quando qualquer um deles falhar, haverá vida discordante, e o anjo da bênção não deixará sua bênção de paz.

Tal, em geral, é a característica central da parte dos filhos na vida doméstica; reconhecer seus pais como a cabeça e ceder a eles em todas as coisas. Isso não significa torná-los escravos. A vida doméstica que estou descrevendo é governada pelo amor; a autoridade parental é exercida no amor; busca apenas o bem maior de cada criança; não pede nada irracional ou injusto. Se retém as coisas que uma criança deseja é porque não é capaz de concedê-las ou porque a concessão delas traria prejuízo em vez de benefício. Se isso procura guiar os pés tenros por um caminho que não é o caminho escolhido por eles, nem o caminho mais fácil e agradável é porque uma sabedoria mais madura vê que é o melhor caminho.

A verdadeira orientação dos pais é o amor que se torna sábio. É uma imitação do governo de Deus. Ele é nosso Pai e nós somos seus filhos. Devemos obedecê-lo absolutamente e sem questionar. No entanto, não é uma obediência cega. Sabemos que Ele nos ama

com um amor profundo, terno e imutável. Sabemos que Ele é mais sábio do que nós, infinitamente mais sábio e nunca pode errar. Sabemos que quando Ele nega um pedido é pelo fato de que a concessão seria cruel. Sabemos que quando Ele nos conduz por outro caminho diferente daquele que havíamos traçado é porque esse é o caminho certo. Sabemos que quando Ele castiga ou corrige é porque há amor em seu castigo ou correção. Sabemos disso em todo o seu governo e disciplina, porque Ele está buscando apenas o nosso bem maior. Todo o nosso dever, portanto, como filhos de Deus, é nos render à sua vontade. A verdadeira paternidade humana é uma pálida cópia da paternidade de Deus.

Esta sujeição implica obediência às ordens dos pais. Assim, Paulo interpreta: “Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo” (Ef 6:1) e novamente: “Filhos, em tudo obedecei a vossos pais; pois fazê-lo é grato diante do Senhor” (Cl 3:20). É correto por motivos morais, e isso deveria ser o suficiente para resolver o assunto. A verdadeira masculinidade nunca quer saber mais do que se tal coisa é certa, se tal coisa é um dever. A devoção ao dever, custe o que custar, é um dos primeiros elementos do heroísmo. É certo que os filhos obedeçam a seus pais. Por isso, nenhuma outra pergunta precisa ser feita, nenhuma outra razão para obedecer precisa ser procurada.

Mas também é agradável ao Senhor. Ele está observando como cada criança age e fica muito satisfeito quando vê a obediência. Isso deve fornecer um motivo adicional, se necessário.

O pensamento de que cumprir um certo dever fielmente causa prazer e aprovação no coração de Deus, certamente deveria ser um estímulo e incentivo maravilhoso para a fidelidade heroica.

Essa obediência deve se estender a todas as coisas; as coisas agradáveis e as coisas desagradáveis. Embora possa ser tratada injustamente, a criança não deve se rebelar. Ela pode saber que seu pai é indelicado ou opressivo, ou até mesmo cruel, mas seu dever não é alterado por isso. O erro da parte dos pais nunca justificará o erro da parte da criança. Há apenas uma qualificação: Os filhos devem obedecer a seus pais no Senhor. Se o pai ordena que o filho cometa um pecado, é claro que não é para obedecer. Herodias não tinha nenhuma obrigação moral de obedecer, quando sua mãe cruel e sangrenta pediu que ela pedisse a cabeça de João Batista. Nenhuma autoridade humana deve ser seguida, quando nos manda quebrar uma lei divina. Nenhum verdadeiro pai cristão pedirá conscientemente a seu filho qualquer coisa que não seja certa; portanto, a lei do governo dos pais requer obediência em todas as coisas.

Conta-se sobre o general *Havelock* que um dia, quando menino, seu pai, tendo alguns negócios a fazer, o deixou na ponte de Londres e ordenou-lhe que esperasse ali até que ele voltasse. O pai foi detido e esqueceu o filho, não voltando para a ponte o dia todo. À noite, ele chegou em casa e, depois de descansar um pouco, sua esposa perguntou: “Onde está *Harry*?” O pai pensou por um momento. “Oh!” disse ele, “Eu me esqueci completamente de *Harry*. Ele está na ponte de Londres e está lá há oito horas

esperando por mim”. Ele correu para pegar o menino e o encontrou exatamente onde o havia deixado pela manhã, andando de um lado para o outro como uma sentinela em sua ronda. Aquele pai sabia exatamente onde encontrar seu filho, pois sabia que ele sempre obedecia às suas ordens. É essa obediência que agrada a Deus, ao mesmo tempo em que garante harmonia e paz no lar. Os pais são os governantes da família divinamente constituídos, e cabe aos filhos obedecer.

Este requisito implica também honra e respeito. “*Honre seu pai e sua mãe*”, diz o mandamento. Honrar é uma palavra maior do que obedecer. Podemos obedecer a uma pessoa, a quem não respeitamos. Devemos honrar nossos pais; isto é, reverenciá-los e também obedecê-los.

Não há necessidade de nenhum argumento para provar que todo filho deve honrar seus pais. No entanto, é inútil negar que há, por toda parte, falta de respeito aos pais. Há muitos filhos que mostram por suas palavras ou atos que seus pais não são amados em seus corações.

Ouvi uma mocinha esperta, bem vestida, de boas maneiras, dizer que sua mãe parecia tão antiquada que tinha vergonha de andar com ela na rua. Tive a oportunidade de saber um pouco sobre aquela mãe e filha. Eu sabia que uma das razões pelas quais a mãe parecia tão antiquada, e provavelmente carecia de algum refinamento nas maneiras, era por causa de sua devoção aos interesses de sua filha; ela havia se sacrificado pelo bem de sua

filha; ela havia negado a si mesma em roupas e ornamentos, para que sua filha pudesse aparecer bem e ser admirada.

Pode ser que você às vezes pense como esta jovem. Você já se sentou em silêncio para pensar e resumir a dívida que você tem com sua mãe antiquada? Análise esse assunto por alguns momentos. Comece com o tempo em que você era um bebezinho, como certamente já foi, por mais grandioso que seja agora e pense no que ela teve que fazer por você então. Ela teve que cuidar de você hora após hora e ficar acordada muitas noites. Às vezes você ficava muito zangado, embora seja tão gentil agora; no entanto, não importa o quão zangado você estivesse, ela era paciente como um anjo com você. Ela se esgotou por você.

Conforme você crescia, ela o ensinava. Você já pensou o quão pouco você sabia quando veio a este mundo? Você tinha mãos, pés, olhos, língua e cérebro, mas não sabia para que serviam ou como usá-los. Foi sua mãe amorosa e paciente quem o ensinou a andar, a falar, a olhar e a pensar.

Você tem causado muitos problemas para sua mãe em seu tempo, mas ela suportou tudo com alegria por você. Ela mesma ficou sem muitas coisas, para que você pudesse ter o que queria. Ela trabalhou muito, para que você pudesse receber uma educação e estar preparado para brilhar na sociedade entre seus amigos, e estar pronto para um lugar honrado e útil neste mundo.

Às vezes você acha que ela parece muito simples e antiquada. Talvez ela o faça; talvez ela esteja mais do que um pouco desbotada e gasta; mas você já pensou que isso se dá pelo fato de

que ela deu tanto do melhor poder e energia de sua vida para cuidar de você? Se ela não tivesse escolhido trabalhar, sofrer e negar a si mesma por sua causa, se ela tivesse pensado mais em si mesma e menos em você, ela poderia estar muito mais apresentável e revigorada agora. Se ela tivesse negligenciado você em vez de si mesma, ela poderia brilhar agora, pois uma vez suas bochechas eram tão lindas quanto as suas agora. Ela poderia ter encontrado mais descanso e menos trabalho duro, se não tivesse escolhido passar tantas horas costurando vestidos, calças ou jaquetas para você. Ela poderia ter roupas melhores agora mesmo para vestir, se ela não tivesse tanto interesse em vestir você de maneira bonita e rica.

Nunca se esqueça de que sua mãe perdeu o frescor e a beleza juvenil, na abnegação e no sofrimento por sua causa. Essas rugas em seu rosto, essas linhas profundas de cuidado em suas bochechas, aquele olhar cansado em seus olhos; ela tem todas essas marcas agora onde antes havia beleza, porque ela se esqueceu de si mesma nesses longos anos, em devoção amorosa a você. Essas cicatrizes do tempo, labuta e dor são os selos do cuidado dela por você.

Olhe para o seu pai também. Ele não é tão belo e jovem como antes. Talvez ele não se vista tão bem como alguns dos jovens que você vê ao seu redor. Há marcas de trabalho árduo sobre ele, marcas de cuidado e ansiedade, que aos seus olhos parecem desfigurar sua beleza. Pode ser que você fique um pouco vermelho às vezes quando seus jovens amigos o encontram caminhando

com ele, ou quando ele entra na sala quando você tem companhia. Não se esqueça de que ele está trabalhando duro por você nestes dias, e que suas mãos duras e seu rosto bronzeado são realmente símbolos de seu amor por você. Se ele não parece tão fresco e bonito quanto alguns outros homens, muito provavelmente é porque ele tem que trabalhar mais para lhe dar uma casa agradável, suas boas roupas, sua comida diária, para mandá-lo para a escola e para muitos outros confortos. Quando você olhar para ele e se sentir tentado a ter vergonha de sua aparência, lembre-se disso.

> *Talvez ele seja agora um homem velho, com formas encurvadas, cabelos brancos, passo lento, mão desajeitada, rosto enrugado e com uma voz fraca e quebrada. Não se esqueça da história que existe em todas essas marcas, que parecem estragar sua beleza viril. A alma escreve sua história no corpo. As cicatrizes do soldado falam de heroísmos e sacrifícios. O rosto ansioso do comerciante e a testa franzida falam de luta e ansiedade. Gula, ganância, egoísmo e licenciosidade escrevem seu registro em linhas inconfundíveis nas feições; assim como bondade, benevolência, altruísmo e pureza. Você olha para seu pai e vê sinais de labuta, de dor, de abnegação e de cuidado. Você sabe o que eles revelam? Eles contam a história de sua vida. Ele*

passou por lutas e conflitos. Você sabe o quanto dessa história, se interpretada corretamente, diz respeito a você? Por acaso, não há nada na forma curvada, nas mãos desbotadas, nas linhas de cuidado, que lhe falem de seu profundo amor por você e dos sofrimentos suportados, sacrifícios feitos, labutas e ansiedades por sua causa?

Quando você pensa assim no que deve a seus pais e no que eles suportaram e fizeram por você; você deve certamente se envergonhar pela sua conduta. Por acaso, você não deveria se envergonhar pelo fato de que você tem se envergonhado com a simplicidade deles? Toda a reverência de sua alma se acenderá na mais profunda e pura admiração, ao olhar para essas marcas, como marcas de amor e sacrifício por sua causa. Você os honrará ainda mais, quanto mais eles estiverem desgastados e desperdiçados, pois por sua causa, mais eles serão quebrados e sua beleza estilhaçada com o passar do tempo.

Esses símbolos de autonegligência e auto sacrifício são as joias da coroa do amor.

Essa honra não deve ser demonstrada apenas pela criança que ainda vive como criança na velha casa, mas por aqueles que cresceram até a masculinidade e a feminilidade. Enquanto os pais vivem, nunca chega um momento em que uma criança não seja mais uma criança. Poucas coisas neste mundo são tão belas

quanto a visão de um homem ou mulher de meia idade, mostrando verdadeira devoção a um pai ou mãe idoso.

Em toda a história da vida do *Presidente Garfield*, não há incidente que seja mais longo ou mais carinhosamente lembrado do que aquela pequena cena no dia de sua posse, na qual ele mostrou muita honra a sua mãe idosa. Quando as últimas palavras foram ditas e a cerimônia terminou; quando ele se tornou o presidente desta grande nação, e enquanto os vivas das vastas multidões caíam em seus ouvidos, e quando os maiores e mais nobres da terra avançavam para dar seus aplausos, ele se afastou de tudo isso, dos aplausos de uma nação, da saudação dos grandes, das felicitações de embaixadores estrangeiros que traziam mensagens de reis e rainhas, para dar o primeiro pensamento daquela hora suprema a uma pequena mulher idosa e desgastada que se sentou atrás dele, cercando-a com seu braço forte e a beijando. Era a ela que ele devia tudo o que era. Nos dias de pobreza, ela labutava e sofria por ele. Ela tinha sido pai e mãe para ele. Ela lutou contra a adversidade e nunca se poupou para poder abençoar seus primeiros anos. Ela era simples, pobre, enrugada e fora de moda, mas era sua mãe, e naquela hora seu coração leal e viril a honrou acima de todo o mundo.

O próprio *Presidente Garfield* será homenageado em todo o futuro de nosso país; honrado por seu caráter nobre e sua posição real entre os homens; homenageado por suas realizações nos dias de guerra e nos dias de paz; honrado pelo esplendor da alma que brilhou de seu quarto doente naqueles longos e cansativos dias de

luta mortal; mas em toda a brilhante glória que brilha sobre seu nome, nenhum registro brilhará mais do que, no momento de sua suprema exaltação ele se curvar e imprimir um beijo de reconhecimento e honra, no rosto devastado de seu mãe.

O caso dele não é o único. Esse traço nobre não é tão raro quanto poderíamos pensar, embora às vezes brilhe com um brilho tão brilhante que atraia todos os olhares para si. A história da vida não está toda escrita. As nobres ações do amor não são todas praticadas aos olhos do mundo. Muitos do mais raro e nobre heroísmo do amor, nunca são vistos pelos olhos humanos. Existem outros grandes homens que demonstraram a mesma reverência e amor pelos pais na velhice ou na fraqueza. Também há filhas nobres que renunciaram às alegrias que lhes foram oferecidas em seus próprios lares, recusando ofertas de casamento e optando voluntariamente por viver sem sua bênção e conforto, para que pudessem abrigar na velhice e cercar com ternura de amor, o pai ou a mãe, ou ambos, que encheram a sua juventude de sol. Aqui e ali, o heroísmo encontra seu caminho para o registro; mas os mais nobres heroísmos da vida, as mais ternas histórias de amor, as coisas mais sagradas forjadas pela afeição humana permanecem não escritas e não contadas.

Os homens falam sobre a maldade deste mundo, e certamente esse mundo é bastante perverso. O pecado deixa a escuridão em todos os lugares. Existem horrores de ingratidão, baixeza, vergonha, culpa, que fazem com que a terra tenha um horrível cheiro para as narinas de Deus! No entanto, em meio a tudo isso,

há registros de tal ternura sagrada, beleza sagrada, amor inefável, que os anjos devem pairar sobre eles em reverência. Esses são fragmentos da beleza do Éden que flutuam sobre a maré escura, como lírios puros, brancos e imaculados, nas águas negras de algum pântano estagnado. Nos lares da terra onde a história do amor de Cristo foi contada, existem devoções filiais que são tão amáveis quanto ministérios angelicais.

Foi na cruz, que Jesus prestou sua última homenagem de amor e honra a sua mãe. Os pregos estavam em suas mãos e pés e ele ficou pendurado em agonia. Ele estava morrendo de profunda vergonha. A oblíqua do mundo derramava suas marés mais negras sobre sua cabeça. Na multidão abaixo, seu olhar caiu sobre um pequeno grupo de amigos amorosos, e entre eles, ele viu sua mãe. Por mais que seu coração estivesse cheio de sua própria angústia, não estava muito cheio a ponto de impossibilitá-Lo de pensar nela. Ela não teria nenhum protetor agora. As tempestades batiam com fúria impiedosa sobre sua cabeça desprotegida. Além da amargura de seu luto, haveria a vergonha que ela deveria suportar por causa d'Ele, a vergonha de ser a mãe de alguém que foi crucificado em uma cruz. Seu coração sentiu tudo isso, e lá, no meio de sua própria agonia, Ele providenciou um lar e abrigo para ela. Em meio às cenas sombrias da cruz, seu exemplo brilha como uma estrela no seio das nuvens mais negras, dizendo-nos: "Honra teu pai e tua mãe!"

Se a verdadeira honra para os pais está assentada no coração, há pouca necessidade de regras ou sugestões detalhadas. No

entanto, algumas maneiras específicas podem ser mencionadas pelas quais os filhos podem aumentar a felicidade e a bem-aventurança da vida doméstica.

Eles devem mostrar seu amor por seus pais, confiando neles; não simplesmente acreditando neles e confiando em seu amor e sabedoria, mas tornando-os recipientes de todas as suas confidências. Um pai sábio ensina seu filho desde o início a não esconder nada dele e a contar-lhe tudo. O verdadeiro amor filial mantém essa abertura de coração e de vida para com os pais, mesmo nos anos de maturidade. Não há outros amigos no mundo que tenham tanto direito a todas as confidências dos filhos quanto seus próprios pais. Não há outros em cujos corações essas confidências estejam tão seguras, pois eles nunca trairão a confiança depositada neles por seus próprios filhos. Não há outros que tenham um interesse tão profundo em todos os eventos de suas vidas diárias.

Para a verdadeira mãe, tudo que seu filho tem interesse, é significante para ela. Ela ouve tão ansiosamente a história de suas experiências, suas alegrias, suas decepções, seus planos, suas imaginações, suas realizações. Ela nunca ri de suas fantasias nem ridiculariza nada do que ele diz ou faz. Não há outros amigos que sejam tão seguros e sábios conselheiros. Os filhos que falam todo pensamento, toda esperança, toda ambição, todo plano e todo prazer aos ouvidos de seus pais e os consultam sobre todos os assuntos, viverão com segurança. Ao mesmo tempo eles conferirão grande felicidade a seus pais por confiarem neles tão

plenamente, pois é uma grande tristeza para os pais quando um filho não confia neles e se volta para os outros com as sagradas confidências de seu coração.

Os filhos devem aprender a abnegação se quiserem fazer fielmente sua parte. Eles não podem ter tudo o que desejam. Eles devem aprender a desistir de seus próprios desejos pelo bem dos outros. Eles devem aprender a prescindir das coisas que gostariam de ter. De nenhuma outra maneira a vida doméstica pode ser o que deveria ser. Cada membro da família deve praticar a abnegação. Os pais fazem muitos sacrifícios pelos filhos, e certamente é correto que os filhos aprendam desde cedo a praticar a abnegação para aliviar os pais, ajudá-los e ministrar-lhes conforto.

Eles também devem aprender a ter consideração. Uma casa é como um jardim de plantas tenras que são facilmente quebradas ou machucadas. Uma pessoa impensada está sempre causando dano ou dor, não intencionalmente, mas descuidadamente. Muitos podem até ser, fora de casa, atenciosos, cuidadosos com os sentimentos dos outros e rápidos em falar a palavra gentil que cura e abençoa, mas em casa são irrefletidos. Mas certamente não há lugar no mundo onde devamos ser tão cautelosos, como em nossas próprias casas. Não há outros amigos que nos amem, como os amigos de casa. Não há outro coração que seja tão ferido por nossa falta de pensamento, quanto o coração do lar.

É razoável esperar que mesmo crianças bem pequenas aprendam a ser atenciosas. E para aqueles que são mais velhos,

certamente não pode haver sombra de desculpa para grosseria e falta de consideração. Há em cada lar oportunidades abundantes para a cultura e demonstração de um espírito altruísta. Alguém está doente? Todos os demais devem evitar barulho, movendo-se silenciosamente pela casa, falando baixinho, para não incomodar o sofredor. Todos devem ser gentis com o inválido, ministrando de todas as maneiras, alegrando o quarto do enfermo com suas gentilezas.

Essa consideração deve se manifestar também em relação aos pais. Frequentemente, eles carregam fardos pesados enquanto se ocupam com seus deveres diários. Seu trabalho é árduo, ou eles estão com problemas de saúde, ou estão perplexos e ansiosos, por causa de seus filhos. Jovens brilhantes, felizes e alegres, nunca podem saber que fardos pesam pesadamente sobre o coração dos mais velhos, que estão em meio às lutas da vida. Conhecer todas as suas dores secretas, nos tornaria gentis até com estranhos, muito mais deveria abrandar nossos corações em relação a nossos amigos; saber quais provações eles têm. Se os filhos sempre se lembrassem, que seus pais têm preocupações, ansiedades e tristezas que eles não conhecem, isso os tornariam gentis o tempo todo com eles. Aqui está uma oportunidade para o ministério mais útil, pois nada é mais profundo no coração de um pai do que a simpatia e gentileza de seu próprio filho.

Não são grandes serviços que geram alegria e felicidade; apenas uma palavra de ânimo, talvez, quando alguém está desanimado, um pouco de ternura quando alguém parece triste e

um pouco de ajuda oportuna quando alguém está sobrecarregado, já pode ser de grande ajuda. Pode ser nada mais do que trazer uma cadeira quando o pai chega cansado, ou fazer uma pequena tarefa para a mãe descansar seus pés cansados, ou ficar quieta quando o bebê está dormindo; ou pode ser apenas uma gentileza de maneiras e tons, mostrando um amor interior.

A falta de consideração causa dor sem fim, muitas vezes de problemas e perdas. Vai espreitando pelos jardins do coração, pisando as flores mais delicadas. Sempre quando uma palavra errada é dita, os sentimentos de alguém são feridos. É falta de consideração ser barulhento no quarto do doente, rude na presença de espíritos sensíveis e frio e insensível à dor e à tristeza. A falta de consideração faz com que a pessoa perca as inúmeras oportunidades que a íntima associação diária com os outros oferece para fazer ações realmente gentis, para dar alegria e ajudar; e em vez de tal ministério de bênção, tal pessoa está sempre causando dor. Sua confissão deve ser continuamente: “Oh, eu não pensei” ou “Eu não quis dizer isso” é a desculpa mais comum em muitos lares. Seria melhor aprender a pensar, a pensar nos outros, especialmente naqueles que nos amam, e depois andar por toda parte, mas particularmente em nossos próprios lares, com carinho e consideração pelos sentimentos e conforto dos outros.

As crianças devem desde cedo se inclinar a ter uma pequena participação no trabalho doméstico. Em vez de serem sempre e apenas um fardo para os amorosos que vivem, labutam e se

sacrificam por elas, elas devem procurar de todas as maneiras possíveis, ajudar. Foi *Charles Kingsley* quem disse: “Podemos nos tornar como Deus, apenas quando nos tornamos úteis.” Há uma verdade profunda em suas palavras. Começamos a viver, somente quando começamos a viver para ministrar aos outros. Em vez de cantar: “Eu quero ser um anjo”, seria melhor se as crianças se esforçassem para ser como os anjos, que são espíritos ministradores, enviados para ministrar aos herdeiros da salvação.

O lar é a escola em que primeiro aprendemos e praticamos as lições da vida. As crianças devem aprender em casa, para serem úteis para seus pais e uns para os outros. Elas podem fazer muito nesse sentido; não exigindo atendimento desnecessário e não criando problemas e trabalho para os outros. Há algumas crianças mimadas que são tiranas tão egoístas em casa, que todos os outros membros da família são obrigados a servi-las. Tão logo quanto possível, as crianças devem aprender a esperar por si mesmas e, em certa medida, a ser independentes da ajuda de outros, de modo a tornarem-se autoconfiantes e fortes. Que quadro mais doloroso quando vemos filhos e filhas crescendo ociosos e egoístas em seus próprios lares, indolentes demais para se esforçar, orgulhosos demais para sujar suas mãos delicadas com qualquer tipo de trabalho, mas não orgulhosos demais para que pais delicados ou exaustos se escravizem para mantê-los com comida saborosa ou roupas vistosas! Nada de bom ou nobre pode resultar dessa vida familiar.

Os filhos devem tornar-se dignos de seus pais. Devem buscar ser tudo aquilo que o pai e a mãe em seus sonhos mais ardentes, esperavam para eles. É uma coisa triste frustrar as brilhantes expectativas do amor. Não importa tanto se meros sonhos de coisas terrenas falha em se tornar realidade, pois muitas vezes as esperanças de pais ambiciosos para seus filhos são apenas para honras que murcham em um dia; ou pela riqueza que apenas afunda a alma na ruína. Tais esperanças não devem ser alimentadas. Mas no coração de todo verdadeiro pai cristão, brilha um ideal de beleza de caráter e nobreza de alma, que ele deseja que seu filho alcance. É uma visão da vida mais exaltada, mais encantadora do que aquela que preenche o pensamento de qualquer escultor quando ele se coloca diante de seu mármore e começa a cortar o bloco; mais belo do que aquilo que surge na alma do poeta quando ele se curva em fervor extático sobre sua página e procura descrever seu sonho. Todo pai piedoso sonha com a mais perfeita masculinidade e feminilidade para seus filhos. Ele quer vê-los crescer à semelhança de Cristo, imaculados em pureza, ricos em todas as graças, com caráter totalmente desenvolvido em beleza simétrica, brilhando neste mundo, brilhando cada vez mais até o dia perfeito.

Exatamente aqui pode-se sugerir às crianças que grande parte do que lhes parece “agitação” e críticas desnecessárias por parte dos pais, deve-se à preocupação em tê-las perfeitas. Os pais às vezes erram por causa da ansiedade ou por meio de admoestações imprudentes, irritantes e incessantes; mas os filhos

e filhas devem reconhecer o fato de que uma profunda preocupação com o bem-estar deles está na raiz até mesmo desse cuidado excessivo.

Há uma história de um grande escultor chorando como uma criança, enquanto ele se levantava e olhava para os fragmentos de seu mármore, o trabalho de sua vida e seus poderes mais maduros, o sonho de suas mais belas esperanças, que agora jaziam despedaçadas a seus pés. Com tristeza ainda mais profunda e dor mais amarga, os pais verdadeiros e piedosos olham para o naufrágio de suas grandes esperanças, para seus filhos e a destruição dos ideais justos que brilhavam em seus corações durante os anos brilhantes da infância e juventude.

Se os filhos fizerem bem sua parte, em troca de todo o amor que abençoou seus anos desamparados e os cercou em sua juventude, e que perdura ainda nos dias de masculinidade e feminilidade, eles devem procurar realizar em suas próprias vidas, todas as esperanças sagradas de seus pais. Uma masculinidade arruinada e depravada, ou uma feminilidade frívola e sem propósito, é um retorno pobre para o amor paterno. Mas uma vida nobre, um caráter forte, verdadeiro, sincero e semelhante ao de Cristo, traz recompensa abençoada e satisfatória para um pai, pelos anos mais cansativos e dolorosos de amor abnegado. Os pais vivem para os filhos e os filhos têm nas mãos a felicidade dos pais. Que nunca sejam infiéis a seu sagrado encargo. Que eles nunca tragam os cabelos grisalhos do pai ou da mãe com tristeza para o túmulo. Que sejam dignos do amor, quase divino, que os mantém

em suas garras imortais. Que vivam de modo a serem uma coroa de honra para seus pais na velhice. Deixe-os preencher seus anos de declínio com doçura e ternura. Que façam um travesseiro de paz para suas cabeças, quando a morte vier.

Quando nossos pais envelhecem, eles trocam de lugar, por assim dizer, conosco. Houve anos em que éramos fracos e indefesos, incapazes de cuidar de nós mesmos; então eles cuidaram de nós. Eles cuidaram de nós; eles trabalharam e se sacrificaram por nós; eles nos protegeram das dificuldades e provações; eles jogaram em torno de nossos tenros anos a mais doce gentileza e a proteção mais sagrada do amor. Agora nós somos fortes e eles são fracos; somos capazes de suportar dificuldades e labuta, mas o mais leve sopro de tempestade os fazem tremer e a labuta mais leve os cansam. Este é o momento de retribuí-los. Cabe a nós agora mostrar ternura a eles, protegê-los da provação e derramar sobre eles o máximo possível de ternura de amor.



IRMÃOS E IRMÃS

Em um dia quente de primavera, um cavalheiro derrubou um prédio que existia há trinta anos. Quando todo o lixo foi retirado, o local parecia muito vazio. Mas logo a chuva caiu e então o sol derramou seus raios, e em poucos dias surgiram inúmeras florezinhas adoráveis, onde por trinta anos não havia vida nem beleza, cobrindo o lugar feio e tornando-o um dos lugares mais belos em todo o jardim. As sementes devem ter ficado ali no solo todos esses anos, mas, sem luz, umidade ou calor, elas nunca cresceram.

Da mesma forma, muitos telhados cobrem uma vida doméstica desprovida de beleza e alegria. No entanto, existem todos os elementos necessários para torná-lo uma verdadeira imagem do céu, em sua bem-aventurança e paz. Nos filhos que crescem

juntos, há possibilidades de uma vida muito rica, com alegrias profundas, laços afetuosos e inspirações mútuas. Para trazer à tona todas essas possibilidades, basta o grande poder transformador do afeto! Certamente não é certo que tantas bênçãos sejam perdidas. Não há tanta felicidade no mundo que possamos nos dar ao luxo de deixar nossos lares como lugares desertos, quando eles poderiam ser jardins floridos. Certamente vale a pena pensar no assunto, para que cada um de nós pergunte honestamente se em nossas casas não existem sementes de coisas belas que não produzem beleza; se não existem tesouros escondidos em nossa vida familiar, que ainda não descobrimos; se não estamos passando cegamente pelos presentes mais ricos do Céu para nós, de amizade e afeição terna dentro de nossas próprias portas, enquanto pressionamos nossa busca em outros campos e buscamos em vão a satisfação.

Em todo lar onde há irmãos e irmãs, há um campo que precisa apenas de cultura sábia e paciente para produzir as coisas mais ricas e adoráveis da vida. Estamos cultivando este campo ou ele está abandonado, coberto, talvez, com ervas daninhas e espinhos, enquanto gastamos todas as nossas forças tentando fazer as colheitas crescerem em alguma encosta nua e rochosa?

Uma família completa é aquela em que não há apenas pais e filhos, mas também irmãos e irmãs. Uma família somente com meninos ou somente com meninas é incompleta. Sua vida não é plena. Em ambos caso, por mais feliz que seja o lar, falta algo. Se houver apenas meninos, é provável que prevaleçam os elementos

mais grosseiros e, sem a influência suavizante e refinadora que advém da feminilidade na família. Um escritor inglês certa vez disse: “Famílias compostas apenas por meninos crescem rudes, egoístas, duras, bruscas e insensíveis. O processo de educação, que começa logo que nasce uma criança, perde toda a sua ternura, toda a sua doçura, quando faltam meninas. Mas também, se houver apenas meninas, elas, por outro lado, perderão a inspiração fortalecedora que vem da associação e companheirismo com os irmãos”. Embora esta afirmação seja muito extrema em seus termos, ela é verdadeira em muitos casos e certamente expressa uma tendência em todos.

Uma família plena e completa é aquela em que todos os irmãos e irmãs vivem juntos em terno amor. Todos nós conhecemos esses lares, onde a vida familiar é plena e o companheirismo familiar próximo, carinhoso e feliz; onde pais e filhos, irmãos e irmãs vivem juntos em doce acordo, e onde a música da vida diária é como uma canção ininterrupta de santa paz. Onde quer que haja tal lar, sua bem-aventurança é quase celestial!

Mas essa não é a realidade em todos os lares. Existem famílias que estão completas, no que diz respeito aos números, com irmãos e irmãs no círculo, mas cuja vida doméstica não consegue alcançar a paz e o amor que descrevi. Algo está faltando. Pode estar havendo amargura e conflito, ou apenas a ausência de toda ternura e de toda verdadeira comunhão sagrada. Em ambos os casos, a história de tal família é muito triste. A grande

possibilidade de felicidade é negligenciada e desprezada. Tal lar deve sempre ser não apenas feliz, mas feliz no sentido mais profundo, rico e pleno. Se assim não for, grande deve ser a culpa dos responsáveis pelo fracasso.

Irmãos e irmãs têm um dever importante na construção da vida doméstica. Qual é a parte deles? Imagine uma casa em que há duas ou três irmãs, e tantos irmãos, crescendo juntos. O que cada um deve a esta casa? O que eles devem uns aos outros? Como eles devem viver juntos? O que as irmãs devem fazer pelos irmãos e os irmãos pelas irmãs? Como as irmãs devem ajudar suas irmãs e os irmãos devem ajudar seus irmãos?

Estas são algumas das questões que gostaria de colocar no espírito dos jovens que vivem juntos na casa dos pais. Não importa tanto se eu mesmo respondo às perguntas ou não. Se eu puder apenas iniciá-las na mente daqueles a quem elas dizem respeito, para que continuem pensando sobre elas e tentando respondê-las de forma prática em suas vidas, isso será muito melhor do que as respostas mais completas e sábias nas páginas deste, ou de qualquer livro. Ficarei bastante contente, portanto, se puder apenas estabelecer alguns pontos de interrogação enfáticos neste capítulo.

Como deve ser a comunhão doméstica de irmãos e irmãs? O que eles devem fazer em relação à vida doméstica? Como eles devem viver juntos? Essas perguntas podem ser respondidas em geral dizendo que uma amizade íntima e terna deve existir entre eles. Isso soa como uma observação muito comum. É claro que

irmãos e irmãs devem ser amigos e devem viver juntos em um relacionamento íntimo, como amigos. Isso ninguém negará. Mas encontramos universalmente esta amizade calorosa, viva e terna onde há jovens em casa? Frequentemente encontramos laços e apegos fortes, afeto e interesse mútuos e muitas coisas muito bonitas; mas quando nos aproximamos e procuramos a amizade no verdadeiro sentido, ela falta. Os irmãos e irmãs podem amar uns aos outros verdadeiramente, mas procuram seus amigos fora de casa. Eles saem em busca de uma simpatia calorosa, de uma intimidade próxima, de um companheirismo confidencial.

Não é difícil encontrar motivos para isso. Vivendo sempre juntos e se conhecendo desde a infância, os membros da mesma família tendem a se tornar desinteressantes uns para os outros. A mesmice da sociedade, dia após dia, tira seu frescor. A vida comum que todos levam sob o mesmo teto, com as mesmas ocupações, os mesmos temas de conversa, os mesmos incidentes e experiências, as mesmas esperanças e medos, as mesmas alegrias e tristezas, os mesmos livros, a mesma vida social, tornam difícil para os membros de uma família impressionar uns aos outros em repetição contínua e sempre acender inspiração e emoção um no outro, como amigos de outros lares podem fazer.

Depois, o fato de ser um lar e de os laços serem naturais e considerados seguros; os membros estão seguros uns dos outros, sem fazer nenhum esforço para ganhar confiança e respeito, pois o amor entre eles é natural. Sendo natural, não há necessidade de conquistá-lo, acariciá-lo ou se preocupar em mantê-lo. Essa

certamente é uma das causas da ausência de verdadeira amizade entre irmãos e irmãs. Eles imaginam que o afeto familiar é uma espécie de instinto, não sujeito às leis que regem os outros afetos; que não precisa ser buscado ou conquistado. Os membros da família pensam que não precisam demonstrar afeto, como é necessário entre amigos; dando afeto em troca pelas incontáveis pequenas ternuras e consideração que são mostradas aos outros a quem desejam ganhar. Esquecem-se de que o princípio “quem tem amigos deve mostrar-se amigável” aplica-se tanto na família como fora dela. Esquecem-se de que a amizade em qualquer lugar deve ser valorizada ou morrerá; que a indiferença e a frieza farão com que ela murche como a seca faz com que as flores murchem. Eles imaginam, em uma palavra, que o amor da família é tão certo e forte que não precisa de cuidados e nem sacrifícios, para mantê-lo seguro. Assim é que, em muitos lares, irmãos e irmãs vêm e vão, dia após dia e ano após ano, misturando-se com toda a vida da família, mas nunca formando amizades íntimas entre si.

Amizades na família requerem cuidado e cultivo, assim como outras amizades. Devemos conquistar o amor uns dos outros dentro de casa, assim como conquistamos o amor dos amigos de fora. Devemos provar que somos dignos; devemos nos mostrar altruístas, esquecendo de nós mesmos, sendo atenciosos e gentis, ternos, pacientes e prestativos. Então, quando tivermos conquistado uns aos outros, devemos manter o tesouro de afeto e confiança, assim como fazemos no caso de amigos que não estão no círculo sagrado do lar.

Se temos um amigo a quem respeitamos e valorizamos muito, todos sabemos o quanto nos esforçamos para manter sua amizade. Tomamos muito cuidado para nunca fazer nada que nos faça parecer indignos de tal amizade. Tentamos podar de nosso próprio caráter qualquer coisa que desagrade nosso amigo. Cultivamos assiduamente aquelas qualidades de coração e vida que ele admira. Procuramos oportunidades para fazer gentilezas e mostrar favores a ele. Nós nos desarmamos de qualquer coisa que possa feri-lo ou causar-lhe dor. Damos-lhe a nossa confiança; confiamos nele e provamos nossa afeição por ele de inúmeras maneiras.

Que ninguém suponha que as amizades domésticas possam ser conquistadas e mantidas de qualquer outra maneira. Não podemos depender da natureza ou do instinto para fazer isso por nós. Devemos viver uns para os outros. Devemos ganhar o coração uns dos outros dando exatamente o que esperamos receber. Devemos valorizar a amizade que conquistamos. A menos que o façamos, ele não crescerá. Devemos vigiar nossas palavras e nossa conduta. Devemos procurar agradar e nos esforçar para nunca ferir ou machucar. Devemos negar a nós mesmos e viver uns para os outros. Devemos confiar uns nos outros. Devemos cultivar em nossos próprios corações e vidas tudo o que é belo, tudo o que é terno, tudo o que é sagrado e tudo o que é verdadeiro. As amizades em nosso próprio lar, para serem profundas, verdadeiras e satisfatórias ao coração, devem ser

formadas pelo paciente entrelaçamento de alma a alma e pelo crescimento de vida em vida, assim como em outras amizades.

É assim na maioria de nossos lares? Existem exceções distintas; há casas que brilham como pedaços do céu caídos sobre esta terra amaldiçoada pelo pecado. Nestas, a afeição natural cresceu em uma teia sagrada de amizade real, unindo irmãos e irmãs em laços mais estreitos. Há irmãos que não têm amigos tão chegados como suas próprias irmãs; há irmãs que confiam em seus próprios irmãos como em nenhum outro amigo.

Uma das histórias mais ternas e tristes de toda a literatura é a de *Charles* e *Mary Lamb*. Em um ataque de insanidade, a irmã havia tirado a vida da própria mãe. Ela estava sujeita a períodos de frenesi por toda a sua vida depois desse evento, sendo assim necessário confiná-la em um asilo. Foi então que o afeto de seu irmão se manifestou. Ele viveu para sua irmã em devoção altruísta. Quando ela estava em seu juízo perfeito, ela morava com ele, e ele cuidava dela com um cuidado que era comovente.

Quando o acesso de insanidade estava chegando, havia sintomas premonitórios. Nesses momentos eles partiam juntos para o asilo onde ela era confinada por um tempo. Um de seus amigos relata como em uma ocasião ele encontrou o irmão e a irmã chorando amargamente enquanto de mãos dadas eles caminhavam lentamente juntos em um pequeno caminho a pé pelos campos e, juntando-se a eles, descobriu que eles estavam tomando seu caminho solene para o asilo. Isso não foi algo que ocorreu apenas uma ou duas vezes, mas com frequência; não foi

apenas por um ou dois anos, mas por trinta e cinco anos, até que a morte os separou. Ele “não teve coragem de suportar sua terrível carga por um mês ou um ano; ele suportou sua cruz ao longo da vida, consciente de que não havia como escapar de seu fardo e de suas dores”. Sem dúvida, existem muitas amizades profundas e reais entre irmãos e irmãs.

Há outro exemplo de amizade dedicada e amorosa entre um irmão e uma irmã nos *Korners*. O irmão, *Paul Korner*, não ocupou um lugar insignificante entre os poetas alemães. Ele morreu aos vinte e dois anos, caindo em batalha. Sua vida foi abençoada pela devoção de sua irmã, e sua forte afeição foi nobremente retribuída por ele. Eles viviam em confiança mútua. A amizade deles era em si “uma imagem rara e adorável de graça e beleza”. Sua morte prematura a matou. Ela não podia suportar o choque de viver sem ele. Ela sobreviveu a ele apenas o tempo suficiente para completar seu retrato e desenhar com o lápis do amor, um esboço de seu último lugar de descanso. Hoje eles dormem lado a lado, para que na morte como na vida não se dividam.

A história da vida não está toda escrita. Aqui e ali, em muitos lares tranquilos, existe uma amizade entre irmão e irmã, para a qual os anjos de Deus olham com amor e admiração, que percebem tudo o que há de terno e belo no apego e na afeição humana. No entanto, não acho que estou escrevendo uma palavra imprudente quando digo que tais amizades são raras. Muitas vezes, a comunhão de irmãos e irmãs em casa carece até mesmo das graças da civilidade comum. Assim que a porta os fecha, a

restrição é eliminada; o egoísmo vem à tona, a cortesia é deixada de lado. Não há conversa agradável. Eles nem tentam agradar um ao outro. A fala é grosseira ou descuidada e o comportamento geral é frio ou indiferente. A melhor natureza fica escondida e a pior vem à tona. Em vez de uma imagem terna de graça e beleza, a comunhão de irmão e irmã é uma discórdia dura e dolorosa.

Não deveria ser assim. Irmãos e irmãs devem viver juntos como amigos íntimos, devem cuidadosamente conquistar e diligentemente manter o amor um do outro, habitando juntos em unidade e terna afeição. Não há amizade no mundo tão pura, tão rica e útil quanto a da família, desde que seja observada e cuidada como deve ser.

Por que um irmão não deveria fazer de sua própria irmã uma confidente em vez de qualquer outra? Por que uma irmã não deve buscar conselho e proteção em seu próprio irmão, em vez de qualquer outro? Por que os irmãos não deveriam se orgulhar de ter o apoio de suas próprias irmãs em seus braços, e por que as irmãs não deveriam se orgulhar de olhar para o rosto de seus irmãos e se sentirem seguras no abrigo de seu amor? Mas, em vez disso, o que vemos com frequência? Os irmãos se afastam de suas próprias casas para encontrar seus companheirismos e amizades em outros círculos. Como se suas próprias irmãs não fossem dignas deles, ou fosse uma vergonha para um jovem dedicar-se de alguma forma a suas irmãs, assim que elas têm idade para serem suas companheiras, começando a buscar outras amizades. As irmãs ficam então desprotegidas ou aceitam a cortesia e o abrigo dos

outros, porque seus próprios irmãos falham em dar um abrigo seguro de uma amizade sincera. Infelizmente, essa é a realidade. O que deveria ser, no entanto, é diferente.

Um jovem deve ser mais educado com sua própria irmã do que com qualquer outra jovem sob o céu; e uma jovem deve sempre se voltar para seu irmão como a pessoa mais próxima dela neste mundo, até que um marido fique ao seu lado.

Irmãos e irmãs são os guardiões naturais uns dos outros. Se eles cumprissem seus deveres a esse respeito, um para com o outro, a vida apresentaria menos naufrágios. Eles devem proteger uns aos outros. Eles devem ser uma inspiração um para o outro na direção de todos os pensamentos nobres e de uma vida melhor. Eles devem ser os anjos da guarda um do outro neste mundo de perigo e de caminhos falsos e fatais.

As irmãs podem ser os anjos de seus irmãos. Há uma foto de uma criança caminhando em um caminho coberto de flores. Ao longo da beira do caminho estreito há arbustos que escondem da vista da criança um precipício profundo. A criança está inconsciente do perigo, encantada com as flores e não vendo como um passo em falso pode atirá-la para a morte. Sobre a cabeça do pequeno peregrino paira uma forma sombria de anjo, pouco visível, mas com interesse amoroso e ansioso em seus olhos, enquanto sua mão toca suavemente o ombro da criança; sua missão é guiar os passos da criança, protegê-la do perigo e evitar que caia.

A imagem representa uma verdade na amorosa providência de Deus. Existem anjos que guardam, guiam e abrigam os filhos de Deus. Eles são espíritos ministradores. Eles nos mantêm em todos os nossos caminhos. Sobre cada um de nós um anjo da guarda paira invisível para sempre. Mas há também um ministério de anjo muito abençoado de irmãs em favor de seus irmãos.

Não há necessidade de pintar aqui qualquer quadro dos perigos aos quais os jovens estão expostos neste mundo. Faz o coração sangrar ao ver quantos dos mais nobres deles são destruídos, arrastados para a ruína, suas belas vidas enegrecidas e quando tem sua masculinidade divina debochada. Eles saem de casa puros, com grandes aspirações, com grandes esperanças, com brilhantes promessas; mas eles voltam, manchados, degradados, com esperanças destruídas e com promessas não cumpridas. Todo jovem que entra na vida entra em uma batalha feroz na qual não haverá trégua até que ele se deite na derrota final ou ganhe a última vitória e entre na alegria e no descanso. A vida é difícil. Os jovens entram nela sem pensar, sem preocupação, sem sério ou solene senso de perigo, porque não estão conscientes de seu verdadeiro significado. A vida é uma luta prolongada com inimigos e perigos.

“O que é a vida, pai?”

“Uma batalha, meu filho,

Onde a lança mais forte pode falhar,

Onde os olhos mais cautelosos podem ser enganados,

E o coração mais forte pode vacilar;
Onde os inimigos estão reunidos por todos os lados, E não descansam nem de dia nem de noite.
Os pequeninos fracos devem permanecer no meio da luta até o fim.”

Para todo jovem, a vida é especialmente difícil. Ao entrar nela, ele precisa da simpatia de todos os que o amam; ele precisa das orações e da ajuda de todos os seus amigos. Por falta do forte apoio do amor, muitos jovens caem na batalha e muitos que saem vitoriosos devem suas vitórias ao santo afeto de corações verdadeiramente leais que os inspiraram com esperança e coragem em todas as suas horas de luta. O valor de amizades fortes nunca pode ser verdadeiramente conhecido neste mundo.

Ao lado da mãe e do pai, ninguém pode fazer tanto para ajudar um jovem a viver nobremente, como sua própria irmã. Ela nem sempre pode ir com ele. Seu braço fraco nem sempre poderia protegê-lo se ela estivesse ao lado dele. Mas há uma ajuda que ela pode dar a ele que se mostrará mais poderosa do que sua presença. Não é a ajuda de bons conselhos e palavras sinceras; estas também têm seu poder, mas a ajuda de uma influência silenciosa e sagrada, obtida no lar por uma vida de altruísmo e beleza, e então mantida como um poderoso encanto fora e além das paredes da casa. Há um poder sobre seu irmão, possível a toda verdadeira irmã, que seria como a própria mão de Deus para guiá-lo e contê-lo em todos os caminhos da vida. Mas infelizmente,

nem todas as irmãs, no entanto, têm esse poder sobre seus irmãos. Pior ainda é o fato de que às vezes, o poder de influência é para o mal e não para o bem.

Posso tentar dizer a vocês, queridas meninas, como vocês podem realmente ser os anjos da guarda de seus irmãos? Mostre-os em sua própria vida em casa, a graça e a beleza perfeitas de uma feminilidade verdadeira, nobre e elevada. Lute por tudo que é delicado, tudo que é puro, tudo que é terno, tudo que é santo e sagrado no ideal divino da feminilidade. Mostre-lhes em si mesmo uma beleza tão perfeita que eles se afastarão para sempre de tudo o que é desagradável. Torne a virtude tão atraente para eles, conforme eles a veem incorporada em você, que eles sempre serão repelidos pelo vício. Deixe-os ver em você tal pureza de alma, tal doçura de espírito, tal santidade divina, que onde quer que eles vão, sua influência pairará sobre eles como uma armadura de defesa. Seja uma mulher quase perfeita, cada uma de vocês, por meio da ajuda de Cristo. Então, quando as tentações vierem a seu irmão, surgirão diante de seus olhos tais visões de pureza e amor, que o fará logo se afastar do tentador com aversão.

Mas oh! Se você não é um anjo da verdadeira feminilidade para seus irmãos, se você não enche suas almas com visões de pureza e doçura, que ajuda você espera ser para eles quando eles se depararem com fortes tentações? Se você for enganosa, se for egoísta, se for falsa, se violar as sagradas propriedades da modéstia e do verdadeiro refinamento; se você é frívola e

insignificante; se você segue o prazer, afastando-se de tudo que é sério; se você é descuidada ou sem coração, não se engane com a vã esperança de que você pode ser, em qualquer sentido elevado, a guardiã de seus irmãos no dia do perigo. Você pode aconselhar, pode persuadir, pode implorar com lágrimas e todo sinal de terno amor, quando eles começarem a ceder; mas suas súplicas não valerão nada porque sua própria vida falhou em resistir ao teste e exibir diante deles uma elevada feminilidade. Mas se você apenas for verdadeira, nobre, altruísta e gentil, no mais alto e puro senso; se você for apenas atenciosa e viver para um propósito, tornando seu caráter decidido e forte, você lançará sobre seus irmãos uma influência silenciosa, imperceptível, mas poderosa, que será um escudo para eles em perigo, uma armadura em tentação e que encherá seus corações com as aspirações e objetivos mais puros e elevados.

Um escritor disse com veracidade ao falar da influência de uma irmã sobre seu irmão: “A mulher é para ele um objeto de respeito ou desprezo, de acordo com o que ele vê na mente e no coração de sua irmã. Ela não pode, portanto, ser muito cuidadosa em ensiná-lo a respeitá-la e amá-la. Ela não pode conferir a ele maior bondade do que dando-lhe uma ideia exaltada de feminilidade. Ela não pode infligir dano maior do que levá-lo a pensar que todas as mulheres são insignificantes e sem coração, indolentes, exceto na busca do prazer. Ela não pode infligir dano maior do que leva-lo a pensar que todas são ávidas de admiração”.

Os irmãos também devem ser os guardiões de suas irmãs. Todo jovem sabe o que é a verdadeira bravura e o que ela exige dele. Ele deve honrar toda dama, seja rica ou pobre, seja de posição superior ou inferior, e mostrar-lhe todo o respeito. Ele deve ser para toda mulher um verdadeiro cavaleiro, pronto para defendê-la do perigo, para protegê-la de todo insulto, para arriscar a própria vida por ela. Não há melhor teste para um cavalheiro do que o tratamento que ele dá às mulheres.

Agora, a quem todo jovem deve mostrar a mais alta e verdadeira bravura? A quem ele deve, antes de tudo, ser um cavaleiro muito verdadeiro e leal? Para quem, senão para suas próprias irmãs? Eles não têm a primeira reivindicação de sua afeição? Se o irmão não é um verdadeiro cavalheiro para suas próprias irmãs, ele pode ser um verdadeiro cavalheiro para qualquer outra mulher? Pode um jovem ser viril e tratar suas próprias irmãs com menos respeito e honra do que trata outras jovens? Portanto, um teste ainda maior para um cavalheiro é o tratamento que ele dispensa às suas próprias irmãs. Seu cavalheirismo deve mostrar-se primeiro para aqueles que lhe são mais próximos por laços naturais. Ele deve mostrar-lhes a mais verdadeira deferência. Ele deve tratá-las com aquela consideração delicada e com um respeito gentil e afetuoso. Ele deve se considerar seu verdadeiro cavaleiro, cujo ofício é oferecer a elas todo abrigo necessário, servi-las e promover seu bem maior de todas as maneiras.

Claro que não há jovem com uma centelha da honra da verdadeira masculinidade em seu peito, que não defenderá instintivamente sua irmã, se ela for insultada na rua. Ele se colocará instantaneamente entre ela e o perigo. Tampouco há irmão digno desse nome que não defenda a honra de sua irmã se línguas vis a difamam. Mas mais do que isso é exigido de um irmão leal. Ele deve fazer para si um muro em torno de sua irmã para protegê-la de toda influência maligna e profana. Todo jovem conhece outros rapazes; ele conhece o caráter deles, seus hábitos e suas boas e más qualidades. Ele conhece os jovens cujas vidas são impuras, que são libertinos e que se envolvem com prostitutas. Ele conhece aqueles que se entregam à bebida forte, aqueles que são ímpios e profanos, e aqueles cujas vidas estão manchadas com a imundície da libertinagem. Por acaso, o irmão deveria permitir que um jovem seja o companheiro de sua irmã pura e gentil? Ele deveria permitir que ela, na inocência de seu coração, aceite as atenções de um homem tão jovem? Ele deveria permitir que ela confie sua alma a ele? Ele pode ver uma amizade se formando, se fortalecendo, entre sua irmã e um homem tão jovem e permanecer em silêncio, não proferindo em seu ouvido nenhuma voz de advertência ou protesto, e ainda assim ser um irmão leal e fiel a ela?

Este é um lugar para palavras simples, fortes e sinceras. Certamente os jovens não pensam seriamente neste assunto, ou não precisariam de nenhum argumento para convencê-los de seu dever. Você tem uma irmã, pura como um lírio. Ela cresceu ao seu

lado no abrigo de sua casa. Seus olhos nunca olharam para nada vil. Seus ouvidos nunca ouviram uma palavra impura. Sua alma é branca como os flocos de neve que caem das nuvens. Você a ama como ama sua própria vida. Você a honra como se ela fosse uma rainha. Um jovem procura ganhar seu respeito e confiança. Ele se comporta bem na sociedade, tem boas maneiras, é atraente e inteligente. Mas você sabe que ele frequenta *resorts* do mal, que sua vida secreta é impura, que sua alma está manchada com pecados vis e que ele é vítima de hábitos que trarão ruína e desonra no final. Sua irmã não sabe nada sobre o verdadeiro caráter dele. Você deveria permitir que ele se torne seu companheiro? Você não é obrigado a dizer a ela que ele não é digno dela? Você pode fazer o contrário e ser um irmão fiel?

Além dessa posição entre sua irmã e o perigo, todo irmão também deve mostrá-la em sua própria vida, o ideal da masculinidade mais verdadeira, pura e honrada. Se é verdade que o melhor escudo que uma irmã pode oferecer para seu irmão é mostrar a ele o mais alto exemplo de feminilidade, também é verdade que a defesa mais verdadeira que um irmão pode oferecer para sua irmã é uma masculinidade nobre em sua própria pessoa. Ele deve exibir diante dela continuamente um caráter sem mácula, com altas aspirações, com generosas simpatias, com espírito e disposição puros, verdadeiros, altruístas, semelhantes aos de Cristo. Se ele vai proteger sua irmã dos impuros, ele não deve ser impuro. Ele deve mostrar a ela em si mesmo um ideal tão elevado de masculinidade, que sua alma deve inconscientemente e

instintivamente recuar de tudo o que é vulgar, bruto ou mau. Não há outra defesa tão perfeita. Que nenhum irmão pense que pode ser um abrigo contra o mal para sua irmã, se sua própria vida não for imaculada e verdadeira.

Deve-se dizer também que as moças devem aceitar, e até buscar, o conselho de seus irmãos em relação a seus companheiros. Que os irmãos sejam fiéis a suas irmãs, dando-lhes um exemplo elevado; que estejam prontos para protegê-las do perigo e para serem seus sábios e fiéis conselheiros; então, que as irmãs recorram a seus irmãos em busca de proteção e conselhos, e sejam rápidas em atender às advertências que eles derem e evitar os perigos que eles apontarem. As moças são sempre sábias nesse respeito? Elas desejam ou recebem o conselho de seus irmãos com relação a companheiros? Os irmãos, por acaso, são sempre cuidadosos o suficiente, mesmo quando sabem que os rapazes são imorais?

Quando uma jovem cai em pecado, a mancha sempre fica em seu nome. Ela nunca pode subir novamente ao seu antigo lugar. Ela se torna excluída da sociedade. Ela carrega o fardo de seu nome manchado aonde quer que vá e, embora seja vítima da traição mais vil, ela fica depois disso do lado de fora dos portões, sem amigos e negligenciada. Embora ela se arrependa de seu pecado e rasteje aos pés de seu Salvador e encontre perdão; embora o cordeiro ferido seja colocado no seio do pastor e levado de volta ao seu rebanho; embora ela seja contada entre os filhos do Pai, ainda assim a sociedade não a perdoa. Suas próprias

amigas não têm piedade dela, não há lugar para ela ao lado delas ou em seus círculos.

Mas e seu traidor e destruidor? Ele também é excluído da sociedade? Ele é evitado pelos puros que olham com tanto desprezo para sua vítima? Por acaso, muitas jovens não permitem que ele ocupe seu lugar, seja honrado e bem-vindo, como se não houvesse mancha em sua alma, nenhum crime marcando sua testa? As jovens são fiéis a si mesmas quando recebem amizade e intimidade de alguém que provou ser tão indigno de confiança? Que elas busquem o conselho de seus próprios irmãos quanto ao caráter e aptidão de outros rapazes antes de recebê-los em companhia, e aceitem como amigos apenas aqueles que são dignos de sua consideração e confiança.

Da mesma forma, todo jovem que tem uma irmã, fará bem em aconselhá-la a respeito de outros jovens com quem ela poderá ter uma amizade íntima. Ele sabe muito mais do que ela pode saber sobre o verdadeiro caráter deles, se tornando assim, competente para aconselhá-la. Ela provará sua sabedoria buscando o conselho dele, especialmente na formação de relacionamentos íntimos, que podem ter muito a ver com todo o seu futuro.

De fato, não há fase de sua vida em que um jovem não seja melhor e sua vida mais limpa e rica do que quando ele segue os conselhos de sua irmã. *Washington Irving* escreveu estas palavras comoventes sobre a perda que sofreu em sua vida por não ter irmãs: “Muitas vezes lamentei que a Providência me negasse a companhia de irmãs. Muitas vezes pensei que se tivesse tido

irmãs, eu deveria ter sido um homem melhor”. Há muitos homens que teriam sido melhores se tivessem sido abençoados com irmãs. Todo irmão que tem uma irmã deve apreciá-la e deixar que seu coração se comprometa com ela com amor leal e viril. Ele deve valorizar o amor dela por ele como uma das flores mais doces do jardim da terra, uma das coisas mais sagradas e preciosas da vida, e ele deve amá-la com uma afeição profunda, terna e forte.

Deve ser dito que nem toda irmã que possui esse poder, influência seu irmão. Há muitas que jogam essa oportunidade fora. Nenhuma irmã pode manter essa poderosa influência e ser frívola e insignificante. Ninguém pode manter tal poder e ser uma borboleta boba da moda. Para mantê-lo, ela deve ser uma mulher verdadeira, atenciosa e nobre. Ela deve ter um caráter que brilhe como cristal em sua pureza, sinceridade e simplicidade. O poder que ela tem e retém deve ser o poder da verdadeira feminilidade, cuja força é a gentileza e cuja inspiração é a pureza da alma.

Não há lugar melhor do que este, para dizer algumas palavras sinceras às jovens sobre o cultivo de seus próprios corações. Entre todos os elementos de beleza no caráter de uma jovem, nenhum é mais essencial do que a pureza da mente e do coração, e nenhum dá tanta graça a toda a vida e ao espírito. Aqui está um trecho que extraí de uma carta que li:

> *“O verdadeiro refinamento não é mero polimento exterior. Vai mais fundo e penetra até o próprio fundamento do caráter. É pureza, gentileza e graça no*

coração, que, como o perfume das flores, exala e banha toda a vida em doçura. Não é meramente cultura mental; há verdadeiro refinamento muitas vezes onde a educação é limitada, onde no discurso você pode detectar falhas e erros. Por outro lado, às vezes há um alto fornecimento intelectual, sem nenhum verdadeiro refinamento. O que realmente refina é a pureza da mente e do coração".

Estas palavras são muito verdadeiras. Não é possível sequer pensar na verdadeira feminilidade, sem pureza. Assim como não é fácil pensar em uma rosa sem beleza, ou de um lírio sem brancura. Em meio aos destroços deste mundo, forjado pelo pecado, ainda existem alguns fragmentos da beleza do Éden, e entre estes, nenhum é mais adorável do que a delicadeza imaculada do coração de uma verdadeira mulher. Também é possível preservar esta santa pureza mesmo em meio a todo o pecado e impureza deste mundo.

Eu vi um lírio flutuando nas águas negras de um pântano. Tudo ao seu redor era estagnação e vileza, mas em meio a tudo isso, o lírio permanecia puro como as vestes de um anjo. Ele jazia no lago escuro, balançando no seio de cada ondulação, mas nunca recebendo uma mancha. Ele ergueu sua face imaculada em direção ao céu azul de Deus e derramou sua fragrância sobre ele. Portanto, é possível, mesmo neste mundo de maldade moral, que uma jovem cresça, mantendo sua alma imaculada e sempre

exalando o perfume do amor santo e altruísta, mesmo em meio a tudo de errado que está no mundo.

“Mantenha-me pura, para que os outros sejam fortalecidos”. Esta é uma oração adequada para todas as jovens. Ela não deve valorizar nada neste mundo tanto quanto sua pureza de coração, de pensamento, de alma. Ela deveria estar disposta a perder qualquer outra coisa; prazer, riqueza, recompensa, em vez de perder esta joia mais rica. Ela deve proteger sua imaginação, seu coração e suas afeições, para que nenhum sopro possa macular sopre sobre sua vida.

Eu acredito que agora há uma necessidade de uma advertência sincera. Existem perigos aos quais toda jovem está exposta. Há coisas em alguns círculos que são dolorosas para todo coração sensível. Existem revistas e livros oferecidos em todos os lugares, e lidos por muitos, que deixam um rastro de manchas nas belas flores do refinamento virginal. Quando, em uma manhã de inverno, você respira sobre o requintado rendilhado de gelo em uma vidraça, ele derrete e nenhuma mão humana pode restaurá-lo. Da mesma forma, é impossível devolver o encanto da pureza à alma que a perdeu. Se uma jovem se tornar a mais imaculada feminilidade, radiante em todos os aspectos com a beleza da própria imagem de Cristo, ela deve desde a mais tenra juventude, através de todas as experiências de sua vida, manter a pureza de coração.

Até agora, o dever apenas de irmãos para irmãs e irmãs para irmãos foi considerado. Deve alegrar o coração de um jovem ter

uma bela e nobre irmã para apoiar-se em seu braço e olhar para ela em busca de proteção, conselho, amizade forte e santa. E uma irmã deve estar orgulhosa e feliz por ter um irmão crescendo em uma força masculina, para ficar ao seu lado, carregá-la em seus braços e protegê-la das tempestades da vida. Entre irmão e irmã deve haver uma amizade profunda, forte, próxima, confiante e fiel.

Mas o lar também oferece oportunidades para amizades entre irmão e irmão e entre irmã e irmã. Por que os irmãos de uma família não devem ficar juntos? Eles têm laços, alegrias, tristezas e interesses comuns. A mesma mãe os deu à luz e ensinou seus lábios infantis a balbuciar as orações. O mesmo pai trabalhou e se sacrificou por eles. O mesmo teto da casa os abriga. Por que eles não deveriam ser um para o outro, leais como bons amigos? Quando alguém está com problemas, a quem seus instintos devem ensiná-lo a recorrer primeiro, se não a seu próprio irmão? Onde ele deveria pensar em encontrar simpatia e ajuda mais rápida do que no coração e na mão de seu irmão? Quem deveria estar tão disposto a ajudar como um irmão?

Mas, por acaso, sempre encontramos essa amizade entre irmãos? Às vezes sim. Há famílias de irmãos que permanecem unidos no mais leal afeto. Eles compartilham os fardos um do outro. Se alguém está com problemas, os outros se aproximam dele com forte apoio e solidariedade; como quando um galho de uma árvore é ferido, todos os outros galhos dão sua vida para restaurar o que está ferido. Certamente, a realidade é muito bonita, quando existe um lar assim.

Mas muitas vezes tal realidade não é verdadeira. Frequentemente, eles se separam, mesmo enquanto permanecem sob o teto de casa. Cada um constrói interesses próprios. Eles procuram amigos diferentes lá fora. Às vezes, sobre o túmulo de um pai, as brigas sobre questões mesquinhas de propriedade e feudos profanos constroem muros entre corações e vidas, que deveriam estar unidos inseparavelmente para sempre. Com tanto em comum, com os laços mais sagrados para uni-los, e as mais sagradas memórias para santificar sua união, os irmãos não devem permitir que nada os afaste um do outro. Nenhum interesse egoísta, nenhuma questão de dinheiro ou propriedade, nenhuma amargura ou rixa, jamais deveria entrar para cortar seus corações. Embora os continentes os dividam e os mares se movam entre eles, seu amor deve permanecer fiel, forte e verdadeiro para sempre.

Da mesma forma, as irmãs de um lar devem manter a amizade umas com as outras, apesar de todas as mudanças e todas as diversas experiências da vida. Isso elas fazem, com mais frequência do que seus irmãos. Sua vida dentro de casa as mantém mais unidas do que os irmãos em sua vida exterior. Elas têm melhores oportunidades para cultivar a amizade entre si, nas muitas horas em que se sentam juntas em seus afazeres domésticos. Os interesses de suas vidas são menos propensos a separá-las ou iniciar diferenças entre elas. Nada é mais adorável do que a imagem de irmãs nos braços uma da outra, suas vidas

misturadas em santo amor, uma ajudando a outra, dando consolo na tristeza, força na fraqueza e ajuda na provação.

Os irmãos e irmãs que leem estas páginas estão realizando em suas próprias vidas os ideais que aqui foram esboçados de maneira tão imperfeita? Eles estão vivendo juntos em terno amor em sua própria casa? Se forem, a bênção do Céu cairá sobre seus corações e vidas, como um batismo de santa paz. Se não, onde está a falha? O que pode ser feito para corrigir? Muitas possibilidades abençoadas de alegria, de amor e de ajuda estão nesses relacionamentos sagrados, para serem negligenciadas ou impiedosamente jogadas no pó. A vida é muito curta para ser gasta em conflitos e discórdias em qualquer lugar, especialmente no círculo sagrado do lar. Conflitos e alienações aqui são as sementes para uma colheita de tristeza. Triste será ficar ao lado do caixão de um irmão ou irmã, e enquanto olhamos para o barro frio e silencioso, lembrar-se de que sempre fomos indelicados com alguém que estava tão perto, que sempre falhamos em atos de amor, ou que alguma vez permitimos que algo nos afastasse ou tornasse nossa comunhão fria e formal.

Vocês têm irmãos ou irmãs morando em algum lugar deste grande mundo? Você permitiu que a amizade esfriasse, ou que os laços fossem esquecidos? Você permitiu que toda comunhão fosse interrompida? Não perca um dia até que você tenha feito a primeira coisa, dado o primeiro passo, para juntar os elos quebrados e reuni-los em uma corrente sagrada. Se estiverem longe, escreva-lhes palavras de amor. Se estiverem ao seu

alcance, vá até eles pessoalmente. Se vocês ainda vivem lado a lado na antiga casa, e se sua vida juntos não tem sido próxima, íntima, confiante e útil, procure imediatamente, por todas as sábias artes de um coração amoroso, torná-la o que deveria ser.

Então, não importa quão simples ou antiquada seja sua casa, as amizades sagradas sob seu teto transfigurarão tudo. A pobreza é uma cruz leve, se houver amor em casa. A labuta, as dificuldades, o cuidado, o sacrifício e até mesmo a tristeza perdem sua robustez, desolação e severidade, quando a afeição terna se entrelaça sobre os irmãos; como rochas frias, nuas e ásperas são transformadas em beleza, quando flores verdes, gentis e sorridentes crescem de todas as fendas e enchem cada canto negro.

“Caro musgo”, disse o telhado de palha em uma velha ruína, “estou tão desgastado, tão remendado, tão esfarrapado; realmente sou bastante desagradável. Eu gostaria que você viesse me animar um pouco; se você esconder todas as minhas enfermidades e defeitos, por meio de sua amorosa simpatia, nenhum perigo de desprezo ou antipatia será apontado para mim. Logo o sol brilhou e o velho telhado de palha parecia brilhante e claro, uma imagem de rara beleza sob os raios dourados. “Que lindo esse telhado!”, gritou quem viu. “Que lindo esse telhado!”, disse outro. “Ah,” disse o velho telhado: “Em vez disso, deixe-os dizer: ‘Quão bonito é o musgo amoroso que se gasta em encobrir todas as minhas falhas, mantendo o conhecimento de todas elas

para si mesmo, e por sua própria graça fazendo minha idade e pobreza vestirem o traje de juventude e luxo!’”

Sua casa é simples e vazia? Você enfrenta dificuldades e suporta labuta? Você tem preocupações e privações? Você suspira por algo mais fino, mais bonito, menos duro? Chame o amor para envolver-se em toda a sua vida doméstica. Cultive as amizades domésticas! Amarre os laços de casa que estão arrebentados. Plante as flores do afeto em todos os cantos. Então logo tudo será transfigurado! Você esquecerá das preocupações, dificuldades e labuta, pois todas essas coisas estarão escondidas sob lindas vestes de afeto. Seus olhos não verão mais os problemas, a dureza, as ansiedades, as labutas; mas ficarão encantados com a exuberância do amor que cobrirá todas as manchas!



A VIDA DOMÉSTICA

Em um recanto tranquilo entre as colinas, onde grandes árvores da floresta entrelaçam seus galhos e formam uma sombra profunda, um pequeno riacho nasce. À medida que brota entre as rochas e vai ondulando sobre as pedras, apenas um minúsculo fio de prata a princípio começa seu caminho em direção ao grande mar. Outros riachos se juntam a ele à medida que flui, e ele continua se acumulando e aumentando de volume, até se tornar um rio, trazendo grande quantidade de água em seu seio e finalmente desaguando no amplo oceano.

O seu percurso é marcado por uma grande variedade. Por um tempo ele ri e dança sobre as pedras, como uma criança brincando, com alegria. À medida que se alarga e se aprofunda, torna-se mais sóbrio, tendo seu movimento mais lento; e quando é

um rio, seu fluxo é calmo e majestoso. Às vezes, quando seu curso está sob a luz do sol, suas águas brilham como cristal sob os raios brilhantes; às vezes corre por prados e campos onde flores doces desabrocham em suas margens; às vezes mergulha em desfiladeiros profundos e escuros, entre rochas altas, onde nenhum raio de sol cai e nenhuma flor desabrocha; às vezes ele se quebra em um redemoinho louco, ou corre em uma torrente feroz ou salta sobre um precipício em uma catarata espumante. Assim flui, em meio a toda essa diversidade de cenas e experiências, até chegar ao grande mar.

Não é tudo isso uma imagem da vida de todo verdadeiro lar? Começa quando duas vidas jovens se encontram e se misturam em uma, e no altar do casamento, de mãos dadas, juram amar e cuidar um do outro até que a morte os separe. Começa em meio a flores, sinos repicando, doces acordes de música e parabéns de amigos. Em seu curso inicial, é como o riacho cantante que ondula em seu canal, sem cuidado ou pensamento sério, alegre, contagiante e brilhante, mas sem grande profundidade ou significado. Em certo sentido, esses são dias felizes, mas sua felicidade é superficial e não se apega profundamente à vida.

Um pouco mais tarde a corrente começa a se aprofundar e se alargar. Outras vidas entram no fluxo da vida doméstica à medida que os filhos chegam um a um. Depois disso, pode haver menos alegria, assim como o riacho fica mais calmo e silencioso com seu volume crescente. Grandes preocupações surgem na vida. A imprudência dá lugar à seriedade, à medida que as

responsabilidades são adicionadas. Novos fardos se acumulam. A vida assume um significado mais profundo. Há menos risadas e alegria, mas a alegria é mais profunda e mais real.

À medida que os anos passam, as experiências da vida doméstica são diversificadas por muitas mudanças e vicissitudes e por muitas alterações de alegria e tristeza. Há momentos de alegria e prosperidade, como quando o riacho flui por vales tranquilos, quando encostas verdes se estendem para longe de suas margens e quando doces flores beijam suas águas prateadas. Depois, há momentos de tristeza, quando a corrente pacífica é quebrada e quando o riacho mergulha no abismo sombrio. Cada lar tem suas experiências de provação. Mas através deles, a água passa, emergindo novamente e fluindo, mais calma, mais profunda, mais majestosa, em uma vida mais rica e plena do que antes, até que finalmente entra no grande mar da eternidade!

Nos capítulos anteriores, foi considerada a parte de cada membro da família na construção do lar. Os deveres e responsabilidades do marido, da esposa, dos pais, dos filhos, dos irmãos e irmãs, foram mencionados. Se todos os diferentes membros de uma família forem fiéis em seus próprios lugares, fazendo bem sua própria parte, a vida doméstica será uma doce canção de santa paz. Quaisquer que sejam suas experiências, sempre terá seu tom de alegria.

> *Em suas noites mais escuras de provação, tal casa será iluminada pelas lâmpadas de afeto, que nenhuma*

rajada de inverno pode apagar. Isolada do mundo, protegida por seu próprio teto, contendo em si as fontes de felicidade e não dependendo do mundo exterior para sua alegria, pouco importa se é dia ou noite, se está calmo ou tempestuoso lá fora. O verdadeiro lar tem uma paz que não é quebrada pelas tempestades da terra! Seu amor é uma fonte de bênção que não murcha no verão e não congela no inverno mais frio. As possibilidades de felicidade e bênção na vida familiar são simplesmente incalculáveis. Tudo o que é necessário é que cada membro faça fielmente sua parte.

Pode ser proveitoso, neste ponto, abordar algumas das fases e incidentes particulares da vida doméstica, que são comuns a todos os lares. Não há nada insignificante na vida que vivemos dentro de nossas próprias portas. Não há nada que não influencie a edificação do caráter. Em algumas rochas antigas, o geólogo mostra os rastros que os pássaros deixaram há muito tempo atrás; e a impressão da folha que caiu; ou as marcas feitas pelos pingos de chuva. Era areia macia na época, mas depois endureceu e se tornou em uma rocha, e essas marcas foram preservadas; registros imperecíveis da história de um dia que brilhou incontáveis séculos atrás. Que ninguém pense que a história de

qualquer dia na vida de um lar é registrada de forma menos imperecível na vida sensível das crianças.

Há algo infinitamente mais importante do que o mero cumprimento de deveres. Existe uma influência inconsciente que paira sobre cada vida; como uma atmosfera, que é mais importante do que as palavras ou atos da vida. Há muitos pais que não falham em nenhum dever, que se preocupam profundamente com os filhos e realmente se esforçam para tornar seu lar o que deveria ser, cuja influência não é bênção. Quando os resultados da vida estiverem todos reunidos, provavelmente será visto que as coisas em nós que causaram as impressões mais profundas e duradouras em nossos lares e em nossos filhos, não foram as coisas que fizemos com propósito e intenção, planejando produzir um certo efeito, mas as coisas que fizemos quando não estávamos pensando em treinar, influenciar ou afetar qualquer outra vida!

Um escritor sábio diz: “Eu olho com admiração para aqueles velhos tempos e me pergunto como é que a maioria das coisas que eu suponho que meu pai e minha mãe construíram, especialmente para me moldar a uma masculinidade correta, são esquecidas e perdidas de minha vida; mas as coisas em que quase nunca pensavam, a sombra da bênção lançada pelo lar, o amor terno não expresso, os sacrifícios feitos que não foram premeditados; essas coisas foram guardadas e enchem meu coração ainda e sempre com ternura quando eu me lembro delas”. Não é tanto a fidelidade estrita no ensino e treinamento que é tão poderosa em nossos lares para uma impressão sagrada, mas a

própria vida doméstica. O primeiro é como o corte e o treinamento habilidosos de uma videira; o último é como o sol e a chuva que caem sobre a videira.

É necessário que toda a vida familiar e o espírito do lar estejam em harmonia com o ensino e o treinamento, se for para causar impressões sagradas. A bondade simples é mais importante do que as melhores teorias de governo doméstico, realizadas de maneira mais completa e fiel! Não há nada na rotina diária da vida familiar que não seja importante. Na verdade, muitas vezes são as coisas que pensamos como sem influência, que causarão a mais profunda impressão na tenra vida da família.

Um distinto artista dinamarquês havia esculpido na cidade de Roma, algumas de suas mais raras obras em mármore. Quando ele terminou, todos foram mandados para casa. Os trabalhadores, ao desempacotar as artes, espalharam no chão a palha que havia enrolado nas estátuas. Na palha havia uma multidão de pequenas sementes, e no verão seguinte inúmeras flores dos jardins de Roma estavam florescendo em toda a casa do artista no Norte. Ele não pretendia deixar cair essas minúsculas sementes de beleza; ele estava concentrado apenas em seu grande trabalho, pensando apenas nos magníficos resultados em mármore que trazia para casa e que seriam admirados por muito tempo. Mas enquanto realizava seu grande propósito, ele também estava inconscientemente espalhando por sua casa, outras influências ternas e belas.

Da mesma forma, os homens mais ocupados, empenhados nos mais grandiosos propósitos, estão sempre espalhando ao seu redor inúmeras sementes, que brotarão em terna beleza para abençoar seus lares. Pode ser que, no final, as influências inconscientes e não intencionais superem em muito aqueles empreendimentos que planejaram com tanto esforço e forjaram com uma esperança tão brilhante.

Poucas coisas são mais importantes em uma casa do que sua conversa e, no entanto, há poucas coisas nas quais se dá menos atenção. O poder de comunicar o bem que está na língua é simplesmente incalculável. Transmita conhecimento; profira palavras que brilharão como lâmpadas em corações escurecidos; fale frases gentis que confortem a tristeza ou animem o desânimo; exalem pensamentos que despertem e vivifiquem almas desatentas; sussurre o segredo da vida dando energia aos espíritos que estão mortos.

A quantidade de bem que poderíamos fazer em nossas casas com nossas línguas, se as usássemos até o limite máximo de sua capacidade é simplesmente impossível de calcular. Por que tanto poder para bênção seja tão desperdiçado? Por que devemos perverter esses dons e usar nossas línguas para fazer o mal, para causar dor, para espalhar sementes de amargura? É uma coisa triste quando uma criança nasce muda, mas é muito melhor ser burro e nunca ter o dom da fala, do que, tendo-o, empregá-lo falando apenas palavras duras, sem amor ou raivosas!

A conversa em casa deve ser amorosa. O lar é o lugar do calor e da ternura. No entanto, há em muitas famílias uma grande escassez de palavras gentis. Em alguns casos, não há nenhuma conversa digna desse nome. Não há saudações afetuosas pela manhã nem despedidas ao final do dia. As refeições são feitas em silêncio. Não há conversas ao lado da lareira sobre os eventos e incidentes do dia. Um estranho pode confundir a casa com uma instituição de surdos e mudos!

Em outros casos, seria melhor se o silêncio reinasse, pois apenas palavras de brigas miseráveis e vergonhosas são ouvidas no dia a dia. Marido e mulher, que juraram no altar do casamento amar o outro até a morte, mantêm uma incessante disputa mesquinha de palavras. Os pais, que são ordenados na santa Palavra, a não provocar a ira de seus filhos para que não fiquem desencorajados, mas a criá-los na doutrina do Senhor, quase nunca falam gentilmente com eles. Eles parecem imaginar que não estão “governando” seus filhos, a menos que os repreendam perpetuamente! Eles emitem seus comandos para eles em palavras e tons que se adequariam melhor ao déspota de alguma tribo selvagem mesquinha, do que ao chefe de uma família cristã. Não é estranho que, sob tal “educação”, os filhos, em vez de viverem juntos em unidade, com palavras amorosas, devam apenas brigar, falando apenas palavras amargas em sua comunhão uns com os outros. Que existam muitas casas exatamente desse tipo, é inútil negar. A oração que é oferecida de manhã e à noite nessas famílias só piora a situação, pois é uma

zombaria para uma família se colocar de joelhos apenas para começar outro dia de conflito e amargura!

Nada na vida doméstica precisa ser mais cuidadosamente observado e mais diligentemente cultivado do que a conversa. Deve estar saturada com o espírito de amor. Nenhuma palavra amarga deve ser dita. A linguagem de marido e mulher em sua comunhão deve ser sempre terna. A raiva na palavra, ou mesmo no tom, nunca deve ser permitida. Jamais se deve permitir que repreensões e críticas perturbem a santidade de sua linguagem. O calor e a ternura de seus corações devem fluir em cada palavra que eles proferem um ao outro.

Como pais, também, em sua comunhão com seus filhos, eles nunca devem falar, se não, somente em palavras de gentileza cristã. É um erro fatal supor que a vida das crianças desenvolva em beleza em uma atmosfera de conflito. Palavras duras e raivosas são para suas almas sensíveis o que a geada é para as flores. Criá-los na criação do Senhor é criá-los como o próprio Cristo faria, e certamente isso seria com infinita gentileza. A abençoada influência do discurso amoroso, dia após dia e mês após mês, é impossível estimar. É como a queda do sol quente da primavera e da chuva no jardim, fazendo com que lindas flores brotem em todos os cantos, enchendo todo o ar com uma doce fragrância. Somente beleza e gentileza de caráter podem vir de tal lar.

Mas a conversa doméstica precisa de mais do que amor, para exercer toda a sua influência. Ela também deve ser enriquecida

pelo pensamento. A advertência do Salvador contra palavras ociosas deve ser lembrada. Todo pai de coração sábio procurará treinar sua família para conversar sobre assuntos que produzirão instruções ou serão instrumentos para o refinamento.

A mesa da cozinha oferece uma excelente oportunidade para esse tipo de educação. Três vezes por dia a família se reúne lá. É um lugar de alegria. Simplesmente por razões de boa saúde, as refeições não devem ser feitas em silêncio. Conversas animadas e alegres são um excelente tempero e um auxílio primordial para a digestão. Se prolongar a refeição e, assim, parecer tomar muito tempo do dia agitado, aumentará os anos no final, aumentando a saúde e prolongando a vida. Em todo caso, porém, algo se deve ao refinamento, e mais ainda ao cultivo da vida familiar. A mesa deve ser o centro da vida social da família. Lá, todos devem aparecer no seu melhor. A melancolia deve ser banida. A conversa deve ser brilhante. Deve consistir em algo além de lugares comuns enfadonhos e surrados. A fofoca ociosa da rua dificilmente é um tema digno para tais momentos sagrados.

A conversa à mesa deve ser de molde a interessar a todos os membros da família; portanto, deve variar de acordo com a idade e inteligência daqueles que formam o círculo. Os eventos e ocorrências de cada dia podem ser falados e discutidos com proveito. E agora que o jornal diário contém um resumo tão completo e fiel dos feitos e acontecimentos do mundo, isso é fácil. Cada um pode mencionar o evento que o impressionou especialmente no jornal. Pedaços de humor devem ser sempre

bem-vindos, e todo recital cansativo e discussão enfadonha e desinteressante devem ser evitados.

A conversa à mesa pode ser enriquecida e, ao mesmo tempo, a inteligência de todos os membros de uma família pode ser avançada, trazendo à tona pelo menos um fato novo em cada refeição, a ser acrescentado ao fundo comum de conhecimento. Suponha que haja duas ou três crianças à mesa com idades entre cinco e doze anos. Deixe o pai ou a mãe ter algum assunto específico para introduzir durante a refeição, que seja interessante e proveitoso para os membros mais jovens da família. Pode ser algum incidente histórico, ou algum fato científico, ou a vida de alguma pessoa distinta. O assunto não deve estar acima da capacidade dos mais jovens, para cujo benefício especial é introduzido, nem a conversa deve ser sobrecarregada. Um único fato claramente apresentado e firmemente impresso é melhor do que capítulos inteiros de informações despejados em um jargão confuso.

Um pouco de reflexão mostrará o rico resultado de um sistema como este, se seguido fielmente por uma série de anos. Se apenas um fato for apresentado em cada refeição, haverá mil coisas ensinadas às crianças em um ano! Se os assuntos forem escolhidos com sabedoria, o fundo de conhecimento comunicado dessa maneira não será de valor insignificante. Todo um sistema de educação reside nesta sugestão, pois além da comunicação de conhecimentos importantes, o hábito da atividade mental é estimulado; desperta-se o interesse por linhas de estudo e

pesquisa, que posteriormente poderão ser seguidos; os gostos são melhorados; enquanto todo o efeito sobre a vida familiar está elevando e refinando!

Pode-se objetar que tal sistema de conversa à mesa não poderia ser conduzido sem muita reflexão e preparação por parte dos pais. Mas se o hábito uma vez foi formado e o plano devidamente introduzido, seria comparativamente fácil para os pais de inteligência comum mantê-lo. Os livros agora são preparados em grande número, contendo fatos importantes. Depois, há enciclopédias e dicionários de vários tipos. Os jornais contêm todas as semanas parágrafos e artigos de grande valor. O uso inteligente de tesoura e cola manterá os livros de sucata bem preenchidos com material, que podem ser facilmente disponibilizados.

Será necessário pensar e planejar tal sistema, escolher os temas com antecedência e se familiarizar com os fatos. Este trabalho pode ser compartilhado por ambos os pais e, portanto, ser fácil para ambos. Que isso vai custar tempo, pensamento e trabalho não deve ser uma objeção, pois não vale a pena quase nenhum custo para garantir os benefícios e vantagens que resultariam de tal sistema de instrução doméstica?

Essas são apenas sugestões das quase infinitas possibilidades de bem que se encontram na conversa doméstica. O fato de tão pouco ser percebido na maioria dos casos em que tanto é possível é uma das coisas mais tristes da nossa vida atual. Pode ser que essas sugestões, embora grosseiras, estimulem em algumas

famílias pelo menos uma busca inicial por algo melhor do que já encontraram em seus hábitos de conversas inconstantes e sem objetivo. Certamente não deve haver casa em que, em meio a toda a conversa leve que voa de línguas ocupadas, não haja tempo todos os dias para dizer pelo menos uma palavra que seja instrutiva, sugestiva, edificante ou de alguma forma útil.

As noites familiares apresentam outro campo rico em possibilidades de influência duradoura e impressão sagrada. Um dos infortúnios de nossos tempos é que o lar esteja sendo tão roubado de suas noites pelos negócios, pelo prazer e pelas atrações sociais. Alguns homens nunca passam uma noite em casa, durante todo o ano. Por acaso, é de se admirar que, nesses casos, a bênção do Céu não pareça cair sobre a família? Os dias são tão cheios de ocupação para a maioria de nós, desde o início da manhã até o anoitecer, que qualquer que seja nossa verdadeira vida doméstica, devemos fazê-la à noite.

“Às noites, e especialmente à noite de inverno, pertencem, principalmente, as influências da vida doméstica. Suas poucas horas são todo o tempo ininterrupto que temos à nossa disposição, para conhecer nossa própria família e sermos conhecidos por ela. A impressão que o lar deixa na criança vem em grande parte de suas noites. As visões que a memória se deleita em evocar são as velhas cenas sobre o fogo da noite ou a lâmpada da noite”.

Quando pensamos na importância das noites em casa, certamente vale a pena planejar economizar o máximo possível delas, de demandas externas, para o trabalho sagrado interno.

Seria melhor negligenciarmos alguma atração social ou entretenimento, ou perdermos alguma reunião política, ou estarmos ausentes de alguma loja ou sociedade, do que negligenciarmos a cultura de nossos próprios lares e deixarmos nossos filhos escaparem de nós para sempre! Permitir que um menino passe suas noites nas ruas é quase inevitavelmente submetê-lo a uma vida de pecado, que resultará em ruína! A escola da rua o treina com incrível rapidez para todos os tipos de pecados e crimes. O pai que permite que seu filho saia todas as noites da porta de casa em meio a essas influências profanas, não deve se surpreender ao saber em muito pouco tempo que seu filho aprendeu a fumar, a xingar, a beber, a jogar e que sua alma já foi destruída!

Mas como podemos manter nossos meninos fora das ruas à noite? Por acaso, podemos fazê-lo, se nós mesmos saímos de casa todas as noites? Se os pais querem salvar seus filhos, eles devem fazer das noites em casa, noites agradáveis, atraentes e tão charmosas, que eles não vão querer deixá-las por nenhum fascínio grosseiro ou brilhante do lado de fora! Como isso pode ser feito? Isso pode ser feito, se os pais se dispuserem a fazê-lo. Pode haver uma temporada de brincadeiras se as crianças forem pequenas; uma hora infantil dedicada a brincadeiras que elas gostem. Pode haver jogos agradáveis para passar uma parte da noite. Pode haver a leitura em voz alta de algum livro interessante por um membro da família. Pode haver música por um tempo e uma conversa alegre, encerrando com uma oração e um “boa-noite”.

Nenhuma instrução é necessária para ensinar a qualquer pai inteligente como dar às noites em casa um encanto que torne sua influência onipotente. É necessário apenas que os pais comecem a fazer o que seus próprios corações lhes dizem tão claramente que deve ser feito. Claro que deve haver sacrifício. Algo deve ser deixado de fora da vida, se isso for feito. Mas há mais alguma coisa em todas as chamadas da vida, e até mesmo em seus aparentes deveres, que não podem ser deixados de fora, para ancorar nossos filhos em seus lares? Existe alguma outra coisa que seria tão fatal e terrível deixar de lado, como deixar nossos filhos morrerem na ruína das ruas, enquanto estamos em diversões e festas, ou mesmo em reuniões da igreja?

Ao considerar as influências na vida doméstica que deixam impressões profundas e permanentes no caráter, deve-se pensar nos livros e revistas que são lidos. A invenção da arte da impressão marcou uma nova era na história do mundo. Nas páginas impressas que voam por toda parte como as folhas do outono, flutuando até nossas portas e arrastando-se para dentro de nossos cômodos mais recônditos, são trazidos até nós os pensamentos dourados dos melhores e mais sábios homens e mulheres de todas as épocas. As bênçãos que a imprensa espalha são infinitas e ricas além de todas as estimativas. Mas a mesma imprensa que hoje nos dá pensamentos puros e santos, palavras de verdade e vida; amanhã nos dá sugestões do mal, palavras de doçura com mel, mas nas quais o veneno mortal está oculto!

É uma lenda que um soldado encontrou um caixão que estava cheio de tesouros valiosos. Ele foi aberto e dele saiu uma atmosfera venenosa que causou uma terrível praga no exército. Assim, muitos livros que são encadernados em cores vivas, guardam dentro dessas capas as influências morais mais mortais. Abri-lo em um lar puro, entre vidas jovens e ternas, é liberar males que nunca mais poderão ser reunidos e trancados!

A imprensa coloca nas mãos dos pais um meio para o bem, que eles podem usar com a maior vantagem na cultura de sua vida doméstica e na formação da vida de sua família. Mas eles devem manter uma vigilância muito diligente sobre as páginas que introduzem. Devem conhecer o caráter de cada livro e revista que chega a suas portas, e devem excluir resolutamente tudo o que possa contaminar. Então, embora excluam tudo cuja influência seja para o mal, se forem sábios, trarão para seu lar o máximo possível de literatura pura, elevada e refinada. Todo belo pensamento que entra na mente de uma criança aumenta a força e a beleza do caráter nos dias posteriores. A influência educativa dos melhores livros e revistas é incalculável, e nenhum pai pode permitir-se perdê-la na educação de sua família.

Algo deve ser dito sobre o prazer doméstico e as diversões. É um grande infortúnio se os pais se permitirem perder a juventude e a elasticidade de suas vidas e se distanciarem do espírito da infância. Eles nunca devem envelhecer de coração. Foi *Swedenborg* quem escreveu sobre o céu; que lá os anjos mais velhos são os mais jovens. Há algo muito impressionante em tal

pensamento. Naquele Lar abençoado, os membros da família crescem sempre rumo à juventude. Em vez de adquirir as marcas da velhice, de preocupações e do esgotamento; tornam-se cada dia mais frescos, mais justos e mais cheios da exuberância da vida.

Deveria ser assim em todo verdadeiro lar terreno. Não podemos impedir que os anos passem, nem podemos conter os cabelos grisalhos, as rugas e as linhas de cansaço. Esses corpos vão envelhecer apesar de nós. Mas não há razão para que nosso espírito não seja sempre jovem. Devemos manter o coração de uma criança batendo em nosso peito até que Deus nos chame. Devemos crescer sempre em direção à juventude. As pessoas mais velhas da casa devem ser as mais novas. Se envelhecermos, será ruim para nossas famílias.

Existem alguns lares onde as crianças mal conseguem sorrir sem serem malvistas. Espera-se que elas sejam tão sérias como se tivessem cinquenta anos e espera-se que elas carreguem todos os fardos do mundo sobre seus ombros! Toda a alegria de sua natureza é reprimida. Elas são ensinadas a serem rígidas em seus tratos. Elas são continuamente impressionadas com o pensamento de que é uma perda pecaminosa de tempo brincar, e que é desagradável a Deus se divertir. Alguém diz: “Muitos lares são como a estrutura de uma harpa, que se ergue sem cordas. Em forma e contorno, eles sugerem música, mas nenhuma melodia surge dos espaços vazios; e assim acontece que tal lar é pouco atraente, triste e monótono”. Existem muitos lares que se

encaixam nessa descrição, mas tais lares não são os lares que mais se parecem com o céu, nem os lares de onde vêm as vidas mais verdadeiras e nobres.

Deus quer que enchamos nossos lares de felicidade. Ele tornou a infância alegre, cheia de vida, cheia de risos, divertida, brilhante e ensolarada. É um crime reprimir a alegria e tentar tornar as crianças sérias e imponentes. Os fardos da vida chegarão em breve para cair sobre seus ombros. A vida em breve trará cuidados, ansiedades, dificuldades e um peso de responsabilidade. Devemos deixá-las ser jovens e livres de cuidados, o maior tempo possível. Devemos colocar em seus dias de infância, muito sol e alegria, o máximo de santo prazer possível. A maneira de torná-las fortes e nobres de caráter é tornando sua infância e juventude brilhante e feliz. Se você deseja produzir uma planta vigorosa e saudável, você não a cultivará em um quarto escuro; você dará a ela todo o sol que ela precisar. As vidas humanas nunca chegarão ao seu melhor na escuridão. Derrame a luz do sol sobre as crianças na juventude; deixe-as serem felizes; encoraje toda alegria inocente; proporcione jogos agradáveis para elas; brinque com elas; volte a ser criança junto com elas. Então as bênçãos de Deus virão sobre seu lar e seus filhos crescerão alegres, gentis, afetuosos e serão, certamente, portadores de alegria para o mundo.

Quando *MacMahon* voltou vitorioso da batalha de *Magenta*, toda Paris veio recebê-lo. Muitas foram as honras concedidas ao bravo e bronzeado soldado. Enquanto ele passava em triunfo pelas

ruas e bulevares, uma criancinha correu em sua direção com um buquê de flores na mão. Ele se abaixou e a ergueu diante dele, e ela ficou ali, com os braços entrelaçados em seu pescoço, enquanto ele cavalgava. Esta simples demonstração de gentileza para com uma criança agradou mais ao povo, e pareceu por um momento um ato mais bonito aos olhos deles, do que toda a lembrança de seus feitos heroicos no campo de batalha.

Os homens são maiores e melhores, não quando estão lutando contra o mundo, não quando estão apresentando as surpreendentes qualidades do poder, não quando estão bancando o herói em grandes competições; mas quando estão exibindo um espírito generoso e carinhoso. Nenhum pai, portanto, deve ter vergonha de brincar com seus filhos. Talvez ele esteja mais perto de Deus nesses momentos de brincadeira, do que ao fazer o que ele considera sua maior obra no mundo. Talvez os anjos aplaudam mais esses momentos, do que quando ele está realizando ações que lhe trazem louvor ou fama. É melhor ter fama entre os anjos do que fama de uma dúzia de mundos.

Os jovens devem ter diversões. A única questão é: Qual deve ser o caráter de tais diversões? Serão elas puras, saudáveis, refinadoras, elevadas? Ou elas devem ser degradantes em sua influência? Os pais devem responder a essas perguntas, e a melhor maneira de respondê-las é proporcionar em sua própria casa as diversões que julgarem apropriadas. Se o lar é monótono e triste, não deve se admirar que as crianças e os jovens busquem prazer em outro lugar. Se houver alegria em casa, as crianças não

vão querer voar para o exterior. Pais sábios proporcionarão diversões a seus filhos, e as farão em casa, contrariando assim as solicitações dos prazeres mundanos.

Existe uma grande variedade de diversões domésticas adequadas. Uma delas é a música. A música não deve ser apenas para mera diversão, mas deve ser uma que combina instrução rica e influência duradoura para o bem, com o mais puro prazer. É quase impossível conceber qualquer prazer que supere uma noite de canto, quando toda a família se reúne na sala, talvez com outros amigos; um ao piano ou órgão e os outros agrupados, vozes masculinas e femininas se misturando. As canções da infância cantadas pelo coração nunca são esquecidas. Suas memórias vivem sob todas as acumulações de anos, como as doces flores que desabrocham durante todo o inverno sob a neve pesada. Elas são lembradas na velhice, quando quase tudo o mais é esquecido, e muitas vezes cantam novamente no coração com voz doce como a de um anjo, quando nenhuma outra música tem poder para encantar. Negligenciam uma das mais ricas fontes de prazer e bênção, os que não cultivam o canto em seus lares.

Há muitos jogos que trazem grande diversão. O xadrez é delicioso para aqueles que têm paciência e habilidade para dominá-lo, mas requer uma reflexão cuidadosa. Há muito prazer no antigo jogo de damas. Existem muitos jogos com vários tipos de cartas históricas, ou de pássaros e animais, que combinam prazer emocionante com alguma instrução. Quase não há limite para o número de jogos inocentes para noites divertidas. Charadas

também fornecem diversão genuína. Clubes de leitura podem ser conduzidos de modo a proporcionar prazer e instrução.

Necessita apenas de um coração em total simpatia pelos sentimentos juvenis, um pouco de habilidade em organizar e preparar esses prazeres, uma pequena despesa para comprar os jogos simples, e interesse suficiente no assunto para dedicar um pouco de tempo e esforços a ele. Não há pai de inteligência comum que não possa tornar sua vida doméstica tão brilhante e ensolarada que ninguém jamais se importará em sair para procurar diversão em meio às frivolidades sem sentido ou aos prazeres degradantes que o mundo oferece. Lares que são construídos de todas essas maneiras brilhantes e felizes, adquirem um poder irresistível sobre aqueles que vivem dentro de suas portas, que os manterá sob sua influência sutil onde quer que eles vão em todos os seus anos posteriores.

Há uma experiência que acontece mais cedo ou mais tarde na vida de cada lar; a experiência da tristeza. Pode haver anos de alegria ininterrupta, mas, no final, a tristeza certamente virá. O riacho que fluiu por tanto tempo, com ondulações alegres pelos campos verdes e entre as flores sob o sol brilhante, é varrido pelas sombras profundas, mergulhado no desfiladeiro escuro e sem sol ou é arremessado sobre uma cachoeira. Apertamos nossos filhos em nosso seio hoje, e o amor constrói mil esperanças brilhantes para eles em nossos corações; então amanhã a morte chega, e eles jazem em silêncio e imóveis entre as flores.

Não há necessidade de descrever esta experiência; a memória não precisa de lembrete nesses casos. A coisa mais útil que pode ser feita nestas páginas é apontar alguns dos confortos que devem chegar a todos os lares cristãos nessas horas.

Há um grande consolo no pensamento de que o que nos aconteceu é a vontade de Deus. Há muito tempo, esta é a rocha na qual um homem piedoso se apoia quando a morte vem repentinamente e leva tudo: “O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1:21). Quando sabemos que Deus é verdadeiramente nosso Pai e que seu amor é eterno e imutável, essa confiança deve nos trazer grande paz, mesmo no luto mais doloroso.

No *Palácio Pitti,* em *Florença*, há dois quadros pendurados lado a lado. Um representa um mar tempestuoso com suas ondas selvagens, nuvens negras e relâmpagos ferozes brilhando no céu. Nas águas vê-se um rosto humano, com uma expressão de extrema agonia e desespero. A segunda imagem também representa um mar agitado por uma tempestade feroz, com nuvens escuras; mas do meio das ondas surge uma rocha, contra a qual as águas se chocam em vão. Em uma fenda da rocha estão alguns tufos de grama e erva verde, com flores doces, e entre eles, uma pomba é vista sentada em seu ninho, quieta e imperturbável pela fúria selvagem da tempestade, ou pelo estouro das ondas ao redor.

A primeira imagem representa adequadamente a tristeza do mundo, onde tudo é desespero desamparado; e a outra imagem

representa adequadamente a tristeza do cristão, onde em meio a provações igualmente terríveis, ele está em perfeita paz, porque está escondido na fenda da Rocha das Eras e se aninha com segurança no seio do amor imutável de Deus.

Outro dos grandes confortos quando uma criança cristã é levada embora é a verdade da vida imortal. Nos dias de outono, os pássaros deixam nosso clima frio do Norte e não ouvimos mais suas canções; mas os pássaros não estão mortos. No clima mais quente do extremo sul eles vivem, e em meio as flores e folhagens perfumadas e frutas deliciosas, eles continuam a cantar tão alegremente quanto cantaram conosco no dia mais feliz do verão. Assim, nossos filhos cristãos nos deixam e sentimos falta de seus rostos doces e vozes tagarelas; mas eles foram para o céu. Lá, no meio da glória do Senhor eles habitam, derramando sua terna graça em outros corações. Todos nós acreditamos nisso, mas a maioria de nós acredita de maneira a obter pouco conforto disso. Trazer para nossos corações a verdade da imortalidade tiraria toda a amargura de nossa tristeza quando nossos pequeninos nos deixarem.

Um dos principais elementos da tristeza quando os jovens cristãos morrem é o doloroso desapontamento. Carreiras de grande utilidade foram marcadas para eles e, mesmo sem entrar nelas, eles se foram. Eles parecem ter vivido em vão, ter morrido sem realizar nenhum trabalho neste mundo. Assim parece, até pensarmos mais profundamente nisso, e então veremos que eles não estiveram neste mundo em vão, embora sua estada tenha

sido muito breve. Eles não fizeram o que havíamos planejado para eles fazerem, mas eles cumpriram a parte no grande Plano de Deus, que foi traçado para eles.

Aqui está um bebezinho; jaz agora no caixão com um rosto tão bonito quanto o sorriso de um anjo. Ele viveu apenas alguns dias ou alguns meses. Simplesmente abriu os olhos sobre a terra e então, como se fosse puro demais para este mundo de pecado, fechou-os novamente e voltou para Deus. Você disse que viveu em vão, que não realizou nenhum trabalho? Você sabe quantas bênçãos ele trouxe do céu para aquele lar quando veio como um mensageiro do perfumado jardim de Deus, quando sacudiu suas vestes e depois fugiu novamente? Ele só penetrou no seio da mãe por um breve período e se foi, mas, depois disso, o coração de sua mãe se tornou mais caloroso, sua vida mais rica e profunda e seu espírito mais gentil e doce.

Ninguém pode dizer quão grande é o trabalho sagrado realizado por um bebê que fica apenas uma hora neste mundo. Ninguém vive em vão. Todos deixam toques de beleza em outras almas que nunca desaparecerão. Os bebês que morrem cedo, podem realizar mais naquela curta hora; deixam maiores bênçãos para trás do que outros que vivem longos anos completos. Tais bebês podem mudar o destino eterno de outras almas. Muitas crianças morrendo levam pais não salvos aos pés sagrados de Cristo. Certo é que nenhum pai verdadeiro é sempre o mesmo em caráter depois de apertar seu próprio filho em seus braços. Ter sentido o calor e a emoção de um novo amor, mesmo que por

alguns momentos, embora o objeto amado seja retirado, deixa um resultado permanente na vida.

Ou talvez a criança viva até os dez ou doze anos de idade. Ela é a luz e a alegria do lar. Grandes promessas começam a brotar e florescer em sua vida. Então ela morre. Enquanto os pais se curvam sobre ela e beijam seus rostos pálidos e frios, eles lamentam as esperanças esmagadas que estão ali, como botões se abrindo apenas para serem mortos pela geada. Na imaginação, eles a viram em todo o esplendor da feminilidade de uma rainha, coroada com honra, beleza e amor. Mas ela morreu sem realizar essas esperanças. Ela caiu apenas no limiar da vida. No entanto, quem dirá que ela não trabalhou naqueles anos breves e brilhantes? Ela tem sido uma bênção em seu lar o tempo todo, atraindo o amor de corações ternos, espalhando influências de alegria e pureza. Agora ela se foi, mas o trabalho que ela fez nos corações e vidas domésticas permanece e nunca pode ser tirado.

Deus leva embora seus filhos e, com fé, você se despede deles, para não vê-los mais neste mundo; mas você não pode devolver tudo o que eles trouxeram para você. Em seu coração novas fontes de amor foram abertas por sua vinda e você não pode devolvê-los. A morte não pode tirar de sua vida as novas experiências que você teve ao pressioná-los em seu coração, ou ao amá-los e cuidar deles durante os anos ensolarados. Você é melhor, mais forte, mais rico em sua natureza, mais homem ou mulher, porque segurou em seus braços e criou seu próprio filho. Esses novos alcances de sua vida nunca podem ser tirados de

você. Como novos galhos de uma árvore, eles permanecerão para sempre, uma parte de você. Embora os entes queridos sejam removidos; as influências, as impressões causadas, as qualidades, os novos crescimentos em sua vida nunca irão embora. Eles são seus bens permanentes para sempre.

Assim, embora as influências da vida de uma criança permaneçam, sua morte também traz novas bênçãos para o lar, pois amolece todos os corações. A grosseria torna-se gentil sob a influência da tristeza. Isso aproxima os pais. Muitos estranhamentos incipientes são curados no caixão de uma criança morta. É como um novo casamento.

Chegam a muitos lares outras tristezas além das tristezas do luto. Há mágoas mais dolorosas do que as causadas pela morte. Há esposas chorando em segredo, por provações das quais não podem falar a ninguém, exceto a Deus. Há pais com decepções mais tristes do que se estivessem ao lado dos caixões de seus filhos. O pecado e a vergonha causam lágrimas mais amargas do que a morte. Existem lares dos quais a sombra nunca se eleva, dos quais o brilho parece ter desaparecido para sempre. Existem corações domésticos dos quais a música fugiu e que são como harpas com suas cordas todas quebradas. No entanto, mesmo para estes, há conforto se eles estão descansando no seio de Deus. O amor divino pode trazer bênçãos em todas as provações possíveis. Nenhuma vida que se apega pela fé a Cristo pode ser destruída.

Em um lindo vale suíço há uma cascata que é apanhada pelos ventos velozes quando se derrama sobre a borda da rocha e espalha de modo que a corrente que cai se perde no momento, e apenas uma coroa de espirros rodopiantes é vista no horizonte. Mais abaixo no vale, porém, o riacho se recompõe e flui em plena correnteza, em serena paz, como se nunca tivesse sido tão rudemente golpeado pelo vento. Mesmo a explosão que o espalha por um tempo, e parece destruí-lo completamente, realmente o torna ainda mais adorável enquanto gira suas gotas de cristal no ar. Em nenhum outro ponto de todo o seu percurso a cachoeira é tão bonita. Dessa mesma forma, há vidas cristãs que parecem ser totalmente destruídas pela provação, mas, além da tristeza, tais homens sofredores seguem em frente com mais calma e mais força. Eles não são destruídos e nenhuma partícula de sua vida real é desperdiçada. E na própria provação, pela graça de Cristo, seu caráter brilha com um brilho mais rico e esplendor mais raro.

Assim, a vida do verdadeiro lar flui, às vezes sob o sol brilhante, às vezes sob sombra profunda; no entanto, seja na luz do sol ou na sombra, sempre há bênçãos. Deus também nos abriga no dia da tempestade. Suas amizades permanecem verdadeiras e leais quando a adversidade vem. Ele coloca mãos santas de bênção sobre nossas cabeças quando saímos para enfrentar as lutas e deveres da vida. As influências sagradas dos lares nos guardam de muitos pecados. Suas memórias são nossa herança mais rica. Suas inspirações são a força secreta de nossas vidas em dias de trabalho e preocupação. Então, nos ensina a olhar para o

céu como o grande Lar no qual todas as esperanças e sonhos de nossos corações serão realizados, e onde os laços rompidos da terra serão reunidos.



RELIGIÃO EM CASA

Um escultor alemão passou oito anos fazendo uma estátua de Cristo em mármore. Depois de trabalhar dois anos, o trabalho parecia estar concluído. Para testar seu sucesso, ele chamou uma criança em seu estúdio e, mostrando-lhe esta estátua, perguntou-lhe: “Quem é essa pessoa?” Ela olhou para ele e respondeu: “Um grande homem.” O artista ficou muito desanimado com tal resposta. Ele esperava que sua concepção do Mestre fosse tão verdadeira, que o olho puro da criança o reconheceria imediatamente. Ele começou de novo e, depois de mais um ou dois anos, convidou a criança novamente para seu estúdio e, apontando para sua nova estátua, fez a mesma pergunta de antes: “Quem é esse?” Ela olhou para ele em silêncio por algum tempo, com um sentimento de admiração e reverência varrendo seu

coração, até que com os olhos cheios de lágrimas ela disse em voz baixa e gentil: “Deixai os pequeninos” (Mt 19:14). Desta vez, seu trabalho não foi um fracasso. Ele havia produzido uma figura na qual o instinto da criança via a feição do Redentor. Seu trabalho havia resistido ao teste mais severo.

Um teste um tanto semelhante deve ser aplicado a todas as nossas tarefas domésticas. Depois de termos feito tudo ao nosso alcance na construção de um lar; depois de o marido ter feito sua parte, a esposa a dela, os pais a deles, os irmãos e irmãs a deles, e quando nossa vida doméstica estiver plena e completa, antes de podermos dizer que realizamos o ideal de um verdadeiro lar cristão, devemos provar se tal realidade é verdadeira. Que impressão nosso lar e sua vida causariam em uma criança de coração “puro” e simples?

Podemos construir um palácio de mármore. Podemos preenchê-lo com as mais raras belezas da arte. Podemos adorná-lo da maneira mais luxuosa. Podemos equipá-lo da maneira mais cara. Pode ser perfeito como uma joia em toda a sua decoração; uma obra de arte em si. Nossa vida doméstica pode ser tão majestosa quanto a própria realeza. Pode haver a ordem mais perfeita, a mais elevada cortesia e a máxima precisão de movimento. Cada membro da família pode cumprir sua parte com prontidão infalível.

Traga a criança e pergunte o que ela acha da sua casa. “É muito bonita”, responde o pequeno. “É muito grandiosa. É um palácio. Por acaso, um rei mora aqui?”

Se você receber tais respostas, você deve ficar desapontado. Você falhou em construir um lar como desejava. Você acumulou grandeza; você fez uma esplêndida obra de arte; você conseguiu estabelecer uma casa que todos irão admirar; mas você não fez um lar de amor, de ternura e de paz.

O que torna uma casa completa? Por acaso o arquiteto, o construtor, o pintor, o estofador, o marceneiro e o decorador podem fazer com que uma casa seja completa? O que é que entra na casa mobiliada, e faz dela um lar? Esta é a pergunta para a qual se buscou resposta em todas as páginas anteriores deste pequeno livro. Os deveres dos vários membros da família foram considerados. Suponha que todos façam sua parte com a maior fidelidade possível neste mundo; o que mais é necessário para completar o Lar Cristão Ideal? Por acaso, a resposta não é encontrada na pessoa de Deus? Se o deixarmos de fora, nosso lar mais perfeito será apenas como uma estátua de mármore, com toda a beleza da vida, mas sem fôlego nem pulsação do coração.

Há muitas razões pelas quais a verdadeira religião é necessária para completar a felicidade e bem-aventurança de um lar. Uma delas é que nada neste mundo é pleno e completo sem a bênção do Céu. “A bênção do SENHOR enriquece” (Pv 10:22). O que todo o trabalho, habilidade, solo e sementes podem fazer pelo campo ou jardim de nada valerá, a menos que do céu venha chuva e sol. Nossa própria respiração é uma dádiva de Deus, momento após momento. Nosso pão diário deve vir dia a dia de Sua mão.

Todos os nossos planos dependem de Seu favor próspero. Nada pode ter sucesso, sem Sua aprovação e ajuda.

Somos ensinados nas Escrituras a buscar a bênção de Deus em cada empreendimento. O povo deveria trazer o primeiro feixe de sua colheita e os primeiros frutos maduros de sua vinha para o altar de Deus, antes de terem colhido um punhado para si mesmos. Eles deveriam trazer seus filhos a Deus no início de suas vidas para consagração, para que Sua bênção repousasse sobre todos os seus anos. Nos velhos tempos patriarcais, quando a tenda era montada, mesmo que apenas por uma noite, um altar também era erguido e sacrifícios de oração e louvor eram oferecidos a Deus.

Precisamos da bênção divina em tudo o que temos e em tudo o que fazemos. Certamente não há trabalho, plano ou empreendimento, em toda a gama de coisas possíveis que podemos fazer na vida mais longa e ocupada, na qual precisamos tanto da bênção de Deus, como em nosso lar. Em nenhum outro lugar estão envolvidos tantos interesses sagrados e responsabilidades tão importantes. Em nenhum outro lugar da vida encontramos deveres tão difíceis e delicados. Em nenhum lugar o fracasso é tão desastroso. Um empreendimento comercial pode fracassar e as consequências serão perdas financeiras, algumas dificuldades e sofrimentos; mas se o lar de alguém é um fracasso, quem pode dizer que destruição e tristeza podem resultar? Se precisamos da bênção divina em algum pequeno trabalho de uma hora, quanto mais precisamos dela na organização de nosso lar,

que carrega em si nossa própria felicidade e a felicidade dos corações que nos são mais queridos!

Cada casa neste mundo está exposta a mil perigos. Os inimigos procuram destruí-la, profanar sua beleza sagrada e levar embora seus tesouros sagrados. A própria instituição é atacada pelos apóstolos de infidelidade e licenciosidade. Inúmeras influências sociais tendem a desintegrar o lar, a roubá-lo de sua santidade, a derrubar suas barreiras sagradas e a macular sua pureza. Nada além da cruz de Cristo o salvará. Aqueles que estão estabelecendo um lar, com o coração cheio de preciosas esperanças de felicidade e bênção, devem consagrá-lo imediatamente, erguendo o altar de Deus no meio dele. Isso lançará sobre o lar a mão protetora do amor divino.

Necessitamos da verdadeira religião em nossos lares, para nos ajudar a fazer, cada um fielmente a sua parte. Veja os pais, por exemplo, cujos deveres e responsabilidades foram considerados em um capítulo anterior, em cujas mãos vêm jovens vidas com infinitas possibilidades de desenvolvimento. Eles devem treinar essas almas imortais em beleza e construir nelas uma nobre masculinidade ou feminilidade. Essas vidas são tão sensíveis que a menor influência deixará impressões imperecíveis sobre elas, de modo que um toque errado pode prejudicá-las para sempre.

Eles podem ter neles os elementos de grande poder ou utilidade; Deus pode querer que eles sejam treinados para serem líderes no mundo. Para a edificação de seu caráter, para as impressões que serão impressas em suas almas, para sua proteção

contra influências profanas, para moldar suas vidas, para o desenvolvimento e treinamento de seus poderes e para sua preparação para a vida e para a eternidade, os pais são os responsáveis.

Quem é suficiente sozinho para essas coisas? Onde está o pai que se sente pronto para assumir toda essa responsabilidade; tirar uma criança das mãos de Deus para ser cuidada, protegida, ensinada, treinada e conduzida, e responder no final perante o tribunal de Deus, pela fiel guarda de sua sagrada confiança? Onde está o pai que está preparado para se comprometer a fazer tudo isso e que não quer e nem precisa da ajuda de Deus? O fato de tantos se tornarem pais e mães que nunca pedem ajuda e sabedoria divinas, apenas prova quão irrefletidamente homens e mulheres podem assumir os deveres mais solenes da vida e, com quão pouco conceito de sua responsabilidade, aceitam os deveres mais importantes. Unicamente, a religião de Cristo pode habilitar os pais para sua elevada e santa responsabilidade.

Precisamos da verdadeira religião em nossos lares em tempos de tristeza. E onde está o lar em que a tristeza não chega? Não podemos construir muros fortes ou altos o suficiente para bloqueá-lo. Não podemos reunir dentro de nossas portas tesouros tão sagrados que a tristeza nunca coloque suas mãos sobre eles. Então, quando vier a tristeza, onde encontraremos consolo, senão na religião de Jesus Cristo? Encontraremos algo nos esplendores da arquitetura, nas belezas da arte, nos luxos dos móveis ou roupas

caras, para trazer calma e conforto aos nossos corações quando alguém de nossa família está lutando contra a morte?

É relatado de *Heinrich Heine* que ele se encontrou em *Paris* durante as cenas da Revolução de 1848, no meio das excitações loucas. Cansado, incrédulo e quase sem esperança em seus esforços para escapar, ele entrou em uma sala do *Louvre* e caiu diante daquela maravilhosa arte antiga, a *Vênus de Milo*. Ele olhou para cima quase adorando sua beleza divina e com um vago desejo de ajuda, como se essa figura esplêndida pudesse libertá-lo. Mas, embora fosse um objeto de rara beleza, seus braços eram fixos e não podiam se abaixar para ajudá-lo. Seus ouvidos eram de mármore e não conseguiam ouvir seus gritos. Seu coração era de pedra e não podia sentir o perigo que ele estava passando. Assim sempre são as belezas terrenas para o coração humano em sua profunda tristeza.

Um palácio cheio de raras obras de arte não pode confortar o pai e a mãe aflitos que, em um quarto de hospital, estão sentados angustiados ao lado de uma criança moribunda. Tenho visto tanta dor em um lar sem Cristo e sem oração. Embora em dias de saúde e alegria, nenhum olho jamais se voltou para Deus, nenhum coração jamais se elevou a Ele em louvor ou oração, nenhuma voz jamais clamou a Ele por ajuda ou bênção, embora a verdadeira religião fosse desprezada ou ridicularizada e houvesse nenhum desejo por Deus; contudo, na amargura e desesperança de sua dor, quando seu refúgio lhes falhou, quando somente Deus poderia dar ajuda, eles se voltaram para Ele e imploraram por Sua ajuda.

Eles queriam ouvir a palavra de Deus lida e a oração feita ao lado da cama onde a luta contra a morte estava acontecendo. Há algo muito triste neste recurso desesperado pelos confortos da verdadeira religião, na hora em que tudo mais falhou. No entanto, deve nos ensinar a lição de que ninguém, exceto Deus, será suficiente no momento de grande dor. O mundo não pode construir um lar tão bonito, tão perfeito, que a tristeza encontrará lá tudo o que precisa para conforto.

> *Mas no lar que ora, quando chega a provação, há ajuda disponível. Uma presença invisível caminha entre as sombras. Uma voz que outros não ouvem, sussurra paz. Uma mão que os outros não veem, ministra consolo. A verdadeira religião derrama luz na escuridão. A tristeza não é menos amarga, mas os corações aflitos são sustentados em sua dor ou perda pelas ricas consolações do amor divino. Nenhum lar está preparado para as provações que em algum momento são inevitáveis, se não tiver o altar do Deus Altíssimo no centro, onde o fogo queima perpetuamente.*

Todo lar necessita do refúgio da verdadeira religião. Vivemos em um mundo de perigo. Cada vida que cresce aqui deve crescer em meio a inúmeros perigos. As almas humanas são delicadas e ternas. Nossos entes queridos estão expostos por todos os lados.

Tempestades varrem o mar e o barco afunda, enterrando vidas nobres sob as ondas. Desse mesmo modo, há tristeza nos lares, quando os desaparecidos não retornam. A batalha continua no campo sangrento e muitos bravos soldados caem para não mais se levantar, ou se levantam para carregar cicatrizes, mutilados para o resto da vida. Dessa mesma forma, há tristeza nos lares onde a cruel tempestade atinge. Mas há tempestades mais ferozes neste mundo do que no mar, e nossos entes queridos estão expostos a elas. Há batalhas mais terríveis na terra do que aquelas cujo estrondo faz as montanhas tremerem. As almas ternas de nossos lares estão no centro da luta.

Quando nossos filhos saem pela manhã para os deveres do dia, ou à noite para os prazeres da noite, não sabemos a que perigos terríveis eles estarão expostos, antes de vê-los novamente. Lamentamos por nossos mortos, mas se eles morreram nos braços de Cristo, eles estão seguros. Nenhum perigo pode alcançá-los. Eles não têm mais batalhas para lutar. As crianças cristãs que colocamos nos braços de Cristo, no sono que chamamos de morte, estão seguras para sempre. É a nossa vida que está em perigo. É os que estão vivos que enfrentam uma vida dura e cheia de perigos. É pela vida dos vivos que precisamos preocupar, para que não sejam derrotados no campo, onde os inimigos são numerosos e as batalhas dolorosas!

Onde encontraremos proteção para essas tenras vidas, senão na guarda do Todo-Poderoso Salvador? Não podemos protegê-los por meio de nossas próprias forças. Não podemos fazer as portas

de nossas casas fortes o suficiente para protegê-los. Não podemos protegê-los nem mesmo pela ternura do amor. De todas essas coisas, as almas das crianças são roubadas todos os dias. Toda a história e toda a experiência provam que nada além da religião de Cristo pode ser um abrigo para nossos entes queridos contra os perigos e tentações deste mundo.

Um amigo estava contando sobre uma pequena flor maravilhosa que ele descobriu no alto das montanhas rochosas. Em uma profunda fissura entre as rochas, em um dia de verão, ele encontrou a neve ainda não derretida e, na superfície da neve, viu uma linda flor. Quando ele olhou de perto, percebeu que tinha um longo e delicado caule branco, saindo da neve profunda, que estava em uma fenda da rocha. A plantinha havia crescido apesar de todos os obstáculos; seu caule tenro estava ileso pelos ventos frios, até florescer lindamente sobre a neve. O segredo era sua raiz no rico solo na fenda da rocha, de onde extraía tanta plenitude de vida que se elevava através de todos os obstáculos para a beleza perfeita.

Essa pequena flor é uma imagem adequada de cada tenra vida infantil neste mundo. Sobre cada criança, estão massas arrepiantes de influências malignas e destrutivas; mas se crescer em tal criança, pela influência do lar, um caráter nobre e amável, tal caráter deve crescer pela força de sua própria vida interior, até que fique coroado de beleza, com todos os obstáculos abaixo dele. Isso pode ser feito, somente através do poder da graça divina interior. Sua raiz deve estar abrigada no calor protegido da

piedade, na fenda da Rocha Eterna. Os que crescem em lares verdadeiramente cristãos, absorvendo em suas almas desde a infância a própria vida de Cristo, serão fortes para vencer todo obstáculo e resistir a toda tentação. A influência do exemplo piedoso, as memórias do altar doméstico, o poder permanente do Santo, os ensinamentos e a graça de Deus descendo perpetuamente sobre a jovem vida em resposta à oração de fé, dão-lhe tais inspirações e impulsos em relação a tudo o que é nobre e celestial, que ela finalmente permanecerá coroada com honra e beleza. Tornar um lar sem Deus e sem oração é enviar nossos filhos para enfrentar todo o mal do mundo, sem o abrigo do amor da aliança para cobri-los na tempestade, ou a força do princípio sagrado em seus corações para torná-los capazes de suportar qualquer coisa.

Mas o que torna um lar, um lar cristão? Qual é a verdadeira religião doméstica? Essas questões são importantes o suficiente para consideração mais cuidadosa. Aqueles que desejam cultivar flores de modo a trazer a mais rica beleza possível a elas, estudam longa e diligentemente a natureza da vida vegetal e as muitas condições de solo, temperatura, ar e umidade essenciais para o crescimento de cada tipo particular de flor. Somente depois de tal estudo, com exatidão “científica”, produzirá em cada caso as condições corretas.

Da mesma forma, em nossas casas, estamos cultivando vidas imortais. Devemos trazer à tona, em cada um, o mais alto desenvolvimento possível do caráter piedoso. Existem certas

condições que são essenciais para todo crescimento verdadeiro. Se os homens se esforçam tanto para saber como cultivar flores que murcham em um dia, não deveríamos nos esforçar para saber como cultivar almas que vivem para sempre?

Qual deve ser a atmosfera religiosa de um lar, para torná-lo um verdadeiro conservatório espiritual?

Deve haver um altar doméstico. Nenhuma vida doméstica cristã pode ser completa onde a família não se reúne diariamente para adoração. Todos os membros podem se reunir na casa de Deus aos domingos para serviço público; cada um pode manter hábitos estritos de devoção secreta; mas se deve haver uma religião familiar, uma vida doméstica abençoada e adoçada pela graça de Cristo, deve haver também um culto familiar onde todos se reúnem para ouvir devotamente a palavra de Deus e se curvar reverentemente em súplica aos pés de Deus.

Existem muitas razões pelas quais tal adoração deve ser observada. Devemos tomar todos os benefícios diários de Deus de Sua mão, e retornar a Ele sem agradecimento? Seremos continuamente dependentes de Sua providência abundante para comida, roupas, proteção, amor e todas as ternas alegrias do lar, e nunca pediremos a Ele uma dessas bênçãos?

Devemos chamar nosso lar de lar cristão, mas nunca adorar a Cristo dentro de nossas portas? Devemos nos chamar de filhos de Deus, mas nunca oferecer qualquer louvor ao nosso Pai? Não deveria haver alguma diferença entre um lar cristão e um pagão? Os filhos de Deus não deveriam viver de maneira diferente dos filhos deste mundo? Que marca existe que distingue nossa casa da casa de nosso vizinho ímpio, se não há uma adoração familiar?

Há muitas coisas que tendem a causar atrito em uma casa. Existem cuidados diários. Existem aborrecimentos de mil tipos, que interrompem o fluxo regular da vida familiar. Nenhum de nós é um anjo, e nossa comunhão é muitas vezes prejudicada pelo egoísmo, impaciência, irritabilidade ou brigas. Às vezes, nossos lábios rápidos falam a palavra dura que causa dor a mais de um coração terno na casa. Às vezes nos entendemos mal e uma sombra paira entre duas almas que se amam verdadeiramente. Não há nada que alise todos os pequenos emaranhados e corrija todas as coisas erradas, como o culto diário.

Todo fardo é trazido para lá e colocado sobre o grande Portador de Fardos. Os sentimentos ásperos são abrandados, à medida que as admoestações da Palavra de Deus chegam aos ouvidos. Os corações são atraídos para mais perto, ao se aproximarem do mesmo trono da graça celestial e sentirem o poder do Espírito. A impaciência desaparece do rosto e da fala, enquanto todos esperam juntos diante de Deus. Nenhuma amargura contra outro membro da família pode sobreviver a um período delicado de adoração doméstica. Enquanto imploramos a Deus que perdoe

nossos pecados, não podemos deixar de perdoar uns aos outros. A paz vem à alma perplexa, enquanto se curva aos pés de Deus e sente a grande calma de Sua própria paz pairando sobre nós. Temos vergonha de nossa inquietação e preocupação quando olhamos para o rosto de nosso Pai e vemos quão fielmente Ele nos ama e cuida de nós.

Curvar-se juntos em oração pela manhã fortalece toda a família para os deveres ativos da vida. A sabedoria é buscada e obtida para as decisões e planos do dia. A orientação é solicitada e recebida. A ajuda é tirada do trono de Deus. As crianças saem sob asas protetoras e estão seguras dos perigos, guardadas por anjos e guardadas pelo próprio Cristo.

Assim, as razões se multiplicam do porquê deve haver culto familiar em cada casa. É difícil ver como qualquer pai que percebe sua responsabilidade pode deixar de ter um culto familiar. Considere o assunto com franqueza e honestidade. Você é um homem cristão ou uma mulher cristã. Seus filhos esperam de vocês o testemunho de Cristo. O que eles acham da ausência de oração familiar em sua casa? Como isso os impressiona? Sua vida religiosa pode ser uma aroma agradável para eles, se você nunca se curvar com eles em oração? Você está exercendo sobre suas tenras vidas todas as influências sagradas necessárias para purificar e manter puras as fontes de seus corações? Você quer que o caráter deles seja permeado com as verdades da Palavra de Deus. Você pode esperar que assim seja, se eles não estão acostumados desde a infância a ouvir essas verdades diariamente

em seus próprios lares? É impossível estimar a influência da leitura da Palavra de Deus em um lar, dia após dia e ano após ano. Ela penetra nos corações dos jovens. É absorvida por suas almas. Ela colore todos os seus pensamentos. Ela fica forjada na própria fibra de suas mentes. Seus ensinamentos sagrados tornam-se os princípios de suas vidas, que regem sua conduta e moldam todas as suas ações.

Onde a Bíblia é lida todos os dias em casa, aos ouvidos das crianças, e suas lições são ensinadas com simplicidade e oração, o efeito é incalculável! Foi assim que o próprio Deus ordenou que seu povo antigo fizesse. Eles deveriam ensinar as verdades de Sua Palavra diligentemente a seus filhos, sentados em casa e andando pelo caminho, ao se levantarem e ao se deitarem. Este é o plano divino para criar uma família; não uma lição de vez em quando, mas o ensino incessante, ininterrupto e contínuo da Sagrada Escritura aos ouvidos dos filhos.

Mesmo que não houvesse oração familiar, a mera leitura diária das Escrituras, ano após ano, continuamente, seria em si uma inestimável influência para o bem. Mas onde a oração é acrescentada, a família esperando junta diariamente aos pés de Deus enquanto os dons e favores celestiais são suplicados com ternura, quem poderá resumir o total de bênçãos que permearão tal casa? Que pai pode se dar ao luxo de omitir esse poderoso elemento de poder?

As desculpas que são oferecidas para a omissão são familiares. Um alega falta de tempo. Mas ele encontra tempo para tudo o que

realmente quer fazer! Além disso, o tempo dedicado a esse dever nunca é um tempo perdido. A bênção divina do dia não valerá mais do que os poucos momentos necessários para invocá-la? Não há nada pelo que valha a pena viver neste mundo, a não ser negócios e ganhar dinheiro? O cultivo da espiritualidade em casa é uma questão tão trivial, que deve ser negligenciada para obter alguns momentos a mais a cada dia para labuta nos campos de *Mamon*? É a nutrição espiritual dos filhos de alguém tão sem importância, que pode impunemente ser totalmente excluída para dar tempo para dormir um pouco mais a tarde, ou para ler o jornal da manhã com mais calma, ou para conversar com os vizinhos por mais alguns minutos? Mas a honestidade obrigará os homens a confessar que essa desculpa nunca é oferecida com sinceridade.

Outro alega timidez. Ele não pode fazer uma oração em sua família. Mas a timidez é um argumento suficiente para desculpar alguém de um dever tão solene, do qual dependem tais interesses vitais de tempo e eternidade? É melhor testarmos todas as nossas ações à medida que avançamos na vida, indagando como elas parecerão no dia do julgamento, ou no meio de suas próprias consequências no final. Quando um pai está no tribunal de Deus, e este pecado de omissão é cobrado contra ele, sua resposta, “Eu era muito tímido”, será suficiente para neutralizar a acusação? Se seus filhos, deixados sem bênção em seus tenros anos pela influência do culto doméstico, crescerem mundanos e ímpios, se desviarem e se perderem, isso consolará o pai e o satisfará, enquanto ele se senta nas sombras de sua velhice?

Uma mãe cristã diz que seu marido não é cristão e que ela nunca teve coragem de estabelecer o culto familiar. Mas muitas mães piedosas fizeram isso. Há mães que todas as manhãs e todas as noites reúnem seus filhos, cantam um hino com eles, leem um capítulo da palavra de Deus e depois se curvam em oração invocando a graça de Deus sobre suas cabeças. Seria fácil citar exemplos que provam o poder dessa fidelidade sagrada.

A princípio, isso pode ser uma cruz para uma mãe carregar, mas, como todas as cruzes tomadas por amor a Cristo, o fardo se torna uma alegria e uma influência edificante, e do duro dever vem uma bênção tão grande que a dureza é logo esquecida. Existem homens no céu hoje, ou engajados agora no serviço cristão sério na terra, que são o que são por causa de suas esposas piedosas, que tiveram a coragem de estabelecer um altar familiar em casa. Há crianças em todo o mundo cristão em cujos corações, as lembranças mais doce dos primeiros anos são as lembranças dos momentos de ternura no antigo lar, quando se curvavam na oração diária e a mãe com tons trêmulos implorava a bênção de Deus sobre sua família.

O pequeno *Willie Newton* era uma criança de cerca de cinco anos. Um dia, sua mãe o levou para seu quarto e orou por ele pelo nome, e quando ela se levantou, ele exclamou: “Mamãe, mamãe, estou feliz por você ter dito meu nome a Jesus; agora ele me reconhecerá quando eu chegar ao céu. Quando os bondosos anjos me pegarem e me colocarem em seus braços, Jesus olhará para mim tão satisfeito e dirá: ‘Ora, este é o pequeno *Willie Newton*;

sua mãe me contou sobre você; como estou feliz em vê-lo, *Willie*!’ Não vai ser bom, mamãe?” Esses elos entre a alma de uma criança e o céu, tornam-se no final uma corrente de ouro que nenhum poder pode quebrar.

Seria fácil acrescentar muitas outras palavras para reforçar e ilustrar a importância desse dever. Se essas páginas forem lidas por pais que não têm um altar doméstico, eu os imploro, afetuosamente, pelo bem de seus filhos, a erguê-lo imediatamente. Isso unirá a família mais intimamente. Adoçará toda alegria e aliviará todo fardo. Irá iluminar cada caminho de labuta e preocupação. Isso lançará sobre as crianças uma proteção sagrada, enquanto elas saem em meio aos perigos. Encherá seus corações com as verdades e influências da Palavra divina. Ele vai tecer na memória de seu lar, fios dourados e prateados que permanecerão brilhantes para sempre. Ele manterá continuamente aberto um caminho entre o lar e o céu, estabelecendo uma escada desde a pedra do lar na terra até a casa do Pai na glória, na qual os anjos irão e virão continuamente. Abençoado é o lar que tem seu altar familiar cujo fogo nunca se apaga. Mas triste é o lar, embora cheio de esplendores e da ternura do amor humano, no qual a família nunca se reúne para orar em conjunto.

É muito importante que o culto doméstico seja conduzido de maneira a interessar os membros mais jovens da família. Deve ser o exercício mais brilhante e agradável do dia! Em alguns casos tristes, torna-se cansativo e desgastante. Longos capítulos são lidos, e lidos de maneira sem vida e ininteligível. A oração é a

mesma, dia após dia, uma série de petições do tipo mais geral, alcançando todas as classes e condições de pessoas, exceto o pequeno grupo que se ajoelha sobre o altar. Tal oração abrange todas as grandes necessidades e desejos do mundo, exceto as necessidades e desejos da própria família que se une. Se o canto faz parte da adoração, o salmo ou hino não é cuidadosamente escolhido por sua adequação às experiências e corações daqueles que irão cantá-lo. Em todo o exercício, não há nada para atrair a atenção das crianças ou interessá-las no serviço sagrado. É dado como certo que porque é um ato religioso, que não pode ser agradável e atraente, que as crianças devem ficar quietas e ouvir atentamente, mesmo que o serviço seja monótono e cansativo. Os pais que tendem a fazer essas orações monótonas, acreditam ser evidência da depravação de seus filhos o fato de que eles se mexem e se contorcem em suas cadeiras, ou continuam com suas travessuras astutas enquanto o santo pai de olhos fechados está murmurando sobre sua oração estereotipada.

Mas não há razão no mundo para que os exercícios religiosos se tornem monótonos e cansativos. O culto familiar deveria ser de tal caráter, que seria antecipado com ansiedade e que suas memórias estariam sempre entre as lembranças mais sagradas do lar da infância. Cada parte do exercício deve ser animada por uma variedade agradável. Em vez de ser imponente e formal, deve ser simples e informal. Em vez de exigir que os filhos ouçam em silêncio enquanto o pai faz todo o culto sozinho, uma parte deve ser dada a cada membro.

De que maneira é melhor fazer isso, cada família deve decidir por si mesma. De fato, nenhum método é sempre o melhor, pois a variedade é um dos elementos de interesse. Em algumas famílias, a Escritura é lida de maneira alternada. Em outras, é lido responsivamente; o líder tomando um verso e todos os membros juntos no seguinte. A questão da seleção das passagens a serem lidas é importante. Alguns chefes de família seguem a ordem da própria Bíblia, percorrendo-a no curso, não omitindo um capítulo ou versículo, tropeçando até na longa lista de nomes das Crônicas. Muitos, nestes últimos dias, leem a seleção designada para o dia nas *Leituras Domésticas*. Este é um bom método, pois ajuda na preparação da lição para a semana, reunindo toda a leitura e estudo dos sete dias em torno de alguma passagem da Escritura na qual as crianças estão particularmente interessadas naquele momento.

Uma lição tópica ocasional é agradável e útil. Por exemplo, no domingo de manhã, deixe a leitura consistir em versículos em breves passagens de diferentes partes da Bíblia, todas relacionadas ao tema central da lição do dia. Em algum dia da primavera, que todos os versículos que se referem a flores e plantas sejam selecionados e lidos. Quando a primeira neve cair, que todas as passagens relacionadas à neve sejam reunidas da Bíblia, com uma palavra apropriada a respeito de cada uma. Isso aumentará o interesse nesses exercícios, se o tópico for anunciado com antecedência e cada membro da família for solicitado a encontrar tantos versículos quanto possível relacionados a ele.

Toda a leitura das Escrituras no culto familiar será iluminada e o interesse das crianças será intensificado por uma observação explicativa ocasional ou por um incidente que ilustre o pensamento.

O canto deve fazer parte da adoração sempre que possível. Ocasionalmente, por exemplo, nas noites de domingo, será proveitoso realizar um pequeno culto familiar, lendo um ou dois versículos das Escrituras e depois cantando uma estrofe de um salmo ou hino apropriado ao sentimento da passagem bíblica.

A oração no culto doméstico deve ser breve, principalmente quando as crianças são pequenas. Deve ser livre de todas as frases estereotipadas, expressa em linguagem simples para que todos possam entender. Deve ser uma oração pela família em cujo altar é oferecido, não omitindo totalmente os interesses externos, mas certamente incluindo os interesses da própria família. Deve ser terno e pessoal, frequentemente chamando os membros pelo nome e levando ao Senhor as necessidades particulares de cada um, lembrando-se de qualquer um que esteja doente, com problemas ou exposto a perigos ou tentações. Alguma parte da oração também pode ser dada às crianças. Se os filhos forem pequenos, podem repetir toda a oração depois do pai, frase por frase. A Oração do Senhor pode ser usada no final, todos unidos nela. Dessa forma, toda a família se interessará pela adoração, e ela se tornará um exercício agradável, cheio de proveito, instrução e rica em influências para o bem.

Mas o culto familiar não é suficiente. Há lares onde a oração nunca é omitida, mas nos quais não há o espírito de Cristo. Mas somente o espírito de Cristo em um lar, torna um lar verdadeiramente cristão. Se o altar está no meio, toda a vida da casa deve ser preenchida com o incenso que queima sobre ele. Existem alguns campos de grama dos quais nos dias de verão sobe uma doce fragrância, embora não haja uma flor à vista. Mas quando você separa a grama alta e olha para baixo entre suas raízes, lá, perto do chão escondido sob a grama vistosa e ondulante, você vê multidões de pequenas flores, modestas e humildes, derramando um aroma delicado e delicioso, permeando todo o ar. Há casas em que não há nada notável em termos de grandeza ou elegância, mas a própria atmosfera quando você entra é cheia de doçura, como o cheiro de um campo que o Senhor abençoou. É o aroma do amor, o amor de Cristo derramado nos corações humanos. A verdadeira religião é vivida lá. As orações diárias trazem o espírito do Céu. Cristo habita lá, e sua abençoada influência enche de ternura divina toda a vida doméstica.

Foi dito de um lar, que “ele parecia uma oração.” Se quisermos tornar nosso lar um lar verdadeiramente cristão, então nossa vida diária deve ser como nossas orações diárias. Se os membros da família discutem e brigam, o fato de o pai ser pastor e a mãe ser presidente de uma sociedade de senhoras, não torna o lar religioso. Se uma bênção é pedida à mesa antes do início da refeição, e se então, em vez de uma conversa alegre e afetuosa, a conversa à mesa é composta de críticas à comida, de disputas

mal-humoradas e brigas amargas, de nada adianta. O mero pedido de uma bênção, dificilmente torna a comunhão agradável. Se o culto familiar é observado com fidelidade escrupulosa, e os membros se apressam para violar as mais simples lições de amor e bondade cristã em sua comunhão como família, o fato de haver culto familiar não torna um lar cristão. As orações devem ser vividas. As lições das Escrituras devem encontrar seu caminho para o coração e depois para o discurso e para a conduta. As canções devem ser cantadas repetidamente, durante todo o dia na comunhão doméstica.

O mesmo artista alemão mencionado na abertura deste capítulo, que fez uma estátua tão maravilhosa do Salvador, acreditava firmemente que ele havia visto Cristo em uma visão, e que a forma que ele havia esculpido no mármore era a própria imagem da pessoa gloriosa que ele havia visto. Depois disso, ele ficou famoso e foi solicitado a fazer estátuas de certas divindades pagãs. Mas ele recusou, dizendo: “Um homem que viu Cristo cometeria um sacrilégio se empregasse sua arte na escultura de uma deusa pagã. Minha arte é doravante uma coisa consagrada”. Os lábios que pronunciaram as palavras sagradas da oração familiar nunca devem falar palavras amargas, iradas ou rudes. Uma casa na qual o altar foi montado é, a partir de então, um local consagrado. Entregar-se a brigas e contendas é um sacrilégio! O lar com um “altar consagrado” para o Senhor, santo para o Senhor, deve ser uma cena apenas de amor e ternura, de alegria e paz.

Diz-se que na *Groenlândia*, quando um estranho bate à porta, ele pergunta: “Deus está nesta casa?” Se a resposta for “sim”, ele entra. Da mesma forma, bênçãos e alegrias param em nossas portas e batem para perguntar se Deus está em nossa morada. Se sim, elas entram; se Ele não estiver, elas fogem, pois não entrarão ou permanecerão em um lar ímpio.

Uma jovem estava trabalhando como empregada em uma casa rica, que não tinha nenhum momento de oração. Depois de passar uma noite sob o teto, ela procurou sua patroa pálida e agitada e disse que não podia mais ficar com ela. Quando pressionada por sua razão, ela finalmente respondeu que estava com medo de viver e dormir em uma casa em que não houvesse oração. Não há bênçãos celestiais que entrarão ou permanecerão em um lar sem oração. Nenhum convidado divino está lá. Nenhuma asa de amor desce para cobrir a morada. É uma casa sem telhado, por assim dizer, pois está escrito que Deus derramará sua fúria sobre as famílias que não invocam seu nome. Mas no lar onde Deus habita, as mais ricas bênçãos do Céu vêm, e vêm para ficar! Anjos acampam ao seu redor. É coberto, com as asas de Deus. Suas alegrias são todas adoçadas pela alegria divina. Suas tristezas são todas confortadas pela simpatia divina. Sua bênção repousa sobre todos os que saem de suas portas. É o vestíbulo para o próprio céu!

Não há herança que o pai mais rico possa legar a um filho, que se compare, por um momento, com a influência e bênção de um lar verdadeiramente piedoso. Dá a toda a tendência da vida, nos

anos eternos, tal direção e tal impulso, que nenhuma influência posterior, nenhum ensino falso, nenhuma tentação terrível, nenhuma calamidade obscura, pode desviá-lo completamente de seu curso. Por algum tempo, pode ser desviado por algum poderoso poder do mal, mas se o trabalho no lar tiver sido verdadeiro e profundo, permeando toda a natureza, o desvio da retidão será apenas temporário.

Se os pais derem dinheiro aos filhos, eles podem perdê-lo em algumas vicissitudes da vida. Se eles deixarem para eles uma casa de esplendor, eles podem ser expulsos dela. Se eles passarem para eles como herança um nome honrado, eles podem manchá-lo. Mas se eles encherem o coração com as sagradas influências e memórias de um feliz lar cristão, nenhuma calamidade, nenhuma grande tristeza, nenhum poder do mal, nenhuma perda terrena poderá roubá-los de suas sagradas posses. As canções cantadas nos lares se repetirão nos anos de árduo dever. Os ensinamentos familiares se entrelaçarão em uma fibra de caráter, rica em sua beleza e invulnerável como uma armadura. As orações feitas em casa prenderão a alma com correntes de ouro, presas aos pés de Deus. Então, à medida que os anos passam e o antigo lar terreno se desfaz, as santas influências e lembranças de um feliz lar cristão atraem a alma para uma vida melhor.

Pois existe um lar do qual este lar terreno, mesmo no seu melhor, é apenas um tipo. Naquela casa, Deus está reunindo a grande família. A família cristã que está quebrada ou espalhada aqui será reunida lá.

Um pai e seu filho naufragaram no mar. Eles se agarraram ao cordame por um tempo, e então o filho foi levado. O pai supôs que ele estava perdido. Pela manhã, o pai foi resgatado em estado inconsciente e, depois de muitas horas, acordou na cabana de um pescador, deitado em uma cama macia e quente. Ele virou o rosto e ali estava seu filho deitado ao lado dele na mesma cama. Da mesma forma, um a um de nossas famílias serão arrastados para o mar da morte. Nossas casas ficarão vazias e nossos laços mais queridos serão quebrados. Mas em Cristo Jesus, despertaremos no mundo eterno, para ver ao nosso lado novamente, aqueles que perdemos aqui, mas que na realidade, apenas foram antes de nós para o lar eterno!



MEMÓRIAS DE CASA

Estamos todos fazendo em nosso hoje, as memórias de nossos amanhãs. Se estas serão agradáveis ou dolorosos de contemplar, depende se estamos vivendo da maneira agradável a Deus ou não. A memória escreve tudo, e seremos obrigados a ver tudo, perpetuamente. Houve autores que, em seus últimos dias, dariam mundos para recuperar as palavras que escreveram. Houve homens e mulheres que dariam a mão direita para apagar as memórias de certas passagens de suas vidas, certos atos praticados, certas palavras enviadas para espalhar o pecado ou a tristeza.

Por outro lado, há memórias que derramam uma bênção perpétua. Houve artistas cujos olhos olharam na velhice para os quadros que pintaram, encontrando raro prazer na contemplação

das coisas adoráveis que fizeram; e há corações que são galerias de imagens cheias de memórias de doçura, pureza e altruísmo.

> *Cada um de nós está se preparando para si mesmo, a casa que nossas almas devem viver nos próximos anos.*

Os jovens devem colher as coisas doces da vida; as flores, os odores fragrantes que estão por toda parte, para que a velhice seja revestida de alegria. Não percebemos quanto da felicidade de nossos anos futuros dependerá das coisas que estamos fazendo hoje. É a nossa própria vida que dá cor aos nossos céus e tom à música que ouvimos neste mundo. Um homem pode mudar de casa ou vizinhos ou companheiros ou circunstâncias, mas ele não pode fugir de seu próprio passado. A música ou a discórdia que soa em seu ouvido, ele pode pensar que é feita por outras vozes, mas é realmente o eco de seus próprios “ontens”.

A música que ouvimos com o passar dos anos, seja doce ou amarga, é apenas a pulsação de nossos próprios corações. Podemos pensar que vem de fora e podemos culpar nossas circunstâncias se estivermos infelizes, mas na verdade é o lamento das memórias de nossas próprias vidas, no passado, que nos entristece.

O que é verdade para nossas vidas individuais também é verdade para nossos lares. Estamos criando suas memórias dia após dia e ano após ano, e o que elas serão no futuro dependerá da vida doméstica que estamos vivendo agora. Podemos fazer de

nosso lar um palácio, enchendo-o de delícias, cobrindo as paredes com belos quadros, plantando flores para encher os salões e aposentos com fragrância e pendurando gaiolas de pássaros em todos os lugares para derramar doces notas de música; ou podemos cobrir as paredes com imagens horríveis e espectros medonhos para olhar para nós, e plantar apenas sarças e espinhos nas portas para se exibir em nossos rostos quando nos sentamos na escuridão do anoitecer da vida. Podemos tornar as lembranças de nosso lar tão ternas, tão preciosas, tão sagradas, que cada vida que sai de nossas portas carrega consigo uma bênção onde quer que passe. Ou podemos fazer de nossas memórias um travesseiro perpétuo de espinhos para nossas cabeças, um fardo de amargura e angústia que nunca será levantado ou removido.

Não há necessidade de argumentação para provar a influência das memórias do lar, na formação do caráter. Quando o lar da infância de alguém é verdadeiro e doce, suas memórias nunca podem ser apagadas. Seu ensinamento pode ser ignorado por muito tempo e a vida pode ser um desperdício miserável. O pecado pode varrer a alma como uma chama devoradora, deixando apenas ruínas enegrecidas. As tristezas podem extinguir toda alegria e esperança e a vida pode ser esmagada e quebrada. Mas a memória do primeiro lar vive como uma estrela solitária queimando na escuridão da noite. Mesmo em festas e farras, sua imagem flutua na mente como um sonho. Suas vozes de amor, oração e música voltam como melodias de alguma ilha distante no

mar, quando os lábios que as exalaram pela primeira vez há muito se calam na sepultura.

Deve haver um motivo poderoso nessa verdade, para nos levar a observar o caráter das memórias que fazemos em nossos lares; como aqueles que saem de nossas portas serão afetados mais tarde na vida, pelo que se lembram de seu antigo lar. A memória será terna, restritiva, refinada e inspiradora? Ou será triste, amarga e uma maldição?

A mãe de *Cowper* morreu quando ele tinha apenas seis anos de idade, mas a impressão causada pelo caráter dela foi tão profunda que ele disse que não houve um dia em todos os anos de sua masculinidade em que não se lembrasse dela e não pensasse nela. A lembrança de sua ternura pairava sobre ele como um suave céu de verão. Será assim com as crianças que agora brincam em nossas casas? A mãe que lê essas palavras impressiona tanto a terna vida de seus filhos com a bondade de seu próprio caráter, que a memória e a influência permanecerão quando seus cabelos ficarem brancos com a idade e quando ela estiver muito longe de seus filhos?

Alguém escreveu este testemunho: “Muitas noites, pelo que me lembro, deitado silenciosamente no pequeno quarto superior, antes de o sono chegar, havia passos suaves na escada, a porta se abria silenciosamente e, em um momento, a forma bem conhecida, deslizando suavemente a escuridão, apareceria ao lado da minha cama. Primeiro, haveria algumas perguntas agradáveis de afeto, que gradualmente se aprofundariam em palavras de

conselho. Então, ajoelhada, com a cabeça perto da minha, suas esperanças e desejos mais sinceros fluíam em oração. Quão grandemente uma mãe pode orar por seu filho! Suas lágrimas evidenciavam a seriedade de seu desejo. Eu pareço senti-las ainda, onde às vezes elas caiam no meu rosto. Levantando-se, com um beijo de boa noite, ela se ia. As orações frequentemente passavam do pensamento no sono e não voltavam à mente por anos, mas nunca foram perdidas. Elas foram guardadas em segurança em algum lugar secreto da memória, pois reaparecem com uma beleza mais brilhante do que nunca. Acredito de bom grado que elas eram um vínculo invisível com o céu que secretamente me preservou enquanto eu me movia descuidadamente em meio a inúmeras tentações e caminhava à beira do crime".

Toda mãe deve tentar inserir essas lembranças nos primeiros anos da vida de seus filhos. Não há maneira mais segura de prendê-los com correntes de ouro ao trono de Deus. Onde está a mãe ocupada que não consegue encontrar tempo suficiente para passar assim, alguns momentos, todas as noites com cada filho antes de adormecer, em conversas doces e amorosas; e oração terna e sincera? Longe dos anos, a memória de tais momentos sagrados proverá, uma inspiração no desânimo, um segredo da vitória na luta árdua, uma mão para conter o pecado em tempos de feroz tentação.

Deus colocou assim nas mãos dos pais em seu próprio lar, um poder maior do que aquele que reis e rainhas exercem, e que deve

resultar no bem ou no infortúnio de seus filhos. Certamente valeria a pena fazer qualquer sacrifício de conforto ou prazer pessoal para transmitir um legado de memórias sagradas que permanecerão todos os anos, como uma hoste de anjos puros pairando sobre aqueles que amamos, para guardá-los e guiá-los.

Há uma classe particular de memórias domésticas sobre as quais algumas palavras devem ser ditas. Estas são as memórias que fazemos em nossa comunhão uns com os outros. *Washington Irving* escreveu: “Ah! Vá para o túmulo do amor enterrado e medite. Acerte as contas com sua consciência, de todo carinho passado desconsiderado daquele ser que partiu que nunca, nunca pode ser acalmado pela contrição. Se você é uma criança e já acrescentou uma tristeza à alma ou um sulco à testa prateada de um pai afetuoso; se você é um marido, e já fez com que o seio carinhoso que arriscou toda a sua felicidade em seus braços duvidasse um momento de sua bondade ou de sua verdade; se você é um amigo e já feriu por pensamento, palavra ou ação o espírito que generosamente confiou em você; se você é um amante e já deu uma pontada imerecida ao verdadeiro coração que agora está frio sob seus pés, então certifique-se de que todo olhar cruel, toda palavra mesquinha, toda ação mesquinha, voltará à sua memória e baterá tristemente em sua alma; tenha certeza de que você se deitará triste e arrependido na sepultura, proferirá o gemido inédito e derramará a lágrima inútil e amarga”.

A lembrança contínua dessa verdade suavizaria todos os nossos tons e daria suavidade a todas as nossas ações em nossa

comunhão doméstica. Se pudéssemos ter em mente o tempo todo, como a memória da indelicadeza, amargura ou egoísmo, um para com o outro, vai doer nossos corações quando um for levado e o outro deixado, seria um dos mais poderosos de todos os motivos para os membros de uma família viver juntos em unidade.

Um amigo pessoal relata este incidente: “Foi em uma brilhante manhã de inverno que um jovem, notável por sua gentileza de maneiras e bondade de coração, saiu da casa de seu pai para sua ocupação diária. Dentro de meia hora, de repente e sem aviso, ele foi chamado para a eternidade, e sua forma sem vida foi carregada para a casa que ele havia deixado tão feliz, algumas horas antes. Pais, irmãos e irmãs consolavam-se mutuamente da melhor maneira que podiam, mas a irmã mais próxima em idade, cujo amor e gentileza para com ele ninguém questionaria, parecia ter uma tristeza peculiar. Ela disse: ‘Não fui gentil com ele quando ele saiu de casa esta manhã’”.

Ninguém jamais soube ao que ela estava se referindo. Pode ter sido um senso de delinquência muito agudo que causou a dor amarga em seu coração, ou pode ter sido uma palavra ofensiva dita, ou talvez a mera ausência da ternura usual. Com sua natureza amorosa e sua gentileza infalível para com este irmão, não poderia ter sido nada realmente indelicado. No entanto, isso lhe causou uma dor muito forte quando ela olhou para o rosto morto. Ele não podia ouvir seu pedido agora para perdoá-la, nem qualquer sinal de amor pródigo agora poderia expiar o que lhe causou dor. Ela não tinha sido tão gentil com ele como de

costume, na despedida naquela manhã, e a lembrança aumentou muito a dor de seu coração amoroso e terno por sua perda repentina.

Em uma ensolarada manhã de verão, um jovem despediu-se da esposa e do bebê e foi trabalhar. Antes do meio-dia houve um acidente na rua; o andaime em que ele trabalhava cedeu e seu corpo sem vida foi levado de volta para sua casa, de onde apenas algumas horas antes ele havia saído tão feliz. O choque foi terrível, embora a notícia tenha sido dada com a maior delicadeza possível; mas houve um consolo que veio com um poder maravilhoso para o coração esmagado da devotada jovem esposa. A última hora que passaram na companhia um do outro, pela manhã, foi particularmente feliz, e sua despedida na porta foi extraordinariamente terna. Ela não havia sonhado na época que seria sua última conversa juntos, mas não houve uma palavra dita que causasse uma lembrança dolorosa, agora que ela nunca mais o veria, nem falaria com ele novamente neste mundo. Cada lembrança daquela conversa tranquila à mesa do café da manhã, do culto matinal quando eles se ajoelharam lado a lado em oração e da terna despedida na soleira da porta, era cheia de conforto. Durante anos de solidão e viuvez, a lembrança daquela última hora foi uma fonte permanente de alegria em sua vida, como uma lâmpada de paz sagrada.

Esses dois incidentes ilustram a importância da ternura e afeição ininterruptas na comunhão familiar. Em cada momento de nossa comunhão no lar, estamos criando memórias que podem se

tornar para nós uma fonte de prazer ou dor, por longos anos futuros. Nunca podemos dizer quando estamos tendo nossa última conversa juntos, ou nossa última refeição, ou quando nos despedimos na porta para nunca mais nos encontrarmos. Suponha, então, que ao sair de manhã você tenha um pequeno conflito ou briga com alguém da família a quem você realmente ama, e você se separe, talvez com raiva, com palavras duras. Você não vê como essa separação pode se tornar uma amargura vitalícia para você? A morte pode chegar a um de vocês para impedir que se encontrem novamente e então a última memória será de dor. Oh, quão grande motivo você tem para tornar a comunhão doméstica terna e amorosa, sem interrupção, de modo que qualquer palavra falada, mesmo que seja a última, deixe uma memória sagrada para os anos solitários!

Tão incerta é a vida, que qualquer despedida pode ser para sempre. Nunca temos certeza de que teremos a oportunidade de desdizer a palavra irada. A única maneira segura é tornar a comunhão de cada hora na casa, tão doce que, se fosse a última, deixaria uma lembrança sem arrependimento.

Há outra classe de lembranças que, mais cedo ou mais tarde, passam a fazer parte da história de cada lar. São lembranças de tristezas e perdas. Não há lar em que a dor não chegue, de alguma forma. Quase toda casa tem sua gaveta secreta, que raramente é aberta, que contém os vestidos, os sapatinhos, as bonecas ou os brinquedos de um amado que Deus levou.

Ou talvez não tenha sido uma criança que morreu, mas alguém que viveu para crescer em toda a vida do lar e se tornou sua inspiração. A tristeza não é a mesma; a sensação de perda é diferente. Quanto mais tempo temos os entes queridos em nosso abraço, mais há para lembrar, mais toques são deixados nas coisas sobre nós, para tocar nossos corações.

Ou pode não ter sido no luto que a tristeza veio. Ah! Há dores piores do que aquelas que a morte causa! Há perdas que deixam um vazio mais negro do que quando a tampa do caixão se fecha no rosto e a grama cresce verde sobre o túmulo de alguém que não veremos mais neste mundo.

Não precisa de mão hábil para tocar e despertar as memórias de tristeza em quase todos os lares. Às vezes, toda a vida familiar foi transformada em um tom de tristeza, por uma dor mais amarga do que o comum. Às vezes, foi um golpe mais suave que caiu, e o efeito é apenas um aprofundamento da seriedade e consideração, uma suavização do tom da fala, uma crescente ternura em toda a comunhão. Mas, mais cedo ou mais tarde, a música de cada lar deve ter seus acordes menores. Haverá uma imagem que estará guardada. Haverá uma cadeira vaga. Haverá uma coroa sagradamente mantida sob um vidro. Haverá lembranças de alguém que não vem mais. Haverá canções que, quando cantadas, sufocarão todas as vozes. Haverá livros cujas páginas têm uma linguagem para o coração, não impressa em palavras. Haverá lugares e cenas que trazem mil memórias sagradas.

Tais memórias afetam a vida doméstica. Elas podem acalmar e às vezes entristecer. A tristeza nem sempre é suportada corretamente. Às vezes apaga todas as luzes. Mas se for suportada com o espírito certo, deixa uma bênção. A tristeza não torna nenhum lar cristão verdadeiro menos terno. Em vez disso, torna tudo mais interessante. O luto aproxima os membros. Nunca nos amamos tanto; nunca somos tão gentis uns com os outros, tão atenciosos, tão altruístas, como quando uma dor comum nos tocou a todos. De fato, a dor santificada transfigura um lar. Isso traz mais do céu para dentro do lar. O luto varre algo da mundanidade que sempre se apega ao amor não castigado. Traz à tona muitas das melhores qualidades da vida familiar. Isso tira um pouco da dureza de cada coração. Aprofunda o sentido da vida. Se a música não estiver tão alta depois, ainda assim é mais doce. Se a alegria é menos turbulenta, é mais rica e plena depois que a dor chega.

Pode-se dizer com verdade que nenhum lar jamais atinge sua maior bem-aventurança e doçura de amor, e sua mais rica plenitude de alegria, até que a tristeza entre em sua vida de alguma forma. A melhor música no lar só pode ser trazida no fogo do julgamento.

Você já se sentou em uma noite de inverno diante de uma lareira antiquada com seu tronco de madeira em chamas? Enquanto você se senta ali e observa o fogo queimando ao redor da tora, você começa a ouvir um som suave, talvez uma nota musical clara, ou um tenro e trêmulo acorde, melancólico e triste. Às vezes soa como um coro inteiro de cantos de pássaros; às vezes

se extingue em um leve murmúrio. O que é isso? Existem pássaros escondidos na chaminé que emitem essas notas estranhas? Existem espíritos invisíveis pairando sobre a sala, que exalam essas melodias melancólicas? Não, a música vem da lenha no fogo. As chamas começam a cantar. Agora nas chamas quentes, toda essa longa música adormecida é trazida.

Isso é apenas uma fantasia bastante poética, no que diz respeito à música da lenha na lareira; mas não é mera fantasia que a música mais doce e completa do lar não seja prolongada até que cheguem os fogos da provação. As notas de alegria dos pássaros, que gorjeiam nos ouvidos nos dias ensolarados da infância e juventude, afundam no coração e se escondem lá. As lições, as influências, a alegria, a paz, de dias tranquilos e prósperos, parecem ter se perdido. A vida não parece produzir sua verdadeira medida de alegria. Então os fogos da provação se acendem nas chamas, e a longa música aprisionada é libertada e flui para fora. Todos nós conhecemos vidas das quais esta realidade é um fato. As canções mais ricas do mundo foram cantadas no meio das fogueiras quentes.

O que é verdade para a vida individual também é verdade para a vida doméstica. Nosso amor um pelo outro pode ser verdadeiro e profundo nos dias ensolarados, mas nunca atinge seu desenvolvimento mais rico até que a dor ou o sofrimento nos toque e evoque toda a riqueza oculta do afeto. O amor da mãe por seu filho, por mais rico e profundo que seja, nunca atinge sua plenitude de abnegação e sacrifício, até que a criança esteja

doente ou com alguma dor e a mãe se debruce sobre ela com solicitude e ministério altruísta.

O mesmo se aplica a todas as afeições domésticas. É o fogo que traz à tona a música aprisionada. A família que suportou a dor no verdadeiro espírito de fé e resignação, fica, com um amor mais rico e terno. Marido e mulher que se curvam lado a lado sobre uma criança morta, são atraídos um pelo outro como nunca antes. As outras crianças se tornam mais queridas pelos pais depois que uma foi levada. Irmãos e irmãs ficam mais pacientes e atenciosos uns com os outros, quando seu círculo é rompido. Uma cadeira vazia tem um poder maravilhoso de abrandar os corações do lar e refinar os sentimentos da natureza.

Assim, as memórias de tristeza e provação em um lar verdadeiramente cristão não são notas discordantes na música, mas tornam-se realmente suas vozes mais doces. Com o passar dos anos, a lembrança de perdas e decepções perde sua amargura e se torna uma fonte de alegria e não de dor.

Por isso, muitas vezes as lembranças mais ternas e ricas de um lar são as lembranças de suas tristezas. São correntes de ouro que unem os corações no mais terno aperto. Quando a fé cristã domina o coração, as lembranças da dor e da perda tornam-se inspiradoras de novas esperanças. Somos mais ricos por termos amado, embora tenhamos perdido.

Somos mais ricos também por termos sofrido, se sofremos com resignação e confiança em Deus. Então, também somos mais ricos em bens imortais. Nossos santos mortos não estão perdidos

para nós; eles apenas passaram para uma vida mais elevada, mais plena e mais segura, onde estão seguros para sempre contra perigos e provações.

Não são todos os lares cujas memórias são uma herança tão abençoada. Um lar ímpio não tem laços sagrados para ligar os jovens à verdade, à virtude e ao amor. A comunhão de uma família desamorosa não deixa tais fontes de alegria nos corações de seus membros. Em um lar sem Cristo e sem oração, as tristezas não são transfiguradas e transformadas em bênçãos. É somente onde Cristo é um hóspede que a vida doméstica é enriquecida e iluminada. Isso é o que santificará toda influência e santificará toda memória.

É importante para nós ter certeza de que temos o próprio Cristo em nossa casa. Se Cristo for realmente lembrado diariamente e a cada hora no lar, se sua presença for conscientemente percebida e seu poder transformador sentido em cada coração, e se tudo for feito e cada palavra for dita em Seu nome, a vida familiar será permeada pelo espírito do céu, e as memórias do lar serão abrasadas com toda a ternura sagrada do amor mais caloroso.

Estamos nos movendo rapidamente por este mundo. Em breve, tudo o que restará de nós serão as memórias de nossas vidas. Nenhuma parte de nosso trabalho proporcionará um teste tão verdadeiro de nossa vida quanto os memoriais que deixamos para trás em nossos lares. Nenhum outro trabalho que Deus nos dá para fazer é tão importante, tão sagrado, tão abrangente em

sua influência, tão delicado e facilmente arruinado, como o nosso lar. Este é o trabalho de toda a nossa vida, esse é o trabalho mais divino. O carpinteiro trabalha com madeira, o pedreiro trabalha com pedra, o ferreiro trabalha com ferro, o artista trabalha com a tela, mas a dona de casa trabalha em vidas imortais. A madeira, a pedra, o ferro ou a tela podem ser danificados e isso não terá grande importância em cinquenta anos; mas os efeitos ainda serão vistos em cinquenta anos, se uma alma humana tenra for prejudicada em seu treinamento inicial. O que quer que menosprezemos, que nunca permitamos que seja nosso lar. Se nada mais fazemos bem neste mundo, vamos pelo menos nos dedicar diligentemente dentro de nossas próprias portas.

A última canção e a mais bonita que *Mozart* cantou, foi seu *Requiem*. Ele havia se empenhado nessa peça requintada por várias semanas; sua alma estava cheia de inspirações da mais rica melodia. Depois de dar o último toque e insuflar nele aquele espírito eterno de canção que o consagraria para sempre, ele caiu em um sono suave e tranquilo. Por fim, os passos leves de sua filha o despertaram.

“Venha cá, minha *Emilie*”, disse ele; “minha tarefa está cumprida. O *Réquiem*, meu *réquiem*, acabou.”

“Não diga isso, querido pai”, falou a gentil menina; “você está se recuperando. Posso ver que sua bochecha está mais rosada”.

“Não se engane, minha filha”, disse o pai moribundo; “esta forma desperdiçada nunca pode ser restaurada pela ajuda humana. Tome estas, minhas últimas notas; sente-se aqui ao meu

piano e cante-as com os hinos de sua santa mãe. Deixe-me ouvir mais uma vez aqueles tons que há tanto tempo têm sido meu consolo e deleite.”

Emilie obedeceu, com a voz enriquecida pela mais terna emoção. Então, afastando-se do piano quando terminou, ela procurou em silêncio o sorriso de aprovação de seu pai, mas, em vez disso, havia apenas o sorriso imóvel e impassível que o espírito arrebatado havia deixado com o selo da morte em suas feições. Ele tinha ido para casa nas asas de seu próprio *Requiem*.

Não há *réquiem* tão doce para o espírito que parte, como as memórias sagradas de um verdadeiro lar. Farão músicas no coração, em seus últimos momentos, inspiradoras como as canções dos anjos.

Que Deus ajude cada um de nós a viver em casa com tanta ternura altruísta, de maneira tão amorosamente, que as memórias que fazemos dentro de nossas próprias portas sejam nosso próprio *réquiem* mais sagrado, com o sopro do qual nossos espíritos podem ser levados para a glória, para o nosso verdadeiro Lar Celestial!



QUEM FOI J. R. MILLER?

James Russell Miller (20 de março de 1840 - 02 de julho de 1912) era um autor popular Cristão. Ele foi o Superintendente Editorial do Conselho Presbiteriano de Publicação e pastor de várias igrejas na *Pensilvânia e Illinois*.

J.R. Miller nasceu nas proximidades de *Frankfort Springs, Pensilvânia*, nas margens do *Big Traverse*. Seus pais eram *James Alexander Miller* e *Eleanor Creswell*. *Miller* foi a segunda criança de vários filhos, mas sua irmã mais velha morreu antes que ele nascesse. *James* e seus irmãos frequentaram a escola distrital em *Hanover Township*, *Beaver County* em *Pensilvânia*. Mas quando *James* atingiu a idade de catorze anos, seus pais mudaram-se para uma fazenda perto de *Calcutá, Ohio*. As crianças iam para o distrito escolar durante os curtos invernos e trabalhavam na fazenda durante o verão.

Em 1857, *James* entrou *Beaver Academia* e em 1862 foi para o *Westminster College* em *Pensilvânia*, onde se formou em junho de 1862. Em seguida, no outono daquele mesmo ano, ele entrou para o seminário teológico da *Igreja Presbiteriana Unida* em *Allegheny*, *Pennsylvania*.

Mr. Miller retomou seus estudos interrompidos no *Seminário Teológico*, no outono de 1865 e terminou seus estudos na primavera de 1867. Naquele verão, ele aceitou um chamado da igreja *The First United Presbyterian Church of New Wilmington, Pensilvânia*. Foi ordenado no dia 11 de setembro, 1867.

Rev. Miller acrediva firmemente nas doutrinas professadas pela *Igreja Presbiteriana Unida*, no qual ele tinha sido criado, mas ele não gostava da regra que exigia o canto exclusivo dos Salmos, e ele sentiu que não era honesto para ele professar este como um dos artigos de sua fé cristã. Portanto, ele renunciou ao pastorado e buscou-se filiar-se como membro da *Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos*.

Em seus dois anos como pastor, quase duzentos nomes foram acrescentados à membresia da igreja. A velha e nova escola Presbiteriana foram unidas com a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos em 12 de novembro de 1869, e o *Rev. Miller* tornou-se pastor da *Bethany Presbyterian Church* de *Filadélfia* apenas nove dias depois.

Em 1878, quando ele renunciou seu cargo, da igreja que ele pastoreava, que era a maior igreja Presbiteriana na *Filadélfia*, com cerca de mil e duzentos membros; *Rev. Miller,* em seguida, aceitou

o pastorado da Igreja Presbiteriana *New Broadway* em *Rock Island, Illinois*.

Em 1880 o *Westminster College*, conferiu-lhe o grau de Doutor em Divindade e mais tarde no mesmo ano, veio o convite para realizar um trabalho editorial para o *Conselho Presbiteriano de Publicação* na *Filadélfia*. Por causa disso, o *Dr. Miller* teve que renunciar o pastoreio de sua igreja em *Rock Island*, *Illinois*.

Na Filadélfia, *J. R. Miller*, tornou-se interessado na *Missão Hollond* e, eventualmente, tornou-se o pastor dessa missão. Durante os dezesseis meses de pastorado, o rol de membros da igreja foi de 259 para 1.164 pessoas e os membros da Escola Dominical foram de 1.024 para 1,475. No dia 29 de outubro de 1899, a Igreja *St. Paul* em *Filadélfia* foi iniciada com sessenta e seis membros. *Dr. Miller* foi escolhido e se tornou pastor dessa igreja em 1906. *Dr. Miller* permaneceu pastor da *St. Paul* até o ano de sua morte, 1912. A igreja, no período de sua morte, tinha 1.397 membros.

OUTROS TÍTULOS PRODUZIDOS POR NÓS



A Cruz
J.C. Ryle

O que você pensa e sente a respeito da cruz de Cristo? As vezes você vive em uma nação cristã. Provavelmente frequenta o culto de uma igreja cristã. Talvez tenha sido batizado em nome de Cristo. Professa e pensa ser um cristão. Tudo isto é o que se pode dizer de milhões no mundo. Mas tudo isto não é resposta à minha pergunta: "O que você pensa e sente sobre a cruz de Cristo"?

CLIQUE AQUI PARA LER



Um Guia Seguro para o Céu
Joseph Allaine

Alguns de vocês não sabem o que quero dizer com conversão, e em vão tentarei persuadi-los a algo que vocês não entendem. Portanto, para o seu bem, vou mostrar **o que é conversão.**

Outros nutrem esperanças secretas de misericórdia, embora continuem como estão. Para eles devo mostrar a **necessidade da conversão.**

Outros tendem a se endurecer com a vã presunção de que já estão convertidos. A eles devo mostrar **as marcas dos não convertidos.**

Outros, porque não sentem nenhum mal, não temem nenhum, e dormem como no topo de um mastro. A eles mostrarei a **miséria dos não convertidos.**

CLIQUE AQUI PARA LER

CLIQUE AQUI PARA LER



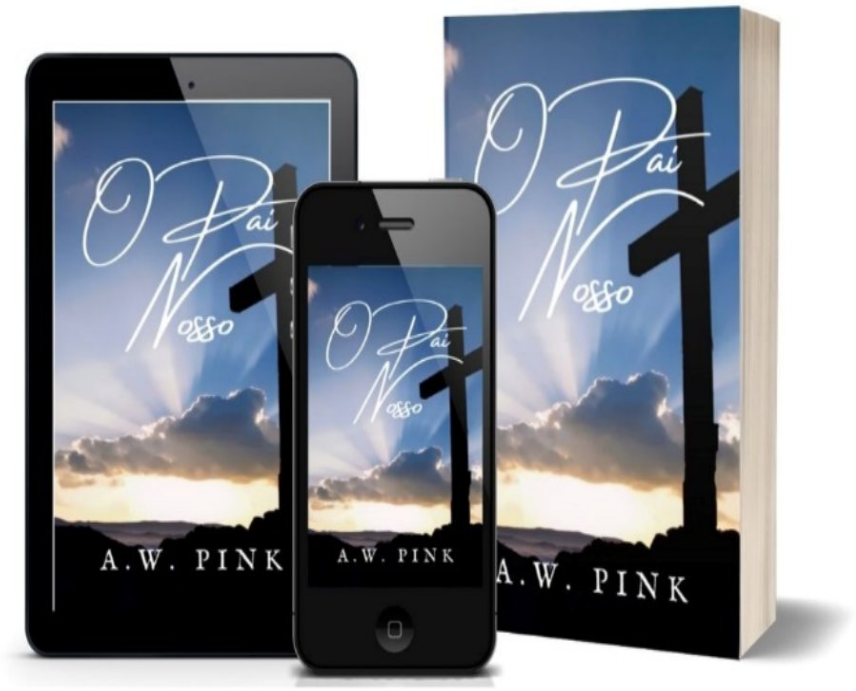
Satanás e Seu Evangelho

A.W. Pink

Tendo sido frustrado e derrotado então, em todos os pontos; tendo falhado em impedir a encarnação de nosso abençoado Senhor, tendo falhado em impedi-Lo de oferecer a Si mesmo como sacrifício pelo pecado, tendo falhado em manter Seu corpo nos confins da sepultura, cabe a nós indagar se Satanás desistiu em desespero ou não, se ele deixou de atacar a pessoa e a obra do Senhor Jesus, se ele mudou sua atitude em relação ao Filho amado de Deus; ou, se ele ainda está processando seus desígnios perversos, ainda se esforçando para frustrar os propósitos de Deus e se ele está ou não, agora, visando anular as virtudes da morte expiatória de

Cristo.

CLIQUE AQUI PARA LER



O Pai Nosso
A.W.Pink

"Santificado seja o Teu nome". Como é fácil proferir estas palavras sem pensar em sua importância solene! Ao procurar ponderá-las, quatro questões são naturalmente levantadas em nossas mentes. Primeiro, o que significa a palavra " santificado"? Em segundo lugar, o que significa o nome de Deus? Terceiro, qual é a importância de "santificado seja o Teu nome"? Quarto, por que esta petição vem em primeiro lugar?



A Rara Joia do Contentamento Cristão
Jeremiah Burroughs

O mistério do contentamento cristão será a obrigação, a glória e a excelência de um cristão.

- A natureza do contentamento cristão: O que é isso (Cap.1)
- A arte e o mistério disso (Cap.2)
- Quais lições devem ser aprendidas para trazer contentamento ao coração. (Cap. 3)
- No que principalmente consiste a gloriosa excelência dessa graça. (Cap.4)

CLIQUE AQUI PARA LER



A Importância da Bíblia
J.C. Ryle

Ao lado da oração não há nada tão importante na religião prática como a leitura da Bíblia. Deus misericordiosamente nos deu um livro que é "tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2 Timóteo 3:15). Lendo esse livro podemos aprender sobre o que acreditar, o que ser e o que fazer; como viver com conforto, e como morrer em paz. Feliz é aquele homem que possui uma Bíblia! Mais feliz ainda é aquele que a lê! O mais feliz de todos é aquele que não só lê, mas o obedece, e faz dela a regra de sua fé e prática!

CLIQUE AQUI PARA LER



O Atleta Celestial
John Bunyan

Amigos, Salomão diz que “O preguiçoso morre desejando” (Pv 21:25); e se assim for, o que a própria preguiça fará com aqueles que a entretêm? O provérbio é: “o que dorme na sega é filho que envergonha.” (Pv 10:5). E isto ouso dizer: nenhuma vergonha maior pode acontecer a um homem do que ver que ele enganou sua alma e pecou a vida inteira. E tenho certeza de que esta é a próxima maneira de fazer isso; ou seja, ser preguiçoso – preguiçoso, eu digo, na obra da salvação. A vinha do homem preguiçoso, em referência às coisas desta vida, não está mais cheia de sarças, urtigas e ervas daninhas fétidas do que aquele que é preguiçoso para o céu, tendo seu coração e alma sufocados; maldito pecado.

CLIQUE AQUI PARA LER



Deus Acima do Tempo
Angus Stewart

É claro e repetidamente ensinado na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, que Deus é eterno. Existe, porém, uma diferença de opiniões no significado da eternidade de Deus. Basicamente existem duas visões. Uma é que a eternidade de Deus significa que Ele é desde a infinidade passada e será na infinidade futura. Esta é a visão da eternidade de Deus como eterna ou sempiterna. A outra posição, defendida neste artigo, é que Deus está acima do tempo, que Ele não está no tempo e nem o tempo no Seu Ser.

CLIQUE AQUI PARA LER



Nas Pegadas do Cordeiro
George Steinberge

Na vida cristã nossa relação é com uma pessoa, não com uma doutrina. Ele nos deixou um exemplo. Podemos ser desviados pelas doutrinas, e podemos nos cansar delas [embora devamos nos esforçar para não fazê-lo], mas nunca nos cansamos de olhar para o Cordeiro e caminhar em Seus passos. Vamos passar toda a eternidade adorarando o Pai porque Ele nos deu o Cordeiro, não só como uma oferta ao pecado, mas também como guia! E como isso é abençoador para nós, especialmente em nosso tempo em que tantas vozes conflitantes chamam: "Aqui está o Cristo!" e "Veja! Ele está lá!

CLIQUE AQUI PARA LER



Orgulho e Humildade
C.H. Spurgeon

Quase todo evento tem seu prelúdio profético. É um ditado antigo e comum, que "os próximos eventos lançam suas sombras antes de acontecer"; o homem sábio nos ensina a mesma lição no versículo diante de nós. Quando a destruição caminha pela terra, ela lança sua sombra; está na forma de orgulho. Quando a honra visita a casa de um homem, ela lança sua sombra; está na forma da humildade. "Antes da ruína, gaba-se o coração do homem".

CLIQUE AQUI PARA LER



Praticando a Presença de Deus
Irmão Lowrence

Durante o inverno, vendo uma árvore despojada de sua folhagem, e considerando que em breve voltariam a brotar as suas folhas e depois apareceriam as flores e os frutos, Irmão Lourenço recebeu uma visão da Providência e do Poder de Deus que nunca se apagou de sua alma. Esta visão o liberou totalmente do mundo, e incendiou nele um grande amor por Deus. Tão grande era esse amor que ele não podia se dizer que tinha aumentado nos quarenta anos que se passaram.

CLIQUE AQUI PARA LER